

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
APLICADAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO**

FELIPE MANOEL ZANGARI FLOR

**A DEVOÇÃO MARIANA PELAS ONDAS DO RÁDIO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROGRAMA
CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA**

**CAMPINAS
2019**

FELIPE MANOEL ZANGARI FLOR

**A DEVOÇÃO MARIANA PELAS ONDAS DO RÁDIO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROGRAMA
CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA**

Dissertação apresentada como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Breno Martins Campos.

PUC-CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica elaborada por Talita Andrade Rodrigues CRB 8/9675
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

621.384
F632d

Flor, Felipe Manoel Zangari

A devoção Mariana pelas ondas do rádio: Um estudo de caso sobre o Programa Consagração a Nossa Senhora Aparecida / Felipe Manoel Zangari Flor. - Campinas: PUC-Campinas, 2019.

111 f.: il.

Orientador: Breno Martins Campos.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Rádio - Sistemas de Comunicação. 2. Religiosidade. 3. Comunicação de massa. I. Campos, Breno Martins. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

CDD - 22. ed. 621.384

FELIPE MANOEL ZANGARI FLOR

**A DEVOÇÃO MARIANA PELAS ONDAS DO RÁDIO: UM
ESTUDO DE CASO SOBRE O PROGRAMA CONSAGRAÇÃO
A NOSSA SENHORA**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 17 de Dezembro de 2019.


DR LUIS MAURO SÁ MARTINO (FCL)


DR CECI MARIA COSTA BAPTISTA MARIANI (PUC-CAMPINAS)


DRA. BRENO MARTINS CAMPOS – Presidente (PUC-CAMPINAS)

DEDICATÓRIA

A Thais Ferreira Rosa Flor,
companheira que me faz inteiro,
no amor e na fé.

E a todos os devotos
que depositam sua esperança em Jesus Cristo
por meio das súplicas a Nossa Senhora Aparecida.

AGRADECIMENTOS

Se fosse possível, eu reservaria uma seção desta pesquisa apenas para descrever os momentos em que contei com amparo, auxílio e compreensão de tanta gente. Todavia, faço questão de dedicar algumas linhas para manifestar aqui minha gratidão ao concluir este trabalho.

A Deus, fonte e origem de todo bem e de toda graça, pelo dom da vida e pelos talentos que me concedeu e me permitiu aperfeiçoar e partilhar.

A Nossa Senhora Aparecida, cujo carinho e proteção jamais faltaram.

À minha esposa Thais, por ter me apoiado desde a primeira ideia de se pensar em fazer este mestrado, e por ter compreendido tantas ausências e tantas horas de solidão minha em meio aos livros e em frente ao computador.

A meus pais, Reginaldo e Adelina, por me propiciarem desde cedo as condições para estudar e por me incentivarem nas jornadas de aprendizado.

À minha querida avó, Dona Carmem, sempre manifestando por mim o cuidado materno que emana do coração de Deus.

Aos meus sogros, Omar e Loene, pela paciência e pelo apoio sincero.

Aos familiares e amigos que, entre uma pergunta e outra, manifestaram interesse e emanaram bons desejos para a realização deste trabalho.

À Arquidiocese de Campinas, nas pessoas de Dom Airton José dos Santos, Dom João Inácio Müller, Monsenhor João Luiz Fávero, Monsenhor Rafael Capelato, Monsenhor José Eduardo Meschiatti e Cônego Jeronymo Furian, pelo apoio e pela compreensão que me permitiram ter um horário de trabalho mais flexível, favorecendo a participação nas aulas e eventos relativos ao mestrado.

À equipe da Rádio Brasil Campinas, por ter compreendido minhas ausências e por ter colaborado para que a emissora seguisse adiante.

Aos amigos Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves e Prof. Me. Lindolfo Alexandre de Souza, que me deram o empurrão inicial para que eu me aventurasse neste mestrado.

À PUC-Campinas, na pessoa do Prof. Dr. Germano Rigacci Junior, Magnífico Reitor, pela concessão da Bolsa Reitoria; e à CAPES, pelo financiamento parcial da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas, na pessoa do Prof. Dr. Renato Kirchner, meu carinho e gratidão extensivos a todos os professores, e, na pessoa da Marlei, nossa secretária salvadora, minha reverência a todos os funcionários.

Aos colegas de turma, especialmente ao Gabriel Amstalden e ao Araripe Castilho, pelas partilhas em sala de aula, pelo apoio e pela sustentação do clima de ajuda mútua que sempre nos acompanhou.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Breno Martins Campos, por ter me guiado com serenidade, firmeza e fraternidade neste processo. Ganhei um amigo precioso nesta pesquisa, professor. Muito obrigado!

À Comunidade de Comunicação Santo Afonso de Ligório, dos Missionários Redentoristas de Aparecida, nas pessoas dos padres Evaldo César de Souza, José Inácio de Medeiros e William Betonio, por terem me acolhido como irmão na residência durante as minhas visitas técnicas e por terem fornecido orientações fundamentais para a descoberta das informações que estão aqui sistematizadas.

A toda a equipe da Rádio Aparecida, na pessoa da Bruna Pereira, pela acolhida generosa e pelo acesso a todos os materiais e informações necessários.

Aos funcionários do Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional, na pessoa da Dorothea Barboza, pelo trabalho minucioso e prestativo de separação e digitalização de materiais, bem como pelo suporte na busca de dados documentais.

À Irmã Pierpaula Farias, por ter compartilhado preciosos dados sobre o padre Vitor Coelho de Almeida.

À Profa. Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani e ao Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino, membros da banca, pelas preciosas contribuições e pelo reconhecimento do valor científico deste trabalho.

Deus abençoe e recompense a cada um. Recebam meu abraço cheio de afeto!

“Santa Mãe Maria, nessa travessia,
cubra-nos teu manto cor de anil.
Guarda nossa vida, Mãe Aparecida,
Santa Padroeira do Brasil”
José Acácio Santana
(1939-2011)

RESUMO

ZANGARI, Felipe Manoel. *A devoção mariana pelas ondas do rádio: um estudo de caso sobre o programa Consagração a Nossa Senhora Aparecida*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.

Trata-se de investigar o evento da transmissão radiofônica da Consagração a Nossa Senhora Aparecida na sua dupla dimensão – uma celebração religiosa que é também um programa de rádio – como elemento constitutivo da identidade institucional da Rádio Aparecida e, por extensão, do Santuário Nacional de Aparecida. Essa investigação se dá num amplo contexto de inserção da temática religiosa nos ambientes de difusão de conteúdo oferecidos pelos meios de comunicação social, notadamente o rádio. A contextualização histórica da devoção a Aparecida e dos processos que levaram ao surgimento e consolidação desta celebração/programa permite compor um cenário de relevância simbólica, que se articula entre a espontaneidade típica da religiosidade popular e a padronização de um discurso proferido pela hierarquia eclesial. Uma análise de amostras recentes do programa revela o valor que a capacidade de interlocução dos oradores tem para a eficiência comunicacional a partir do rádio, ao passo que o diálogo entre referenciais teóricos dos campos da Comunicação Social e da Teologia Pastoral ilumina a compreensão deste fenômeno e acentua a relevância deste programa de rádio para o universo organizacional no qual ele está inserido. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Comunicação Social. Nossa Senhora Aparecida. Rádio Aparecida. Radiodifusão. Religiosidade Popular. Teologia Prática.

ABSTRACT

ZANGARI, Felipe Manoel. Marian devotion through radio waves: A case study on the Consecration to Our Lady of Aparecida radio broadcast. Dissertation (Master in Science of Religion) - Postgraduate Program in Science of Religion, Pontifical Catholic University of Campinas, Campinas, 2019.

This dissertation investigates the radio broadcast of the Consacration to Our Lady of Aparecida in its double dimension - a religious celebration that is also a radio program - as a constitutive element of Radio Aparecida's institutional identity and, by extension, of the Basilica of the National Shrine of Our Lady of Aparecida. This study takes place in a broad context of insertion of the religious theme in the environments of diffusion of content offered by the media, notably the radio. The historical contextualization of the devotion to Our Lady of Aparecida and the processes that led to the emergence and consolidation of this celebration / program allows us to compose a scenario of symbolic relevance, which is articulated between the typical spontaneity of popular religiosity and the standardization of a discourse given by the ecclesiastical hierarchy. An analysis of recent samples of the program reveals the value that speakers' capacity for dialogue has for communicational efficiency from the radio, while the dialogue between theoretical frameworks in the fields of Social Communication and Pastoral Theology sheds light on the understanding of this phenomenon and underscores the relevance of this radio program to the organizational universe in which it is inserted. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Keywords: Social Communication. Our Lady of Aparecida. Aparecida Radio. Broadcasting. Popular religiosity. Practical Theology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REMONTANDO A HISTÓRIA: Entre fatos e versões	11
2.1 Aparecida: devoção, história, política e religião	11
2.2 Os missionários redentoristas e a missão no Santuário	15
2.3 As mídias do Santuário: a voz oficial para uma devoção popular	19
2.4 A história da Consagração: revisitando testemunhos e notícias	24
2.5 A comunidade em torno do programa	39
2.6 A pesquisa do IBOPE de 1957-58: indícios de relevância	42
2.7 O papel de padre Vitor	48
3 A CONSAGRAÇÃO E O RÁDIO: Identidades que se completam	56
3.1 Definição das amostras: critérios de seleção e modo de captação	56
3.2 A estrutura do programa: entendendo parte por parte	57
3.3 Análise das amostras: encontrando sinais de identidade e interação	63
3.4 A Consagração Brasil afora: as emissoras que reverberam a devoção	84
4 DIÁLOGOS TEÓRICOS: Comunicação e Teologia	87
4.1 Comunicação de massa no rádio: uma poderosa extensora do universo religioso	87
4.2 Teologia: as críticas e acolhidas ao universo mediático	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	108

1. INTRODUÇÃO

Pesquisar. Verbo transitivo, de acordo com a gramática da língua portuguesa. O verbo pesquisar, para ter sentido pleno, requer um complemento. É necessário pesquisar algo, sobre algum assunto, em algum lugar. Este trabalho é, para este autor, a compreensão mais profunda da experiência de pesquisar. Havia, antes desta empreitada, reminiscências de uma noção captada no ensino fundamental e na graduação de que pesquisar era ir atrás de uma informação específica em uma determinada fonte e que uma simples articulação dos dados seria capaz de produzir um resultado satisfatório. Pois estas páginas que seguem jogaram longe esta compreensão pueril de pesquisar e levaram o entendimento desse verbo a um patamar muito mais refinado.

A pesquisa que levou a esta dissertação passou por fases muito diversas. Os caminhos trilhados e as fontes consultadas pareciam incompatíveis entre si. E foi justamente por conta dessa diversidade de elementos que este autor foi capaz de perceber que pesquisar é muito mais do que consultar e articular. Pesquisar é investigar, lançar dúvidas, manter-se incomodado com a nebulosidade informacional de um contexto. Pesquisar é manter-se teimoso.

O resultado da teimosia deste autor divide-se em três grandes seções. Na primeira, o esforço se deu em duas frentes: de um lado, sintetizar elementos históricos já amplamente difundidos sobre a devoção a Nossa Senhora Aparecida, o Santuário Nacional e os Missionários Redentoristas. De outro, iluminar situações ainda obscuras e buscar construir, com os elementos documentais disponíveis, uma história sobre o objeto desta pesquisa: o programa radiofônico “Consagração a Nossa Senhora Aparecida”. Há, nesta primeira seção, uma grande frustração. Não foi possível encontrar quase nenhuma informação relevante sobre a audiência da Rádio Aparecida dentro dos acervos conservados pela emissora e pelo Santuário Nacional. O motivo: as fortes chuvas que castigaram a cidade em 2006, deixando centenas de desabrigados e inundando as salas em que eram guardados cartas, livros, relatórios e fotografias dos anos iniciais da emissora¹. No entanto, há várias conquistas relevantes, como o fato de

¹ A menção a este comprometimento do acervo foi feita pelo padre José Inácio de Medeiros, diretor da Rádio Aparecida, por ocasião de uma visita técnica deste autor à sede da Rádio Aparecida, em julho de 2019. Quando perguntado se seria possível consultar atas da Fundação

conseguir oferecer uma data mais precisa para marcar o início das irradiações do programa; e o detalhamento de um precioso levantamento do IBOPE, datado entre dezembro de 1957 e fevereiro de 1958, que foi capaz de mostrar sinais importantes da relevância da Rádio Aparecida em diversas localidades do território nacional.

A segunda seção é dedicada a oferecer uma análise de como, nos tempos mais recentes, se dá a construção deste programa de rádio sob a forma de uma celebração que une oração, música, pregação – em alguns casos, com militância social – e carinho pela Senhora Aparecida. A eloquência e a capacidade comunicacional dos padres redentoristas são dois elementos de relevo neste estrato do trabalho.

Por fim, surge na terceira seção a tentativa de construir um cenário teórico que dê conta de arejar a compreensão deste fenômeno que, dentro de si, une comunicação social, teoria do rádio, recepção mediática e teologia pastoral. Não são poucas, especialmente no campo teológico, as possibilidades de analisar a relação entre a religiosidade e os meios de comunicação social. A busca, nesta seção, foi a de levantar elementos que levassem à leitura mais plural e abrangente possível das análises disponíveis. As referências e os excertos das obras que buscam equilibrar a reflexão sobre o objeto desta pesquisa foram escolhidos com o propósito de tornar o texto fluido, agradável e dinâmico.

Pesquisar, por fim, é um ato de coragem. E que não se faz de modo solitário. O que é possível ler a seguir é nada mais do que uma tessitura que conta com fios de diferentes materiais e cores. É fruto de muitas mentes, muitos corações, muitas horas de trabalho. E de muita teimosia também.

2. REMONTANDO A HISTÓRIA: Entre fatos e versões

Contar a história da “Consagração a Nossa Senhora Aparecida” é uma missão semelhante à tarefa de montar um quebra-cabeças. Primeiramente porque não há nos arquivos da Rádio Aparecida nem no Santuário Nacional uma ata oficial que descreva o surgimento do programa ou do rito. Além disso, as diversas fontes documentais encontradas ao longo do levantamento trazem informações divergentes entre si, como, por exemplo, na datação exata do início das transmissões do programa “Consagração”. Essas divergências ocorrem especialmente porque muitos dos registros disponíveis em livros e periódicos são frutos de depoimentos pessoais colhidos anos depois da ocorrência dos fatos.

No início dos trabalhos desta pesquisa, havia uma intuição de que o rito de se consagrar a Nossa Senhora Aparecida teria surgido primeiro como atividade devocional no Santuário, e que, num segundo momento, teria sido adaptado para a programação radiofônica. Todavia, a análise documental, especialmente os relatos do então padre Laurindo José Rauber² – idealizador do programa de rádio –, mostrou que a oração da “Consagração” só foi criada por causa do espaço radiofônico, conforme se mostrará mais adiante. Mais ainda: a pesquisa revelou, como vai ser possível igualmente comprovar adiante, que o sucesso do programa no rádio fez com que o momento de devoção que fora inicialmente pensado para dentro dos estúdios da rádio fosse, tempos depois, levado para dentro da basílica de Aparecida e se tornasse a celebração diária que atualmente acontece. As linhas a seguir vão tratar de apresentar as nuances que envolvem a história da devoção a Aparecida, o papel fundamental dos padres redentoristas na consolidação do complexo mediático do Santuário Nacional e a trajetória do programa de rádio que é objeto central desta pesquisa.

2.1 – Aparecida: devoção, história, política e religião

Para falar da Consagração, vale primeiramente investir algumas linhas para apresentar brevemente as origens e o desenvolvimento da devoção popular a Maria, mãe de Jesus, que é considerada pelos católicos e pela lei civil nacional

² Laurindo Rauber foi o segundo diretor da Rádio Aparecida, permanecendo no cargo entre 1953 e 1956. Deixou o sacerdócio na década de 1970.

a padroeira do Brasil³. O título de “Aparecida” surgiu a partir do encontro de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição nas águas do Rio Paraíba do Sul, na então Vila de Guaratinguetá, no ano de 1717. Diz a tradição popular que três pescadores, instados pelo governo local a providenciar peixes para um banquete que seria servido ao Conde de Assumar⁴, entraram no barco e lançaram as redes. A pescaria era infrutífera até que, após um lance de redes, os pescadores acharam o corpo da imagem, esculpida em terracota, mas sem a cabeça. Depois, ao lançarem de novo as redes, acharam a parte que faltava. Ao fim, jogaram a rede ao rio e foi tão abundante a pesca que as redes quase se romperam. O banquete foi garantido e a fartura foi atribuída a Maria, cuja imagem apareceu do meio das águas.

Há aqui uma questão teológica que merece ser esclarecida. É importante definir com clareza a que se referem os títulos de “Nossa Senhora da Conceição” e “Imaculada Conceição”, ambos legitimamente reconhecidos pela Igreja Católica em relação a Maria. O título de Nossa Senhora da Conceição, atribuído a Maria, mãe de Jesus, é fruto da compreensão da Igreja de que Maria, pelos merecimentos de Cristo, é uma referência de figura maternal. Essa devoção muito presente no meio popular da Igreja, remete indiretamente a um antigo dogma da fé católica, relacionado à concepção virginal – ou seja, ao fato de que Jesus foi gerado virginalmente no ventre de Maria. Esse fato, relatado no primeiro capítulo do evangelho de Lucas, foi confirmado como o dogma da virgindade perpétua de Maria ainda no Concílio de Latrão, celebrado no ano de 649.

Já o título da Imaculada Conceição apresenta uma verdade de fé que desde os primeiros tempos era venerada na Igreja, mas que ganhou status de dogma apenas em 8 de dezembro de 1854, pelo Papa Pio IX, por meio da bula

³ Esse título honorífico foi oficializado pela Igreja Católica em 1930, por meio de uma Carta Apostólica assinada pelo papa Pio XI. Aqui um trecho em tradução livre do latim, realizada pelo professor Luis Augusto Rodrigues Domingues (Disponível em <<http://ars-the.blogspot.com/2012/10/a-carta-apostolica-de-pio-xi-que.html>> Acesso em: 8 set. 2018): “Para perpétua memória. – Da parte do Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro e dos outros Arcebispos, Bispos, Prelados e Prefeitos Apostólicos do Brasil, fomos rogados a que nos dignássemos estabelecer a Bem-Aventurada Virgem concebida sem mancha, chamada de *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, como Padroeira principal do Brasil. Nada deveras mais oportuno que aceder aos desejos, não só dos Bispos, mas de todos os fiéis do Brasil, que com fervor e piedade constantes, desde os anos do descobrimento das regiões brasileiras até nossos tempos, têm venerado e venera a Imaculada Virgem Mãe de Deus”. A carta original, em latim, está na página 7 do link <<http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-23-1931-ocr.pdf>> Acesso em: 8 set. 2018. A Lei Federal 6.802, de 1980, declara feriado nacional o dia 12 de outubro, para culto público e oficial a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.

⁴ Conde de Assumar era o título e nobreza de Dom Pedro de Almeida e Portugal, que foi governador da Capitania de São Paulo e das Minas entre 1717 e 1721.

“Ineffabilis Deus”. Esse documento confirmou como verdade de fé a doutrina de que Maria, Mãe de Jesus, havia sido concebida (ou seja, gerada no ventre de sua mãe) sem mancha por um especial privilégio divino. O dogma da Imaculada Conceição apresenta a seguinte realidade, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica:

Na descendência de Eva, Deus escolheu a Virgem Maria para ser a Mãe do seu Filho. “Cheia de graça”, ela é “o mais excelso fruto da Redenção”. Desde o primeiro instante da sua concepção, ela foi totalmente preservada imune da mancha do pecado original, e permaneceu pura de todo o pecado pessoal ao longo da vida. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 508)

Todavia, o culto a Maria Imaculada já vinha sendo difundido no catolicismo desde muito antes. Em 1476, a festa da Imaculada foi incluída no Calendário Romano. Em 1570, o papa Pio V publicou um Ofício (conjunto de orações para a celebração) próprio para a festividade e, em 1708, o papa Clemente XI estendeu a festa a toda a Cristandade, tornando-a obrigatória. Entende-se, deste modo, a razão pela qual já em 1717 (portanto, 127 anos antes da proclamação do dogma) era possível encontrar imagens de Maria Imaculada e observar sua veneração tanto no meio popular quanto com o aval da hierarquia eclesiástica.

Esse breve recorte se faz necessário porque, especialmente no meio popular, é comum encontrar certa confusão entre a imaculada concepção de Maria, ou seja, a geração da própria mãe de Jesus, e a concepção virginal de Maria, ato miraculoso que possibilitou o nascimento de Jesus. Vale frisar, por fim, que, do ponto de vista da teologia católica, as duas realidades acima descritas acabam por se complementar mutuamente. Afinal, a mulher gerada sem pecado no ventre de sua mãe manteve-se inteiramente sem mancha e, pelos merecimentos de Cristo, tornou-se mãe do Deus encarnado mantendo-se preservada das marcas do pecado original.

Imagem 1 – Foto da imagem original encontrada nas águas do Rio Paraíba, sem o manto e a coroa (Foto de Thiago León)⁵.



O aparecimento da imagem nas águas do rio ganhou repercussão popular na região e a devoção à Senhora Aparecida propagou-se de modo admirável. Em 1745, foi erguida a primeira capela, no alto do Morro dos Coqueiros, no território de Guaratinguetá. O local logo se tornou foco de peregrinação. Por causa do alto número de visitantes, a região do entorno da igreja foi ganhando relevância econômica e política. Tanto que, no dia 4 de março ano de 1842, o Barão de Monte Alegre⁶ promulgou a Lei Provincial nº 19 que criava a Freguesia de Aparecida, subordinada a Guaratinguetá⁷.

Em 1888, a santa e o povoado ganharam uma igreja maior, atualmente chamada de Basílica Velha. Em 28 de novembro de 1893, o Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, criou a paróquia de Aparecida, retirada do território de Guaratinguetá, e também concedeu a sua matriz o título de Santuário Episcopal. No ano seguinte, delegou o cuidado pastoral da paróquia aos missionários da Congregação do Santíssimo Redentor, recém-chegados da

⁵ Imagem disponível em:

<https://www.a12.com/source/files/originals/manto_jan_2016_thiago_leon_50.jpg> Acesso em: 21 ago 2019.

⁶ Barão de Monte Alegre era o título de nobreza de José da Costa Carvalho, político brasileiro que ocupou diversos cargos de gestão no período imperial. Foi membro da Regência Trina Permanente entre 1831 e 1835. Em 1842 assumiu a presidência da Província de São Paulo, razão pela qual as leis foram promulgadas em seu nome.

⁷ O texto original da lei está disponível em:

<<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1842/lei%20n.19,%20de%2004.03.1842.pdf>> Acesso em: 8 set. 2018.

Alemanha. Até hoje, a responsabilidade pastoral pelo Santuário Nacional⁸ e, conseqüentemente, pela manutenção e propagação da devoção a Nossa Senhora Aparecida é dos Missionários Redentoristas, congregação religiosa sobre a qual trataremos mais adiante.

A emancipação de Aparecida só se deu em dezembro de 1928, por meio da Lei Estadual 2.312⁹. O município, desmembrado de Guaratinguetá, foi oficialmente instalado em 30 de março de 1929. Eclesiasticamente, a Arquidiocese de Aparecida foi criada pela Bula “*Sacrorum Antistitum*”, assinada pelo papa Pio XII em 19 de abril de 1958. Com território desmembrado da Arquidiocese de São Paulo e da Diocese de Taubaté, é formada por apenas 5 municípios – Aparecida, Guaratinguetá, Lagoinha, Roseira e Potim. Com a superfície de 1.303 quilômetros quadrados, tem uma população estimada de 195 mil habitantes¹⁰.

Aparecida tornou-se o principal complexo de devoção mariana do Brasil, por onde passam cerca de 12 milhões de romeiros todos os anos. Em 1946, iniciou-se a construção da chamada basílica nova. A área do Santuário, inaugurado solenemente em 4 de julho de 1980 pelo Papa João Paulo II, tem mais de 1,3 milhão de metros quadrados, dos quais 143 mil com área construída. O pavimento térreo da Basílica tem 25 mil metros quadrados e recebe as principais celebrações, com capacidade para até 30 mil pessoas. O Santuário Nacional mantém 2 mil funcionários para a manutenção das atividades religiosas, conservação do espaço e atendimento aos romeiros¹¹.

2.2 – Os missionários redentoristas e a missão no Santuário

A chegada dos redentoristas ao Brasil e, em particular, ao Santuário de Aparecida merece uma reflexão particular. O jornalista Rodrigo Alvarez, no livro “Aparecida: a biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada,

⁸ A área na qual o Santuário está instalado é de propriedade da Arquidiocese de Aparecida, criada em 1958, mas cabe aos redentoristas cuidar da administração pastoral e do santuário em si.

⁹ O texto original da lei está disponível no link:

<<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1928/lei-2312-17.12.1928.html>> Acesso em: 27 nov 2018.

¹⁰ Dados oficiais da Arquidiocese de Aparecida disponíveis no link:

<<http://arqaparecida.org.br/Arquidiocese/Apresentacao>> Acesso em: 8 set 2018.

¹¹ Mais informações estão disponíveis no link <<http://www.a12.com/santuاريو/santuاريو-em-numeros>>. Acesso em: 16 out 2017.

cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil”, dedica ao menos três capítulos para contar essa história. Ele narra que, com a Constituição de 1891, o Brasil acabara com o Padroado – regime que aliançava politicamente o Estado e a Igreja Católica. Nesse acordo, faziam parte dos investimentos governamentais a formação dos sacerdotes e a manutenção das igrejas e das obras de evangelização. A participação do Estado na administração dos bens religiosos, todavia, não ficou imune a situações de corrupção. A própria construção da Basílica Velha foi tomada de casos de apropriação indevida de capitais financeiros. O cônego Joaquim do Monte Carmelo, vindo da Bahia para São Paulo, foi quem acabou por denunciar as falcatruas que as autoridades governamentais perpetravam contra a igreja de Aparecida e conseguiu organizar a parte final da construção (cf. ALVAREZ, 2017, p. 177-201).

O aparelhamento político dos bens eclesiásticos trouxe consequências graves ao cuidado pastoral em todo o Brasil. E as décadas finais do Padroado estavam sendo calamitosas para a Igreja.

Muitas paróquias Brasil afora nem sequer tinham padres para rezar missas. Desde que o rei de Portugal mandara expulsar os padres jesuítas, em 1759, os seminários onde deveriam ser formados os novos padres foram sendo fechados um depois do outro. Haviam sobrado poucos seminários, poucos padres e pouca esperança de se organizar a Igreja católica no Brasil. Para piorar, em 1842, o imperador decidira que não gastaria mais um único centavo para formar padres em terras brasileiras. A situação era tão assustadora que não se viu alternativa senão importar padres para povoar as igrejas desertas do Brasil. Entre elas, seu maior santuário. E o momento era mais do que adequado. Agora que o Estado abrisse mão da Igreja e a administração das paróquias voltara à mão dos religiosos, o bispo de São Paulo resolvera pedir ajuda diretamente ao Papa Leão XIII. (ALVAREZ, 2017, p. 210).

Depois de escrever uma carta ao pontífice, Dom Lino enviou ao Vaticano seu auxiliar, Dom Joaquim Arcoverde, para tratar diretamente com o representante dos redentoristas junto à Cúria Romana a chegada dos estrangeiros para Aparecida.

Não era mesmo tarefa simples. Por falta de padres nas congregações estrangeiras, porque muitos já estavam comprometidos com outras empreitadas mundo afora, ou por falta de interesse em se arriscar em difícilíssima aventura em terras inóspitas, duas congregações italianas e uma francesa tinham recusado a oferta (ALVAREZ, 2017, p. 211).

Mas, afinal, que ordens religiosas teriam aberto mão de administrar o santuário e propagar a devoção a Nossa Senhora Aparecida? A tese doutoral em Ciências da Informação defendida em 2012 pela professora Bianca Gonçalves de Souza na Unesp de Marília-SP, nos revela que a busca por uma congregação para assumir o Santuário de Aparecida começara três anos antes da chegada dos redentoristas:

Em 1891, Dom Lino solicitou ao papa Leão XIII que intercedesse junto ao Superior Geral dos passionistas, para que esses assumissem o Santuário. Conforme explica Brustoloni (2004), o Superior dos passionistas negou o convite, por não se tratar de uma atividade que respondesse ao espírito da Congregação. Além dos passionistas, os padres salesianos – que já residiam em Lorena, município próximo a Aparecida – foram convidados também, bem como os padres ressurrecionistas (SOUZA, 2012, p. 59).

Na viagem para Roma, junto com o futuro cardeal Arcoverde partiu também o bispo auxiliar de Goiás, Dom Eduardo Duarte da Silva, que foi pedir ajuda para o cuidado pastoral da vila de Trindade. Ao atender os dois bispos, o representante dos redentoristas no Vaticano enviou uma carta ao convento alemão de Gars, solicitando uma comitiva de padres que pudessem ajudar nas duas missões.

Os redentoristas sempre tiveram alma missionária, seguiam o exemplo do fundador da ordem, o italiano Afonso de Ligório, e entendiam que percorrer o mundo levando a palavra de Cristo aos pobres era sua maior missão. Outros redentoristas haviam se mudado para o Peru, o Chile e a Colômbia, e convite para trabalhar no Brasil não era incomum (ALVAREZ, 2017, p. 216).

Treze missionários, sendo seis padres e sete irmãos, partiram para o Brasil num navio saído da França em 5 de outubro de 1894, desembarcando no porto do Rio de Janeiro dia 21 de outubro. Dali o grupo se dividiu: padres e quatro irmãos foram para Goiás. Dois padres e três irmãos partiram rumo ao Vale do Paraíba. Começava então a história de presença dos redentoristas em Aparecida – fato extremamente relevante para entender a atual dimensão do culto à padroeira do Brasil.

A Congregação do Santíssimo Redentor foi fundada no ano de 1789 na cidade de Scala, no então Reino de Nápoles, ao sul do território da Itália. O idealizador da congregação foi Santo Afonso Maria de Ligório. Nascido em 1696,

Afonso era filho de uma das mais antigas e nobres famílias de Nápoles – o pai era Capitão da Marinha Real e sua mãe uma devota católica. Formou-se nas áreas de Direito Civil e Eclesiástico, e era um jurista de referência na sua região. Com 28 anos de idade, Afonso decidiu dedicar-se à vocação sacerdotal, o que gerou desconforto na sua relação com o pai. Completou os estudos de teologia e foi ordenado sacerdote em dezembro de 1726. Depois de um retiro na região de Scala e do contato com os cabreiros, os pobres que moravam nos campos, Afonso decidiu exercer o ministério junto aos mais abandonados. Ele partilhou esse desejo com outros amigos e, deixando a cidade de Nápoles, fundou a congregação em Scala.

O carisma dos Redentoristas é essencialmente missionário. A base está no anúncio de que em Cristo a Redenção é copiosa e é para todos. Na obra “A Prática do Amor a Jesus Cristo”, Santo Afonso traça um roteiro de espiritualidade e de vida cotidiana em busca da perfeição cristã. No capítulo III desse livro, que trata da confiança humana no Amor de Cristo, o fundador dos Redentoristas sintetiza a mensagem fundamental do carisma:

Se nós temos motivos de temer a morte eterna por causa das ofensas feitas a Deus, temos também, em compensação, motivos muito mais fortes de esperar a vida eterna pelos merecimentos de Jesus Cristo! Seus méritos são de um valor infinitamente maior para nos salvar do que os nossos pecados para nos perder. Pecamos e merecemos o inferno. Mas veio o Redentor, tomou sobre si todas as nossas culpas para pagá-las com seus sofrimentos: “Em verdade ele tomou sobre si nossas doenças e encarregou-se de nossos sofrimentos”. (AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, 1996, p. 36).

No livro “História de Aparecida”, o padre redentorista Júlio Brustoloni dedica um capítulo para relacionar o carisma do fundador com o trabalho dos padres e irmãos no Santuário:

Fiéis ao Carisma de Santo Afonso, os Missionários Redentoristas procuram no seu trabalho pastoral no Santuário de Aparecida anunciar ao povo de Deus a misericórdia do Santíssimo Redentor, Jesus Cristo, e apontar para Maria, a Mãe de Deus, como caminho mais fácil para se chegar até Ele e alcançá-la. Amparados por Nossa Senhora, e seguindo o exemplo de Santo Afonso, os missionários proclamam no Santuário e nas Santas Missões a misericórdia de Jesus Cristo. A alegria e a esperança de salvação, que eles procuram despertar em seus evangelizados, são fruto da “Copiosa Redenção” anunciada aos mais pobres e abandonados. (BRUSTOLONI, 1998, p. 388-389).

Se nos dias atuais pode-se perceber o valor, a relevância e a popularidade do Santuário Nacional de Aparecida, claramente muito se deve ao espírito empreendedor dos redentoristas. Mesclando uma invejável articulação política, um profícuo relacionamento com o episcopado e uma astuta estratégia de comunicação com as camadas populares, os missionários da Congregação do Santíssimo Redentor erigiram não só um patrimônio material robusto, mas foram capazes de amplificar simbolicamente a devoção a Aparecida, reforçando-a como um elemento fundamental para descrever a cultura religiosa do povo brasileiro.

2.3 – As mídias do Santuário: a voz oficial para uma devoção popular

Sob a liderança de religiosos da congregação redentorista, o Santuário buscou construir um complexo de mídias que pudesse cumprir a tarefa de ser uma extensão das experiências religiosas e das mensagens de cunho devocional originadas no templo. A primeira mídia criada pelos padres foi o jornal “Santuário de Aparecida”, idealizado pela iniciativa do padre redentorista alemão Gebardo Wiggermann. A primeira edição do jornal circulou em novembro de 1900 – trata-se da mais antiga publicação periódica católica do Brasil ainda em circulação¹². Com o jornal, surgiu a Editora Santuário que publicou, em 1904, o seu primeiro livro: o “Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida” – um grande sucesso, que já passou da 70ª edição.

O sonho de se constituir uma rádio começou ainda na década de 1930, após o sucesso de transmissões feitas direto do Santuário Nacional pelas rádios Difusora e Record. Ouvintes devotos enviaram cartas ao Santuário relatando ter captado as ondas com conteúdo religioso. Esse sucesso despertou o desejo dos padres redentoristas em ter uma emissora própria.

Foram várias tentativas frustradas antes da conquista definitiva da Rádio Aparecida pelos padres redentoristas. A própria Igreja, por meio de seus bispos, chegou a vetar a instalação da emissora por duas vezes (cf. PAIVA, 2001, p. 22). E a concretização desse desejo, em 1951, só foi possível porque o jornal

¹² Graças à conservação do acervo do jornal “Santuário de Aparecida”, disponível para pesquisa no Centro de Documentação em Memória do Santuário Nacional, que foi possível ajustar cronologicamente nesta pesquisa a origem da Consagração a Nossa Senhora Aparecida.

“Santuário” já existia. É o que relata Manoel José Paixão em artigo publicado na revista “Ecos Marianos”, de 1993¹³:

A ideia de se conseguir uma rádio para a cidade de Aparecida vem de muito longe. Em 1937, o Reitor e Vigário de Aparecida, o redentorista padre Oscar das Chagas Azeredo, fez a primeira tentativa para conseguir isso, ao falar com o então arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, de sua ideia de pedir ao governo federal uma emissora de rádio para a cidade de Aparecida. O arcebispo, entretanto, negou licença para que o pedido fosse feito, alegando que não havia pessoal competente para manter uma emissora no ar. Os anos se passaram e, em 1945, um outro redentorista, o padre Antônio Pinto de Andrade, tornou a ventilar a ideia. Novamente houve negativa, desta feita por parte do padre Geraldo Pires de Souza, então Provincial da Província Redentorista de São Paulo, que alegou para tanto o ônus e os trabalhos que uma rádio acarretaria. O tempo continuou passando, e em 1950 os senhores Américo Alves Pereira Filho e Rodrigo Pires do Rio, ambos de Aparecida, e Paulo Machado de Carvalho, de São Paulo, constituíram uma sociedade para manter uma rádio em Aparecida. Eles conseguiram o apoio e a aprovação do cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Camelo de Vasconcellos Motta. Por outro lado, o padre Oscar das Chagas Azeredo comunicou o fato ao Provincial redentorista, padre Antônio Ferreira de Macedo, que percebeu de imediato que a emissora a ser montada iria cair em mãos de leigos em detrimento da causa de Nossa Senhora Aparecida. O padre Antônio Ferreira de Macedo dirigiu-se ao cardeal Motta e falou sobre a entrega da emissora aos leigos, mas este afirmou que já tinha dado permissão e até cedido um terreno no “Morro do Cruzeiro” para a montagem da torre de transmissão. Segundo ainda explicou o arcebispo de São Paulo ao padre Macedo, os componentes da sociedade haviam prometido ceder três horas da programação diária da futura emissora para a Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida. A verdade ali estava; os Redentoristas, que lançaram a ideia em 1937 e 1945, perderiam a oportunidade de conseguir uma rádio para Nossa Senhora. Valendo-se do direito de precedência, o Provincial dos Redentoristas pediu autorização ao cardeal Motta para, ao lado de outros pretendentes, pleitear junto ao governo federal a concessão da montagem da emissora para a Basílica. [...] O advogado sugeriu então que os Redentoristas deveriam interpor um embargo apoiados no fato de que eles já possuíam em Aparecida um órgão de divulgação. O órgão de divulgação citado pelo advogado era justamente o jornal “Santuário de Aparecida”, fundado pelos Redentoristas no dia 10 de novembro de 1900, e isto dava a eles o direito da interposição de um embargo. Ali mesmo na repartição o advogado redigiu um ofício que deveria ser enviado ao governo pelo diretor do jornal “Santuário”. No documento era reclamada a precedência para o jornal “Santuário” da entrada na mesma praça de um outro órgão de divulgação, que iria prejudicar os direitos do interesse do primeiro, que já trabalhava há anos. Só o padre Antônio Penteadado de Oliveira, diretor do jornal “Santuário”, e que estava em Goiânia (GO), podia assinar o documento. Por um raro milagre a carta foi e voltou em poucos dias. Faltavam apenas algumas horas para expirar o prazo para a entrega do documento, quando o advogado desconhecido entrava no Cartório de Protestos com o ofício. Nele estava a reclamação para a Basílica de direito de precedência em

¹³ As citações de documentação histórica desta pesquisa, como o excerto seguinte, foram adaptadas para as normas de ortografia vigentes em 2019.

matéria de publicidade e prioridade para a montagem de um outro órgão de divulgação: uma emissora de rádio. O embargo foi atendido em favor da Basílica, e a causa foi ganha. (PAIXÃO, 1993, p. 54-56).

Vale a pena interromper brevemente o relato histórico para analisar essa conflituosa empreitada dos redentoristas em adquirir a emissora de rádio. Claramente aqui, além do ativo patrimonial relevante que estava em jogo – veremos no capítulo 3 a pujança do rádio no Brasil dos anos 1950 – colocava-se em disputa entre a Igreja institucional, representada pelos redentoristas, e o empresariado secular, personalizado na figura de Paulo Machado de Carvalho, algo ainda mais precioso: o controle do ativo simbólico de ser a voz oficial da devoção a Nossa Senhora Aparecida – um fenômeno de comprovada ressonância no meio popular do Brasil. A manutenção dessa oficialidade dentro dos limites hierárquicos do Santuário era altamente necessária. E a história trataria de mostrar, como veremos logo mais, que foi um marco fundamental para o crescimento da rede de comunicações mantida pela congregação redentorista. O padre José Oscar Beozzo trata de modo lapidar sobre a relação entre as estruturas dominantes e os caminhos da religiosidade popular. Eis o que ele diz:

A religiosidade popular não pode ser abordada como de uma maneira pretensiosamente neutra. Ela constitui um patrimônio ameaçado da cultura popular. Visto como perigoso pelas camadas dominantes da sociedade, combatido e reprimido, usado e manipulado. A religiosidade popular constitui a expressão religiosa das classes oprimidas e inclui tanto as manifestações do catolicismo popular, como as do culto afro-brasileiro, do protestantismo pentecostal, do chamado baixo espiritismo. Por isso mesmo é preferível que a expressão 'religiosidade popular', que conota um certo menosprezo por parte das religiões dominantes, seja substituída pela expressão 'práticas religiosas das classes populares'. Ela é ainda preferível às expressões 'Catolicismo Popular', 'Religião do povo', pois permite incluir todas as práticas religiosas populares e ainda insistir que constituem o patrimônio de classes sociais exploradas e oprimidas (BEOZZO, 1982, p. 745).

A partir desse olhar, ganha muito sentido o esforço feito pela instituição redentorista em trazer para o controle da própria administração do Santuário o principal mecanismo disponível à época para a propagação – e, porque não dizer, para o controle legitimado – da devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Vencido o desafio burocrático, a Rádio Aparecida recebeu a concessão de uma frequência de Ondas Médias, com potência de 100 watts, no dia 13 de dezembro de 1950. A seguir, constituiu-se uma sociedade de pessoas físicas para manter as operações. Fizeram parte da primeira composição o bispo auxiliar de São Paulo, Dom Paulo Rolim Loureiro, o padre provincial dos redentoristas, Antonio Ferreira de Macedo e o padre Humberto Pieroni, que viria a se tornar o primeiro diretor da emissora. Depois de um período de montagem da estrutura e de testes operacionais, a Rádio Aparecida começava a operar oficialmente no dia 8 de setembro de 1951, com o objetivo de anunciar o Evangelho de Cristo através das ondas radiofônicas. O jornal “Santuário de Aparecida”, na sua edição de 16 de setembro daquele ano, dedicou uma nota para reportar o fato:

No dia 8, às 8:30 horas, foi solenemente inaugurada a Estação de Rádio local. O Revmo. P. Daniel Marti anunciou ao microfone o início do ato inaugural com os hinos Nacional e Pontifício, executados pelo Coro e Orquestra da Basílica. Sua Excia. D. Antonio Alves de Siqueira deu a bênção litúrgica aos aparelhos, fazendo logo após uma bela alocução em que chamou a nova emissora de “sacramental” que elevará por sua propaganda religiosa, cultural e musical as inteligências e os corações dos rádio-ouvintes para mais perto de Deus. Seguiram-se as palavras do Ilmo Sr. Dr. Paulo Machado de Carvalho e do Revmo. P. Provincial dos Padres Redentoristas. Finalizando, o Revmo. P. Vigário convidou a todos os presentes a assistirem à solene missa cantada que foi irradiada pela nova emissora em cadeia com a Rádio Record de São Paulo. (JORNAL SANTUÁRIO, 16/9/1951, p. 6).

Desde o início a Rádio Aparecida sistematizou a sua programação na linha da formação cristã, mesclando difusão de músicas ecléticas e formatos com informação e prestação de serviço. No ano de 1964, a partir da portaria 52 do Conselho Nacional de Telecomunicações, publicada no Diário Oficial da União no dia 10 de julho¹⁴, a empresa Rádio Aparecida Ltda. transformou-se em Fundação Nossa Senhora Aparecida. O estatuto da Fundação prevê que o presidente seja sempre o Arcebispo de Aparecida e que o padre provincial dos Redentoristas componha a diretoria (cf. PAIVA, 2001, p. 94). Entre os anos de 1952 e 2016, a Rádio Aparecida viu ampliar o número e a potência das suas emissoras.

Tabela 1 – Concessões da Rádio Aparecida

¹⁴ A referida portaria foi publicada na página 11 da seção 1 do Diário Oficial da União do dia 10/07/1964. A reprodução da página está disponível no link: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2866264/pg-11-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-10-07-1964/pdfView>> Acesso em: 14 jan 2019.

Data	Tipo de Concessão	Observações
20/12/1950	Ondas Médias (820 KHz)	Concessão outorga em 100 W
22/5/1953	Ondas Curtas (31m)	Concessão outorgada
24/12/1954	Ondas Tropicais (60m)	Concessão outorgada em 1,0 kW
24/11/1959	Ondas Médias (820 KHz)	Aumento de potência para 250 W
27/1/1975	Frequência Modulada (90,9 MHz)	Concessão outorgada em 50 kW
22/9/1976	Ondas Tropicais (60m)	Aumento de potência para 2,5 kW
11/1/1977	Ondas Médias (820 KHz)	Aumento de potência para 5 kW
7/1/1980	Ondas Curtas (25m e 49m)	Concessões outorgadas
18/10/1982	Ondas Tropicais (60m)	Aumento de potência para 10 kW
8/11/2016	Frequência Modulada (104,3 MHz)	Concessão outorgada em 5 kW, resultado da migração da Onda Média (AM 820 KHz), desligada em 12/10/2018

(cf. PAIVA, 2001, p. 42-43)

Atualmente, a Fundação Nossa Senhora Aparecida mantém no ar, a partir de Aparecida, seis estações de rádio que difundem conteúdo em Ondas Curtas, Ondas Tropicais e FM (Frequência Modulada). São três estações em Ondas Curtas (25m, 31m e 49m) e uma em Ondas Tropicais (60m) que retransmitem a mesma programação da FM que opera em 104,3 MHz (concessão que migrou da antiga AM 820 KHz)¹⁵. Há ainda um canal de FM que opera em 90,9 MHz e que está voltado à programação musical popular, não religiosa (Rádio POP FM). A emissora funciona também como distribuidora de conteúdo para outras rádios espalhadas pelo Brasil. Via satélite, o sinal de rádio produzido em Aparecida chega a pelo menos 70 emissoras em todo o país – formando a Rede Aparecida de Rádio.

A rádio faz parte, nos dias atuais, da Rede Aparecida de Comunicação, que também conta com emissoras próprias de TV, ligadas a afiliadas por todo o país, além do portal A12, serviço de informação via internet que tem seu foco de produção no Santuário e no culto mariano em Aparecida. Esse complexo é gerenciado por uma entidade civil – a Fundação Nossa Senhora Aparecida, que tem como presidente o Arcebispo de Aparecida e possui um conselho diretivo

¹⁵ A partir de uma decisão do Ministério das Comunicações, tomada por meio da Portaria 127, de 12 de março de 2014, as emissoras de rádio que operam no sistema de Ondas Médias (popular AM) estão migrando para o sistema de Frequência Modulada (FM). Esse processo está sendo conduzido pelo próprio ministério, em consonância com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Em algumas regiões do país, como Aparecida, esse processo já se concluiu. No entanto, em centros urbanos mais adensados em termos populacionais, como as regiões metropolitanas de Campinas e São Paulo, ainda não há um prazo definitivo para a conclusão desse processo.

formado por cinco religiosos redentoristas. O Santuário conta ainda com duas editoras (Editora Santuário e Editora Ideias e Letras – com CNPJ filial da Santuário), que são o braço de difusão impressa para conteúdo devocional, filosófico e teológico.

A Editora Santuário tem no seu escopo a responsabilidade de publicar os impressos institucionais. Além do Jornal Santuário de Aparecida, a editora produz anualmente, desde 1927, o Almanaque Ecos Marianos – um livro de informações diversas que resume a atividade devocional do santuário no ano anterior e traz artigos dos mais variados assuntos. Desde abril de 2002, com periodicidade mensal, a editora publica Revista de Aparecida, que é distribuída entre os fiéis doadores da Campanha dos Devotos – principal mecanismo de arrecadação de recursos financeiros para a manutenção do Santuário.

2.4 – A história da Consagração: revisitando testemunhos e notícias

Não há consenso, a partir da análise da documentação histórica disponível, sobre a data precisa do início da “Consagração”. O que se sabe com clareza é que o rito de consagração surge a partir do programa de rádio, e não o contrário. As linhas a seguir vão tratar de apresentar os resultados do levantamento documental, revelar as incongruências que existem entre as fontes e apontar quais as certezas que se podem extrair sobre a história desse programa de rádio.

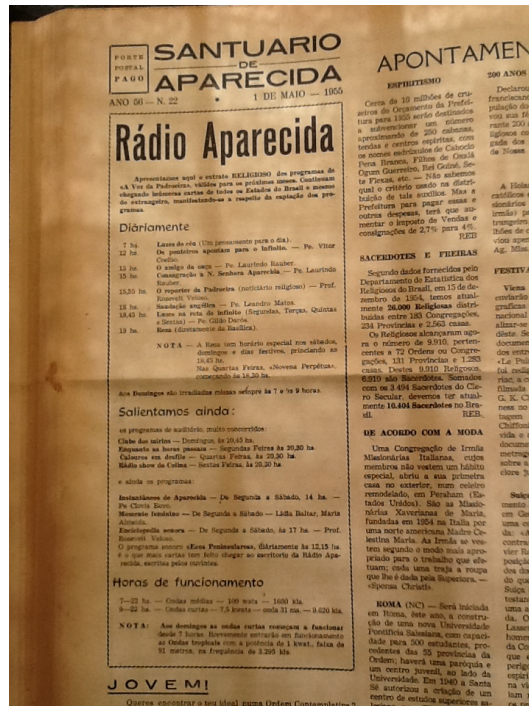
A primeira questão controversa é quando exatamente a Consagração teria ido ao ar pela primeira vez. As fontes bibliográficas apontam para várias direções incompatíveis entre si. O jornalista Wallace Andrade, no livro “*Mãe de Milagres: Nossa Senhora Aparecida*”, sugere uma datação aproximada do programa, ao se referir ao início da participação de padre Vítor Coelho de Almeida: “Por volta de 1954, assumiu um programa do Pe. Laurindo Rauber, que rezava com os ouvintes a consagração a Nossa Senhora Aparecida” (ANDRADE, 2017, p.120). Como veremos mais adiante, padre Vitor assumiria o programa apenas em 1956. Já no livro que rememora o cinquentenário da Rádio Aparecida, o padre Gilberto Paiva aponta apenas que o programa começara em 1955 (cf. PAIVA, 2001, p.73).

Num artigo alusivo aos 50 anos do programa, publicado na Revista de Aparecida em 2005, o padre redentorista Antonio Queiroz afirmou o seguinte sobre o começo do programa: “A tradicional oração de Consagração a Nossa Senhora Aparecida, todos os dias às 15h, no Santuário Nacional, celebra seu

Jubileu de Ouro neste dia 31 de maio” (QUEIROZ, 2005, p. 31). O também padre redentorista Ferdinando Mancílio, ao publicar em livro uma biografia de cunho teológico do padre Vitor Coelho de Almeida, tratou de corroborar a datação proposta por Queiroz para o início do programa: “A história da Consagração a Nossa Senhora Aparecida é bonita e já tem mais de meio século. Iniciou-se no dia 31 de maio de 1955, com o missionário redentorista Pe. Laurindo Rauber, que trabalhava na Rádio Aparecida” (MANCILIO, 2012, p. 113). Outra fonte, extraída do próprio portal do Santuário Nacional na internet, afirma que a primeira exibição da Consagração teria ocorrido num programa da mesma rádio no dia 30 de maio de 1955¹⁶.

Todavia, a pesquisa no acervo do jornal “Santuário de Aparecida” revela um dado mais preciso e intrigante, que contradiz as referências citadas anteriormente. Na edição do dia 1º de maio de 1955, um anúncio da Rádio Aparecida diz o seguinte: “Apresentamos aqui o extrato religioso dos programas de ‘A Voz da Padroeira’ válidos para os próximos meses” (JORNAL SANTUÁRIO DE APARECIDA, 1/5/1955, p. 6). No anúncio abaixo, a “Consagração” aparece como programa diário, menos aos domingos, às 15h:

Imagem 2 – Página 6 do jornal “Santuário de Aparecida”, de 1/5/1955



¹⁶ Texto disponível por meio do link <<http://www.a12.com/santuاريو/noticias/consagracao-a-nossa-senhora-aparecida-completou-60-anos>> Acesso em: 29 out 2018.

Desse modo, pode-se supor que, pelo menos, desde o dia 2 de maio de 1955, a segunda-feira subsequente à publicação do jornal, a “Consagração a Nossa Senhora Aparecida” já estivesse no ar.

Uma segunda pergunta a ser respondida sobre a motivação para se criar um momento de consagração à Virgem Aparecida por meio do rádio. Em declaração para o livro escrito por Paiva, o então padre Laurindo José Rauber, idealizador do programa, conta que a preocupação era difundir o quanto mais pelo país a devoção a Nossa Senhora Aparecida. Daí surgiu a ideia de desenvolver uma consagração diária à Mãe de Deus (cf. PAIVA, 2001, p.72). Na esteira desse propósito, e também como uma maneira de medir a audiência da emissora na época, padre Laurindo criou um “Livro de Ouro”, no qual os ouvintes poderiam pedir para ter os seus nomes inscritos como consagrados a Nossa Senhora Aparecida.

O Jornal “Santuário de Aparecida”, na sua edição de 15 de maio de 1955 – portanto, duas semanas após o início do programa – já trazia a informação de que “para o programa das 15 horas, ‘Consagração a Nossa Senhora Aparecida’, já vieram mais de 6.000 nomes de pessoas que desejam inscrever-se no ‘Livro da Consagração’” (JORNAL SANTUÁRIO DE APARECIDA, 15/5/1955, p. 6). Note-se que, aqui, tem-se mais um dado que ajuda a determinar que o programa, de fato, entrou no ar antes de 30 ou 31 de maio – datas apontadas nos textos até então publicados sobre o tema.

Esse excerto do dia 15 de maio traz à tona um questionamento latente que não foi possível extinguir apesar do esforço de pesquisa às mais variadas fontes bibliográficas. Supondo que, de fato, o programa tenha entrado no ar no dia 2 de maio, e que a edição do jornal publicada no dia 15 tenha sido concluída no dia anterior – ou seja, 14 de maio – tratar-se-ia de um fenômeno comunicacional sem precedentes a chegada de 6 mil nomes de pessoas aos estúdios da emissora em apenas 12 ou 13 dias, numa época em que a telefonia era artigo de luxo e que as comunicações se davam basicamente por carta ou telegrama. Esse exercício de suposição permite deixar em aberto a datação exata do início do programa. Todavia, é certo que a Consagração foi ao ar pela primeira vez no dia 2 de maio de 1955 ou numa data anterior a esta.

Voltando ao tal Livro de Ouro, os nomes eram lidos às terças, quintas e sábados, antes da oração de consagração. O sucesso foi tamanho que, pouco tempo depois, era necessário que a lista de nomes fosse lida diariamente. “O número de nomes enviados continuou aumentando tanto que, no meio do ano de 1956, deixaram o livro de ouro, e pararam de ler os nomes” (PAIVA, 2001, p. 73).

O momento de oração passou a ganhar grandes dimensões e, por este motivo, deixou de ser apenas um programa de rádio e tornou-se uma celebração paralitúrgica¹⁷ realizada no Altar da Basílica de Aparecida. A data exata em que o programa deixou os estúdios de rádio e foi para o templo também era uma incógnita a ser descoberta. No artigo publicado em 2005, padre Queiroz situa essa mudança no ano de 1957. Eis a sequência de relatos que ele descreve:

Em 1956, o Padre Laurindo foi transferido para São Paulo, a fim de trabalhar na Rádio Nove de Julho. Os padres Vitor Coelho de Almeida e Rubem Leme Galvão continuaram fazendo a Consagração. Agora, a semana toda: O Padre Vitor Coelho fazia na terça-feira, quinta e no sábado; e o Padre Galvão fazia na segunda-feira, quarta e sexta. No ano seguinte, o Padre Vitor Coelho assumiu sozinho a Consagração e passou a fazê-la não mais no estúdio da Rádio, mas no Altar-Mor da Basílica. Ela deixou então de ser um simples programa de rádio e se tornou uma celebração paralitúrgica no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, como a Hora Mariana e a Novena Perpétua. (QUEIROZ, 2005, p. 31).

A data exata, no entanto, é posterior, e está registrada nas crônicas da comunidade redentorista de Aparecida. Diz o excerto referente ao dia 5 de agosto de 1958: “O programa da Rádio ‘Consagração à Nossa Senhora Aparecida’ passou a ser transmitido diretamente da Basílica, às 3 horas. Os aparelhos de alto-falantes da Basílica foram instalados na sacristia, a fim de favorecer mais a ligação” (COMUNIDADE REDENTORISTA DE APARECIDA, 1958, p. 362). Com a inauguração do Santuário Nacional, em julho de 1980, o ritual passou a ser celebrado ali. Padre Vitor Coelho de Almeida foi o responsável pela celebração durante 31 anos, até a véspera de sua morte, no dia 21 de julho de 1987. Em 1988, o padre César Moreira, então Diretor da Rádio Aparecida, determinou que a Consagração fosse feita também aos domingos, o que permanece até hoje. De 2 abril de 2018 até 30 de junho de 2019, a celebração da Consagração a Nossa Senhora Aparecida, às 15h, voltou a ser realizada na Basílica Velha, sendo

¹⁷ Paraliturgia é o nome que se dá a um momento de oração da Igreja, presidido por clérigo ou leigo, que tem uma estrutura de culto, mas não é oficialmente denominado como tal.

transmitida simultaneamente pelo rádio e pela TV¹⁸. A partir do dia 1º de julho de 2019, as equipes da Rádio e da TV Aparecida decidiram mudar o modo de gerenciar esse horário das 15h na grade de programação. Criou-se uma celebração devocional com 30 minutos de duração, na Basílica Velha, com a Consagração a Nossa Senhora Aparecida e um momento de adoração ao Santíssimo Sacramento. Essa celebração passou a ser transmitida pela TV Aparecida. Para a grade da Rádio Aparecida, manteve-se a Consagração com 15 minutos, mas sendo rezada na igreja nova.

Outro enigma a ser desvendado é o motivo da escolha do horário das 15h para levar o programa ao ar. Aqui há duas explicações plausíveis: uma de cunho teológico e outra de caráter tecnológico. A primeira tem base na tradição católica de dedicar, ao longo do dia, momentos formais de oração e de meditação bíblica – as chamadas horas canônicas. No catolicismo, reza-se a partir da Liturgia das Horas, um livro que contém salmos e preces específicos para cada dia do ano e para cada parte do dia. O louvor inicial (Laudes), proposto para as seis horas da manhã; as Horas Médias, que recordam os passos do suplício de Jesus Cristo (a sua condenação às nove horas, a sua crucificação ao meio-dia e a sua morte às três da tarde); e a oração ao pôr do sol (Vésperas), proposta para as seis da tarde. Há ainda uma prece de louvor para antes de dormir (Completras). Pode-se supor que a ideia de inserir um momento de oração às 15h vinha ao encontro da proposta de seguir as horas canônicas, uma vez que a rádio também transmitia conteúdo religioso ao meio-dia, com o programa “Os Ponteiros Apontam para o Infinito”, e às 18h, com a “Saudação Angélica”.

A segunda justificativa, de base tecnológica, chama muito a atenção para seu caráter inusitado e para a importância do conhecimento técnico acumulado pelo Padre Laurindo, que chegou a fazer um curso de rádio, financiado pelo bispo auxiliar de São Paulo à época, Dom Antônio Ferreira de Macedo, com apostilas

¹⁸ A mudança ocorrida em 2018 foi motivada por dois fatores: um deles é religioso, pelo fato de que, após uma readequação territorial das paróquias da Arquidiocese de Aparecida, ocorrida em 15 de dezembro de 2017, a Basílica Velha deixou de fazer parte do território da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e passou a compor o complexo do Santuário Nacional. Desse modo, os padres redentoristas resolveram prestigiar novamente a Basílica Velha, devolvendo a ela a sede desse histórico ato de devoção. O outro fator é operacional: para facilitar a transmissão da “Consagração” pela TV Aparecida, migrou-se a celebração para a Basílica Velha, que tem os seus equipamentos de TV ligados diretamente à sede da Rede Aparecida. No Santuário Nacional, há uma sala de controle própria, o que demandaria o deslocamento diário de uma equipe de profissionais da sede da TV para o Santuário apenas para colocar a “Consagração” no ar.

vindas por correspondência dos Estados Unidos. Em declaração transcrita no livro de Paiva, ele afirma:

A parte do curso que mais me fascinou foi o capítulo que tratava da “propagação das ondas eletromagnéticas”. Sabemos que a propagação das ondas curtas depende da posição da camada da ionosfera, tendo em vista que estas ondas se propagam na base da reflexão e esta camada abaixa ou sobe de acordo com a temperatura. Acontece que uma emissora de ondas curtas, dependendo da frequência e do horário, é ouvida somente a partir de 500 ou 1.000 km de distância da torre irradiante, havendo silêncio total entre esta área e o transmissor. Quanto mais alta a frequência, maior o bolsão de silêncio em torno da torre. Em outras palavras: até 9 ou 10h da manhã, nos dias frios, a Rádio Aparecida é ouvida somente a partir de 300 km ou mais. Isso pode variar muito. O curso me fez compreender que, entre 12h e 16h, a frequência de 31m da Rádio Aparecida terá zona de silêncio, em torno do transmissor. Por isso, por volta das 15h, a Consagração poderia ser ouvida a milhares de km, sem zonas de silêncio. Resolvi então lançar o programa neste horário, o melhor e mais aconselhável dentre as 24 horas. (PAIVA, 2001, p. 72-73).

Há ainda outra controvérsia histórica sobre a Consagração: quem seria, afinal, o autor do texto que se tornou a fórmula dessa oração tão conhecida Brasil afora. No livro de Wallace Almeida, o jornalista descreve: “Esta oração tão famosa entre os devotos da padroeira do Brasil, foi composta por um padre redentorista alemão, José Afonso Zaltmen” (ALMEIDA, 2017, p. 120). A partir dessa informação, a pesquisa documental chegou ao padre José Afonso Zartmann (grafia correta do nome citado por Almeida), redentorista nascido na Alemanha em 1877 e falecido em 1933. Chegou ao Brasil em 1902 com o desejo de trabalhar nas Santas Missões e foi ordenado padre em terras brasileiras no ano de 1903. Não há, todavia, no registro biográfico do Centro Redentorista de Espiritualidade¹⁹, qualquer menção ao fato de padre Zartmann ter escrito o texto da Consagração a Nossa Senhora Aparecida. O site do Santuário de Aparecida²⁰, por sua vez, atribui a redação do texto da Consagração ao padre Vitor Coelho de Almeida. No entanto, na extensa obra biográfica de padre Vitor, escrita pelo padre Gilberto Paiva, não consta qualquer registro de que o texto da oração tenha sido composto por padre Vitor.

¹⁹ Documento interno do CERESP, intitulado “Aqueles que nos precederam: falecidos da província de São Paulo”. Disponível para consulta no site <<https://docplayer.com.br/1817352-Aqueles-que-nos-precederam.html>> Acesso em: 29 out 2018.

²⁰ Rever nota 15.

No artigo escrito pelo padre Queiroz para os 50 anos da Consagração, o autor menciona que o texto da oração estava no Manual do Devoto, o tal livrinho de orações editado pela Editora Santuário desde 1904 (Cf. QUEIROZ, 2005, p. 31). No Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional, localizado na Torre Brasília, dentro do complexo da igreja, havia seis edições diferentes do Manual do Devoto: a primeira, de 1904; a décima segunda, de 1928; a décima quinta, de 1954; a décima sexta, de 1962; a sexagésima primeira, publicada em 1999; e a septuagésima terceira, lançada em 2009. Uma análise dos textos presentes nessas edições permite inferir que o texto que hoje conhecemos para a oração mudou de título e teve sua linguagem interna adaptada várias vezes. As linhas a seguir tratarão de explicitar essas transformações.

Na primeira edição do manual, publicada em 1904, aparecem várias orações de louvor e gratidão a Nossa Senhora Aparecida. Entre elas, há dois textos de consagração. O primeiro deles está indicado no livro para ser recitado diariamente após a visita à imagem.

Imagem 3 – Reprodução das capas internas do Manual do Devoto de 1904

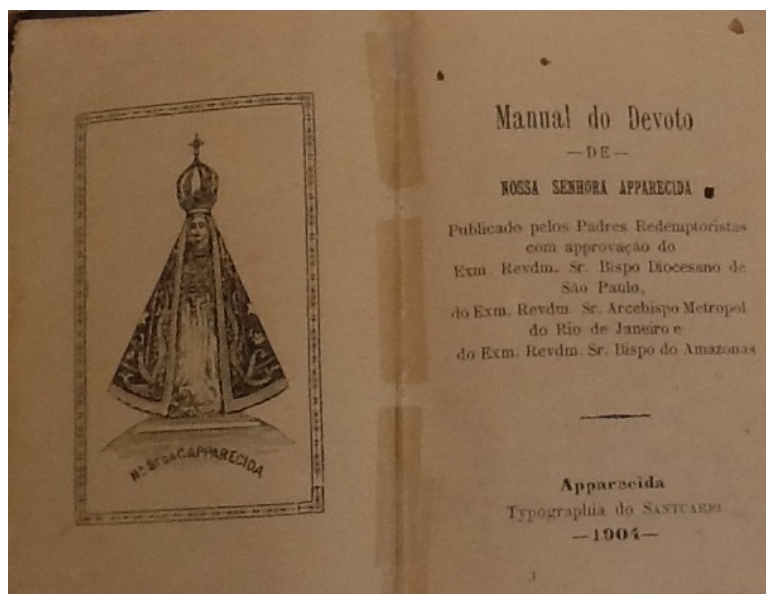


Imagem 4 – Reprodução da página 117 do Manual do Devoto de 1904

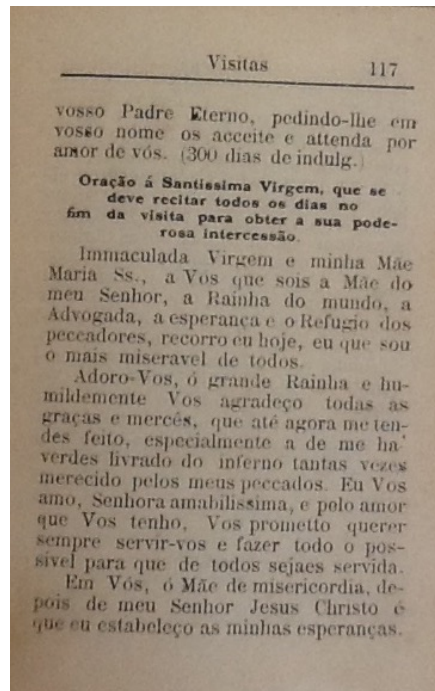
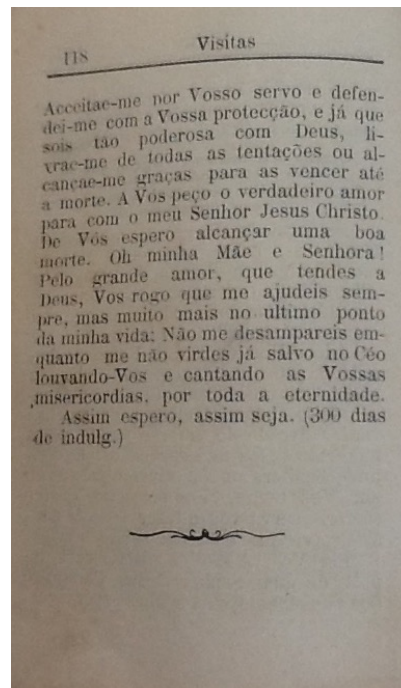


Imagem 5 – Reprodução da página 118 do Manual do Devoto de 1904



Segue abaixo a transcrição do texto, já com a devida adaptação às normas ortográficas vigentes:

Imaculada Virgem e minha Mãe Maria Santíssima, a Vós que sois a Mãe do meu Senhor, a Rainha do mundo, a Advogada, a esperança e o Refúgio dos pecadores, recorro eu hoje, eu que sou o mais miserável de todos. Adoro-Vos, ó grande rainha e humildemente Vos agradeço todas as graças e mercês, que até agora me tendes feito, especialmente a de me haverdes livrado do inferno tantas vezes merecido pelos meus pecados. Eu Vos amo, Senhora amabilíssima, e pelo amor que Vos tenho, Vos prometo querer sempre servir-vos e fazer todo o possível para de todos sejais servida. Em vós, ó Mãe de misericórdia, depois de meu Senhor Jesus Cristo, é que eu estabeleço as minhas esperanças. Aceitai-me por Vosso servo e defendei-me com a Vossa proteção, e já que sois tão poderosa com Deus, livrai-me de todas as tentações ou alcançai-me graças para as vencer até a morte. A Vós peço o verdadeiro amor para com o meu Senhor Jesus Cristo. De Vós espero alcançar uma boa morte. Ó, minha Mãe e Senhora! Pelo grande amor que tendes a Deus, Vos rogo que me ajudeis sempre, mas muito mais no último ponto da minha vida: não me desapareis enquanto me não virdes salvo no Céu louvando-Vos e cantando as Vossas misericórdias, por toda a eternidade. Assim espero, assim seja. (PADRES REDENTORISTAS, 1904, p. 117-118).

Neste mesmo manual, há um texto mais longo de Consagração a Nossa Senhora no dia da Comunhão – ou seja, esta prece deveria ser usada pelo devoto apenas no dia em que participasse da Missa. Essa oração tem a linguagem mais próxima da que é atualmente utilizada pelos fiéis, do que se pode deduzir que surgiu o texto conhecido atualmente.

Imagem 6 – Reprodução da página 152 do Manual do Devoto de 1904

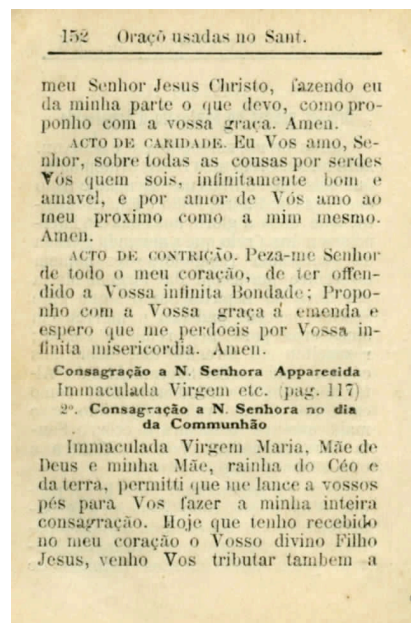


Imagem 7 – Reprodução da página 153 do Manual do Devoto de 1904

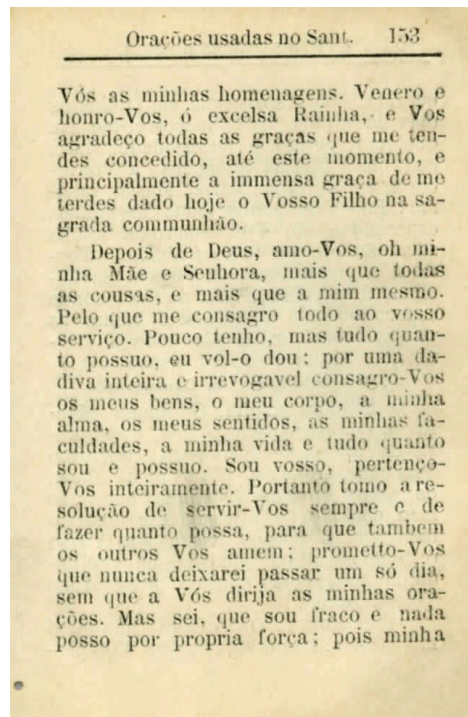
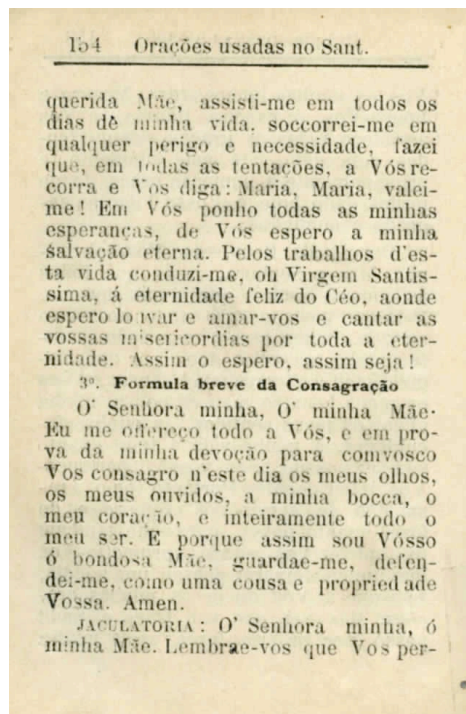


Imagem 8 – Reprodução da página 154 do Manual do Devoto de 1904



O texto da oração é o seguinte:

Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus e minha Mãe, rainha do Céu e da terra, permiti que me lance a vossos pés para Vos fazer a minha inteira consagração. Hoje que tenho recebido no meu coração o Vosso divino Filho Jesus, venho-Vos tributar também a Vós as minhas homenagens. Venero e honro-Vos, ó excelsa Rainha, e Vos agradeço todas as graças que me tendes concedido, até este momento, e principalmente a imensa graça de me terdes dado hoje o Vosso Filho na sagrada comunhão. Depois de Deus, Amo-vos, ó minha Mãe e Senhora, mais que todas as coisas, e mais que a mim mesmo. Pelo que me consagro todo ao vosso serviço. Pouco tenho, mas tudo quanto possuo eu Vos dou: por uma dádiva inteira e irrevogável consagro-Vos os meus bens, o meu corpo, a minha alma, os meus sentidos, as minhas faculdades, a minha vida e tudo quanto sou e possuo. Sou vosso, pertenço-Vos inteiramente. Portanto tomo a resolução de servir-Vos sempre e de fazer quanto possa para que também outros Vos amem; prometo-Vos que nunca deixarei passar um só dia sem que a Vós dirija as minhas orações. Mas sei que sou fraco e nada posso por própria força; pois minha querida Mãe, assisti-me em todos os dias de minha vida, socorrei em qualquer perigo ou necessidade, fazei que, em todas as tentações, a Vós recorra e vos diga: Maria, Maria, valei-me! Em Vós ponho todas as minhas esperanças, de Vós espero a minha salvação eterna. Pelos trabalhos desta vida conduzi-me, ó Virgem santíssima, à eternidade feliz do Céu, onde espero louvar e amar-vos e cantar as vossas misericórdias por toda a eternidade. Assim o espero, assim seja! (PADRES REDENTORISTAS, 1904, p. 152-154).

Na edição de 1928, o texto aparece de modo muito semelhante, mas já com algumas pequenas modificações. Seguem as imagens e a transcrição:

Imagem 9 – Reprodução da página 241 do Manual do Devoto de 1928

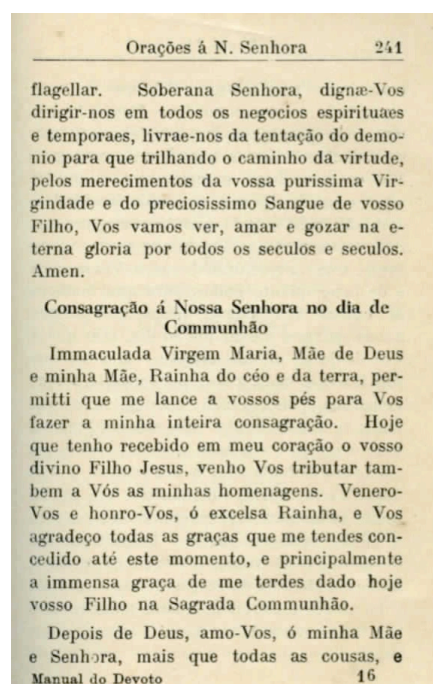
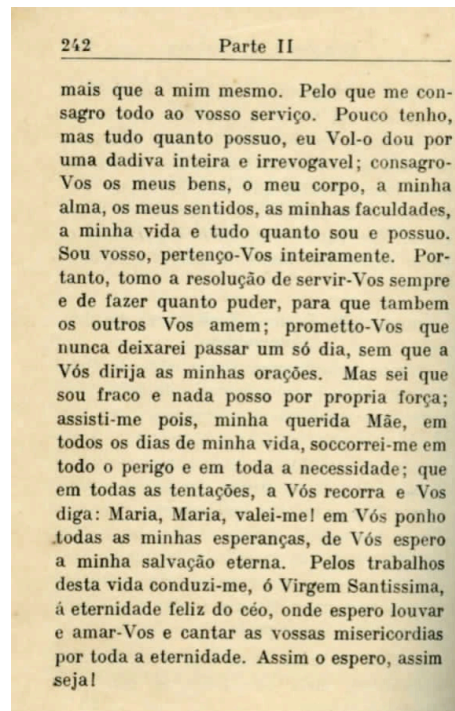


Imagem 10 – Reprodução da página 242 do Manual do Devoto de 1928

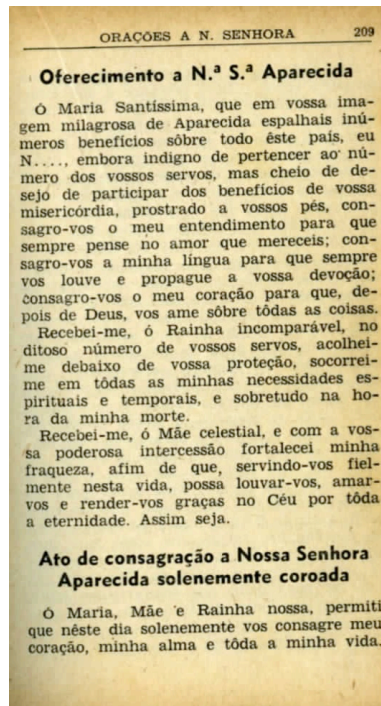


O texto da oração é o seguinte:

Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus e minha Mãe, rainha do Céu e da terra, permiti que me lance a vossos pés para Vos fazer a minha inteira consagração. Hoje que tenho recebido no meu coração o Vosso divino Filho Jesus, venho-Vos tributar também a Vós as minhas homenagens. Venero e honro-vos, ó excelsa Rainha, e Vos agradeço todas as graças que me tendes concedido, até este momento, e principalmente a imensa graça de me terdes dado hoje o Vosso Filho na Sagrada Comunhão. Depois de Deus, Amo-vos, ó minha Mãe e Senhora, mais que todas as coisas, e mais que a mim mesmo. Pelo que me consagro todo ao vosso serviço. Pouco tenho, mas tudo quanto possuo eu Vos dou por uma dádiva inteira e irrevogável; consagro-Vos os meus bens, o meu corpo, a minha alma, os meus sentidos, as minhas faculdades, a minha vida e tudo quanto sou e possuo. Sou vosso, pertença-Vos inteiramente. Portanto tomo a resolução de servir-Vos sempre e de fazer quanto puder para que também outros Vos amem; prometo-Vos que nunca deixarei passar um só dia, sem que a Vós dirija as minhas orações. Mas sei que sou fraco e nada posso por própria força; assisti-me, pois, minha querida Mãe, em todos os dias de minha vida, socorrei em todo o perigo e em toda a necessidade; que, em todas as tentações, a Vós recorra e vos diga: Maria, Maria, valei-me! Em Vós ponho todas as minhas esperanças, de Vós espero a minha salvação eterna. Pelos trabalhos desta vida conduzi-me, ó Virgem Santissima, à eternidade feliz no céu, onde espero louvar e amar-vos e cantar as vossas misericórdias por toda a eternidade. Assim o espero, assim seja! (PADRES REDENTORISTAS, 1928, p. 241-242).

Na edição lançada em 1954 (um ano antes de o programa entrar no ar), o Manual do Devoto já traz um texto muito mais próximo daquele que hoje é rezado. Todavia, o livro apresenta a fórmula não como Consagração, mas como Oferecimento a Nossa Senhora Aparecida.

Imagem 11 – Reprodução da página 209 do Manual do Devoto de 1954

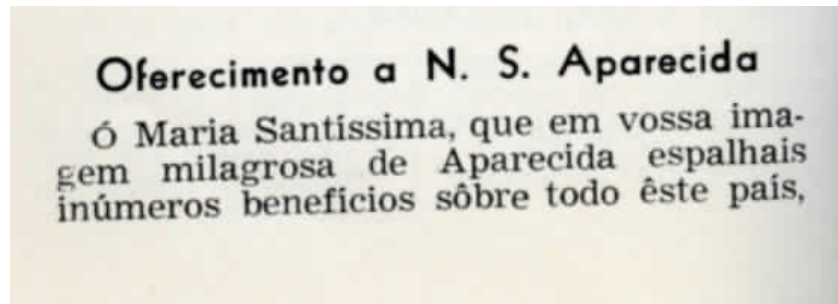


A transcrição do texto é a seguinte:

Ó Maria Santíssima, que em vossa imagem milagrosa de Aparecida espalhais inúmeros benefícios sobre todo este país, eu N...., embora indigno de pertencer ao número dos vossos servos, mas cheio do desejo de participar dos benefícios de vossa misericórdia, prostrado a vossos pés, consagro-vos o meu entendimento para que sempre pense no amor que mereceis; consagro-vos a minha língua para que sempre vos louve e propague a vossa devoção; consagro-vos o meu coração para que, depois de Deus, vos ame sobre todas as coisas. Recebei-me, ó Rainha incomparável, no ditoso número de vossos servos, acolhei-me debaixo de vossa proteção, socorrei-me em todas as minhas necessidades espirituais e temporais, e sobretudo na hora da minha morte. Recebei-me, ó Mãe celestial, e com a vossa poderosa intercessão fortalecei minha fraqueza, a fim de que, servindo-vos fielmente nesta vida, possa louvar-vos, amar-vos e render-vos graças no Céu por toda a eternidade. Assim seja! (PADRES REDENTORISTAS, 1954, p. 209).

Oito anos depois, em 1962, uma nova edição do Manual do Devoto traz o mesmo texto, igualmente sob o título de Oferecimento a Nossa Senhora Aparecida (Cf. PADRES REDENTORISTAS, 1962, pp. 204-205).

Imagem 12 – Detalhe da página 204 do Manual do Devoto de 1962



Na edição publicada em 1999, o texto é bem semelhante ao de 1954, porém, é possível perceber algumas alterações nas flexões verbais – os editores trocaram a primeira pessoa do singular pela primeira do plural, buscando uma dimensão comunitária para a prece. Outro detalhe interessante é que, em 1999, oração não tem mais o título de Oferecimento, e já aparece como sendo de Consagração a Nossa Senhora Aparecida.

Imagem 13 – Reprodução de detalhe da página 153 do Manual do Devoto de 1999

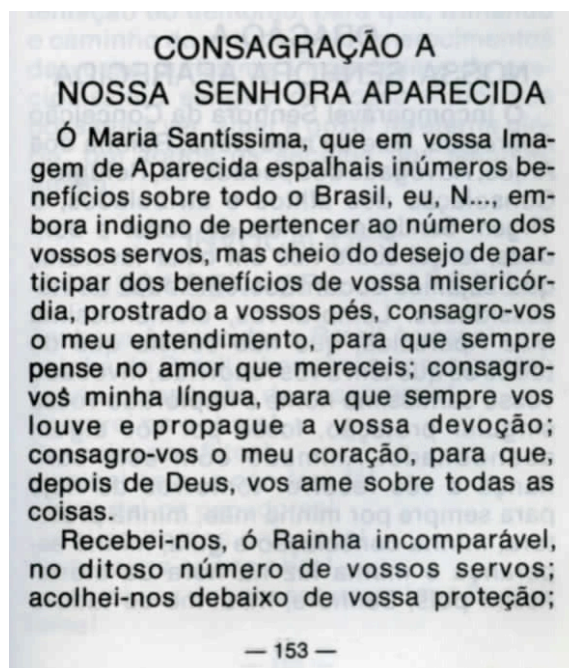
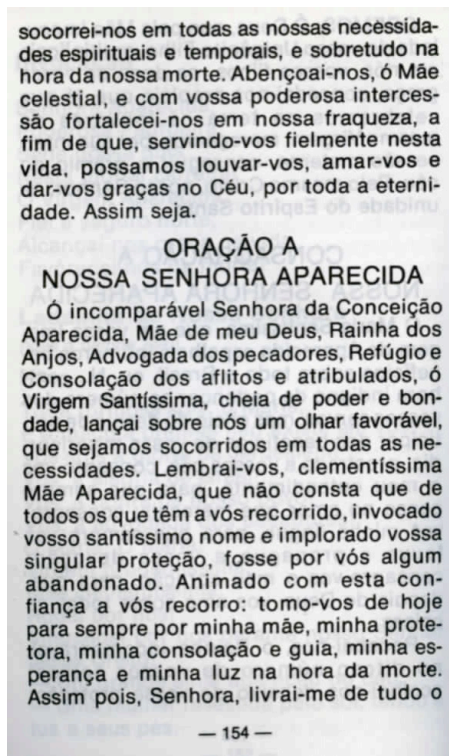


Imagem 14 – Reprodução da página 154 do Manual do Devoto de 1999



A transcrição do texto é a seguinte:

Ó Maria Santíssima, que em vossa imagem de Aparecida espalhais inúmeros benefícios sobre todo o Brasil, eu, N...., embora indigno de pertencer ao número dos vossos servos, mas cheio do desejo de participar dos benefícios de vossa misericórdia, prostrado a vossos pés, consagro-vos o meu entendimento, para que sempre pense no amor que mereceis; consagro-vos a minha língua, para que sempre vos louve e propague a vossa devoção; consagro-vos o meu coração, para que, depois de Deus, vos ame sobre todas as coisas. Recebei-nos, ó Rainha incomparável, no ditoso número de vossos servos; acolhei-nos debaixo de vossa proteção; socorrei-nos em todas as nossas necessidades espirituais e temporais, e sobretudo na hora da nossa morte. Abençoai-nos, ó Mãe celestial, e com a vossa poderosa intercessão fortalecei-nos em nossa fraqueza, a fim de que, servindo-vos fielmente nesta vida, possamos louvar-vos, amar-vos e dar-vos graças no Céu, por toda a eternidade. Assim seja! (PADRES REDENTORISTAS, 1991, p. 153-154).

Na edição de 2009, o texto é rigorosamente o mesmo publicado em 1999, apenas com o retorno da flexão dos verbos para a primeira pessoa do singular (Cf. PADRES REDENTORISTAS, 2009, p. 122). O texto rezado atualmente, segundo Wallace Almeida, veio de uma sugestão do Papa Francisco ao Cardeal Raymundo Damasceno Assis, durante a visita que o pontífice realizou ao Brasil em 2013. “A sugestão visava levar quem fizesse a oração de consagração a

Nossa Senhora da Conceição Aparecida a viver mais o Espírito Eclesial da modernidade e recuperar o aspecto cristológico da consagração. Isso porque toda oração deve ter como centro a figura de Jesus Cristo” (ALMEIDA, 2017, p. 120).

A atual versão do texto é a seguinte:

Ó Maria Santíssima, pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, em vossa querida imagem de Aparecida, espalhais inúmeros benefícios sobre todo o Brasil. Eu, embora indigno de pertencer ao número de vossos filhos e filhas, mas cheio do desejo de participar dos benefícios de vossa misericórdia, prostrado a vossos pés, consagro-vos o meu entendimento, para que sempre pense no amor que mereceis; consagro-vos a minha língua para que sempre vos louve e propague a vossa devoção; consagro-vos o meu coração, para que, depois de Deus, vos ame sobre todas as coisas. Recebei-me, ó Rainha incomparável, vós que o Cristo crucificado deu-nos por Mãe, no ditoso número de vossos filhos e filhas; acolhei-me debaixo de vossa proteção; socorrei-me em todas as minhas necessidades, espirituais e temporais, sobretudo na hora de minha morte. Abençoai-me, ó celestial cooperadora, e com vossa poderosa intercessão, fortalecei-me em minha fraqueza, a fim de que, servindo-vos fielmente nesta vida, possa louvar-vos, amar-vos e dar-vos graças no céu, por toda eternidade. Assim seja!²¹

Foram incluídas no texto as expressões: “pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo”, “Vós que o Cristo Crucificado deu-nos por mãe” e “Celestial cooperadora”. O padre Evaldo César de Souza afirma: “Em todas essas três frases, o que se quer destacar é que tudo em Maria é fruto de seu amor por Jesus Cristo. Maria é reflexo do amor de Deus; Jesus é esse amor mesmo em plenitude. Assim, quando rezamos nossa Consagração a Nossa Senhora Aparecida, estamos mesmo consagrando-nos ao Senhor” (SOUZA, 2016, p. 10). Mesmo com tantas alterações ao longo do tempo, a essência do texto da Consagração permanece. E os fiéis encontram nesta oração um caminho seguro para renovar periodicamente seu vínculo simbólico de intimidade com a figura materna da matriz teológica católica, inculturada na realidade brasileira.

2.5 – A comunidade em torno do programa

Tão logo entrou no ar, a Consagração se transformou em um dos principais programas da emissora. A quantidade de ouvintes que se correspondiam com a

²¹ O texto pode ser acessado no site: <<http://www.a12.com/reze-no-santuário/consagração>> Acesso em: 20 set 2018.

Rádio Aparecida para relatar a recepção do programa e as graças alcançadas por meio da oração das 15h era crescente. Na página quatro da edição do dia 3 de junho de 1956, um dos editores do jornal (o texto não cita a autoria) escreveu um artigo em primeira pessoa relatando uma conversa com o diretor da Rádio Aparecida, padre Rubem Leme Galvão. Eis um trecho deste interessante relato:

Entre os programas de maior número de ouvintes, disse o Pe. Diretor estar o da Consagração a Nossa Senhora lançado ao ar todos os dias às três horas da tarde. Dos casos que me relatou o que mais lhe impressionou foi o da conversão de várias mulheres que viviam juntas num desses antros de perdição. Essas infelizes estavam a procurar no rádio não sei que Emissora, certamente alguma com programas de bom paladar para gente “dessas casas”, e foram surpreendidas pela onda da Rádio Aparecida captada com grande intensidade justamente no programa da Consagração a Nossa Senhora. Surpreendidas pelo grande volume da Emissora sintonizaram melhor e esperaram o prefixo da mesma que logo lhes chegou aos ouvidos: Emissoras Católicas da Rádio Aparecida. O que ouviram fez-lhes pensar um momento. Foi como um sinal vermelho, de parada, na vertiginosa carreira para a perdição. Respeitaram o sinal. Meditaram. Pensaram na vida, pensaram em sua alma e resolveram mudar de vida para salvarem a alma. Se bem pensaram, melhor o fizeram. Mudaram de cidade. Dedicaram-se juntas a trabalhos honestos, vivendo para o grande negócio de sua vida: a salvação da própria alma. (JORNAL SANTUÁRIO DE APARECIDA, 3/4/1956, p. 6).

No dia 24 de março de 1957, o mesmo jornal, em coluna na página 6, apresentava outro número impressionante:

O programa das 3 horas (Consagração a N. Sra. Aparecida) é um dos mais ouvidos. Basta dizer que já foram registrados perto de 70.000 nomes de pessoas que se inscreveram no Álbum da Consagração. [...] Inúmeros têm sido os benefícios que a Rádio de Nossa Senhora Aparecida tem prestado ao nosso povo, principalmente ao povo do interior e da roça. Seus programas de instrução e orientação religiosa conseguem suprir em parte a falta de padres e de catecismo. A Rádio Aparecida está se tornando como que uma Auxiliar dos nossos vigários, ajudando-os a instruir, a formar nossa gente. (JORNAL SANTUÁRIO DE APARECIDA, 24/3/1957, p. 6).

Em 7 de setembro de 1958, o jornal “Santuário de Aparecida” dedicou uma edição especial para exaltar o sétimo aniversário da emissora. Já na capa, a Rádio Aparecida era chamada de “A mais poderosa Emissora Católica das Américas” (JORNAL SANTUÁRIO DE APARECIDA, 7/9/1958, p. 1).

Imagem 15 – Reprodução da capa do jornal “Santuário de Aparecida”, de 7/9/1958



Nesta mesma edição, na página três, está estampada uma grande matéria intitulada “Os três grandes – os programas religiosos são o ‘pivot’ da Rádio – Muitos vigários dizem: Esta Rádio ajuda-me muito” (JORNAL SANTUÁRIO DE APARECIDA, 7/9/1958, p. 3). O texto detalha os programas religiosos e descreve a atuação de três padres que se destacavam no dia a dia da rádio naquele momento: padre Rubem Leme Galvão, padre Vitor Coelho de Almeida e padre Maurilio Correa de Faria. No corpo da matéria, aparece uma citação muito importante: “A ‘Consagração a Nossa Senhora Aparecida’ às 15 horas é feita, ora pelo Pe. Galvão, ora pelo Pe. Coelho, ora por algum outro sacerdote que trabalha no santuário. Será, talvez, o mais ouvido.” (JORNAL SANTUÁRIO DE APARECIDA, 7/9/1958, p. 3).

Imagem 16 – Reprodução do jornal “Santuário de Aparecida”, de 7/9/1958



2.6 – A pesquisa do IBOPE de 1957-58: indícios de relevância

O IBOPE, que atualmente carrega a marca Kantar IBOPE Media para o segmento de pesquisas de audiência, é um dos mais conhecidos institutos brasileiros no campo de aferição de hábitos de consumo mediático. Trata-se da primeira empresa desse segmento no Brasil, com fundação datada no ano de 1942. Desde então, o instituto se transformou na principal referência para a medição da audiência de rádio e televisão no país, tanto que segue sendo contratado pelas próprias emissoras, por agências de publicidade ou por empresas que buscam, com o apoio dos números apurados pelo IBOPE, entender a intensidade da presença de suas marcas no cotidiano dos brasileiros.

O acervo histórico de muitos desses levantamentos foi recentemente digitalizado pela equipe do Arquivo Edgard Leuenroth, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, e está disponível para consulta desde

2017²². Entre os mais de 50 mil relatórios de pesquisa digitalizados, está um levantamento que merece um olhar especial. Trata-se de uma pesquisa realizada entre dezembro 1957 e fevereiro de 1958 em 40 cidades brasileiras. No total, os pesquisadores entrevistaram 8.950 pessoas. Encomendada pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a pesquisa tinha o objetivo de aferir a penetração do sinal e a periodicidade da audiência da rádio nacional e, em paralelo, mapear um panorama da concorrência em cada uma das praças visitadas.

Este levantamento, em particular, dividiu o país em três faixas territoriais, num mapeamento que atendesse da melhor maneira a estratégia de pesquisa contratada pela Rádio Nacional. A faixa 1 abrangeu a região entre Juazeiro do Norte, no Ceará, e Feira de Santana, na Bahia. A segunda área de pesquisa foi delimitada entre Vitória, no Espírito Santo, e Ponta Grossa, no Paraná. A terceira região ficou entre Londrina, no Paraná, e Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul. O relatório trouxe, na primeira parte, apenas a indicação da posição da Rádio Nacional em cada praça e, nas localidades em que ela apareceu na liderança ou em segundo lugar, a diferença entre as duas primeiras colocadas. Nessa primeira parte, a Rádio Aparecida teve destaque apenas na faixa 2, especificamente no município de Itajubá, em Minas Gerais. Naquela cidade, a Rádio Aparecida figurava em segundo lugar na pesquisa, com 13% de audiência, atrás da Nacional, que liderava com 44%.

Na segunda parte da pesquisa, aparece o levantamento pormenorizado de cada uma das 40 cidades pesquisadas, com a divisão da audiência entre os períodos da manhã, tarde e noite. Nesta seção, o nome da Rádio Aparecida tem mais citações, aparecendo na lista de audiência em 28 das 40 cidades visitadas pelos pesquisadores. A audiência da Rádio Aparecida, nas cidades onde ela é citada, foi aferida pelo IBOPE conforme a tabela a seguir:

Tabela 2 – Audiência da Rádio Aparecida entre dezembro de 1957 e fevereiro de 1958

Cidade	Posição no Ranking Geral	Média de Audiência	Manhã	Tarde	Noite
Garanhuns-PE	13º	1%	-	-	1%
Maceió-AL	17º	1%	-	1%	-

²² O acesso a todo o acervo é gratuito, mediante um cadastro inicial, e está disponível no link <<https://www.ael.ifch.unicamp.br/ael-digital>> Acesso em: 10 set 2019.

Ilhéus-BA	19°	1%	-	-	1%
Vitória-ES	12°	1%	-	1%	1%
Cachoeiro do Itapemirim-ES	9°	2%	4%	4%	-
Campos-RJ	11°	1%	-	2%	-
Belo Horizonte-MG	9°	1%	1%	2%	1%
Juiz de Fora-MG	-	Menos de 1%	1%	-	-
Uberaba-MG	6°	2%	2%	3%	1%
Teófilo Otoni-MG	8°	3%	3%	3%	3%
Itajubá-MG	2°	13%	16%	20%	6%
Goiânia-GO	15°	Menos de 1%	1%	-	-
Taubaté-SP	9°	1%	2%	2%	-
Campinas-SP	15°	1%	1%	1%	1%
Piracicaba-SP	11°	2%	-	2%	4%
Sorocaba-SP	18°	1%	1%	1%	-
Araraquara-SP	8°	5%	8%	5%	3%
Franca-SP	14°	1%	1%	1%	-
São José do Rio Preto-SP	9°	3%	2%	5%	2%
Ribeirão Preto-SP	8°	3%	3%	1%	3%
Araçatuba-SP	8°	2%	5%	2%	1%
Bauru-SP	7°	3%	2%	5%	2%
Marília-SP	14°	1%	1%	1%	1%
Presidente Prudente-SP	9°	2%	1%	5%	-
Curitiba-PR	-	Menos de 1%	1%	-	-
Ponta Grossa-PR	10°	2%	1%	1%	2%
Londrina-PR	11°	2%	3%	1%	1%
Joinville-SC	14°	1%	1%	2%	-

Dentro de cada faixa horária, os pesquisadores fizeram uma aferição segmentada por gênero. Em 14 das 28 cidades em que a Rádio Aparecida foi citada, a audiência era majoritariamente feminina. Na outra metade, a maior parcela de ouvintes era formada por homens. A tabela a seguir apresenta, por gênero, a divisão da audiência da Rádio Aparecida nas praças onde ela foi citada pelos entrevistados:

Tabela 3 – Audiência da Rádio Aparecida: média geral segmentada por gênero entre dezembro de 1957 e fevereiro de 1958

Cidade	Média Geral de Audiência	Homens	Mulheres
Garanhuns-PE	1%	-	1%

Maceió-AL	1%	-	1%
Ilhéus-BA	1%	-	1%
Vitória-ES	1%	-	1%
Cachoeiro do Itapemirim-ES	2%	3%	2%
Campos-RJ	1%	1%	1%
Belo Horizonte-MG	1%	1%	1%
Juiz de Fora-MG	Menos de 1%	-	-
Uberaba-MG	2%	2%	3%
Teófilo Otoni-MG	3%	2%	4%
Itajubá-MG	13%	16%	12%
Goiânia-GO	Menos de 1%	1%	-
Taubaté-SP	1%	1%	2%
Campinas-SP	1%	1%	1%
Piracicaba-SP	2%	1%	2%
Sorocaba-SP	1%	-	1%
Araraquara-SP	5%	2%	9%
Franca-SP	1%	-	2%
São José do Rio Preto-SP	3%	1%	5%
Ribeirão Preto-SP	3%	1%	4%
Araçatuba-SP	2%	1%	3%
Bauru-SP	3%	2%	4%
Marília-SP	1%	2%	-
Presidente Prudente-SP	2%	1%	3%
Curitiba-PR	Menos de 1%	-	-
Ponta Grossa-PR	2%	3%	-
Londrina-PR	2%	1%	2%
Joinville-SC	1%	2%	1%

Quando se apresentam os números relativos a cada período do dia, pode-se notar uma predileção dos ouvintes da Rádio Aparecida pelos horários da manhã e da tarde. Entre as 28 praças citadas, em 3 delas a emissora apareceu com mais audiência pela manhã do que nos outros períodos. A tarde registrou mais audiência em 10 praças. A noite foi o período de maior audiência registrada em apenas duas praças. Em 13 localidades, os maiores percentuais de ouvintes foram igualmente registrados em pelo menos dois períodos do dia. Uma visão detalhada e segmentada por gênero está disponível nas tabelas a seguir:

Tabela 4 – Rádio Aparecida: audiência da manhã segmentada por gênero entre dezembro de 1957 e fevereiro de 1958

Cidade	Média de Audiência da Manhã	Homens	Mulheres
Garanhuns-PE	-	-	-
Maceió-AL	-	-	-
Ilhéus-BA	-	-	-
Vitória-ES	-	-	-
Cachoeiro do Itapemirim-ES	4%	6%	3%
Campos-RJ	-	-	-
Belo Horizonte-MG	1%	2%	1%
Juiz de Fora-MG	1%	-	1%
Uberaba-MG	2%	3%	2%
Teófilo Otoni-MG	3%	8%	-
Itajubá-MG	16%	17%	12%
Goiânia-GO	1%	2%	-
Taubaté-SP	2%	2%	2%
Campinas-SP	1%	1%	1%
Piracicaba-SP	-	-	-
Sorocaba-SP	1%	-	1%
Araraquara-SP	8%	4%	12%
Franca-SP	1%	-	1%
São José do Rio Preto-SP	2%	-	5%
Ribeirão Preto-SP	3%	2%	5%
Araçatuba-SP	5%	3%	7%
Bauru-SP	2%	1%	1%
Marília-SP	1%	-	1%
Presidente Prudente-SP	1%	-	2%
Curitiba-PR	1%	1%	-
Ponta Grossa-PR	1%	3%	-
Londrina-PR	3%	2%	5%
Joinville-SC	1%	3%	-

Tabela 5 – Rádio Aparecida: audiência da tarde segmentada por gênero entre dezembro de 1957 e fevereiro de 1958

Cidade	Média de Audiência da Tarde	Homens	Mulheres
Garanhuns-PE	-	-	-
Maceió-AL	1%	-	1%
Ilhéus-BA	-	-	-
Vitória-ES	1%	-	1%
Cachoeiro do Itapemirim-ES	4%	5%	3%
Campos-RJ	2%	2%	2%

Belo Horizonte-MG	2%	1%	2%
Juiz de Fora-MG	-	-	-
Uberaba-MG	3%	4%	3%
Teófilo Otoni-MG	3%	-	5%
Itajubá-MG	20%	24%	16%
Goiânia-GO	-	-	-
Taubaté-SP	2%	2%	2%
Campinas-SP	1%	1%	1%
Piracicaba-SP	2%	2%	2%
Sorocaba-SP	1%	-	1%
Araraquara-SP	5%	1%	8%
Franca-SP	1%	-	2%
São José do Rio Preto-SP	5%	-	10%
Ribeirão Preto-SP	1%	-	3%
Araçatuba-SP	2%	-	3%
Bauru-SP	5%	4%	5%
Marília-SP	1%	-	3%
Presidente Prudente-SP	5%	2%	8%
Curitiba-PR	-	-	-
Ponta Grossa-PR	1%	3%	-
Londrina-PR	1%	-	1%
Joinville-SC	2%	3%	2%

Tabela 6 – Rádio Aparecida: audiência da noite segmentada por gênero entre dezembro de 1957 e fevereiro de 1958

Cidade	Média de Audiência da Noite	Homens	Mulheres
Garanhuns-PE	1%	-	3%
Maceió-AL	-	-	-
Ilhéus-BA	1%	-	1%
Vitória-ES	1%	-	1%
Cachoeiro do Itapemirim-ES	-	-	-
Campos-RJ	-	-	-
Belo Horizonte-MG	1%	1%	1%
Juiz de Fora-MG	-	-	-
Uberaba-MG	1%	1%	1%
Teófilo Otoni-MG	3%	-	5%
Itajubá-MG	6%	9%	2%
Goiânia-GO	-	-	-
Taubaté-SP	-	-	-

Campinas-SP	1%	-	2%
Piracicaba-SP	4%	3%	4%
Sorocaba-SP	-	-	-
Araraquara-SP	3%	1%	5%
Franca-SP	-	-	-
São José do Rio Preto-SP	2%	2%	2%
Ribeirão Preto-SP	3%	2%	3%
Araçatuba-SP	1%	-	2%
Bauru-SP	2%	1%	4%
Marília-SP	1%	-	1%
Presidente Prudente-SP	-	-	-
Curitiba-PR	-	-	-
Ponta Grossa-PR	2%	3%	1%
Londrina-PR	1%	-	1%
Joinville-SC	-	-	-

Como este levantamento nacional foi o mais abrangente encontrado dentro do acervo disponibilizado pelo IBOPE e, por se tratar de uma pesquisa única, não há possibilidade de comparação com outros períodos para registrar se houve evolução ou involução da audiência da Rádio Aparecida depois de 1958. Todavia, esta pesquisa, realizada num momento em que já estavam no ar 3 estações da Rádio Aparecida (AM regional, ondas curtas de 31 metros e ondas tropicais de 60 metros), é possível constatar que a emissora tinha alcance numa porção considerável do território pesquisado e que, ainda que timidamente, já figurava entre as 10 mais ouvidas em 13 das 28 praças em que foi citada. Um feito invejável para uma emissora que estava há menos de sete anos no ar quando o levantamento foi realizado.

2.7 – O papel de padre Vitor

A Consagração a Nossa Senhora Aparecida, momento comunicacional de devoção que é objeto deste trabalho, ganhou notabilidade nacional a partir da figura do padre Vitor Coelho de Almeida. Nascido em 1899, Vitor ingressou ainda criança, aos 12 anos de idade, no convento Redentorista em Aparecida. Após os estudos, recebeu o hábito redentorista em primeiro de agosto de 1917 e fez os votos religiosos na Congregação dos Missionários Redentoristas, após o ano de

Noviciado, em 2 de agosto de 1918, na cidade de Perdões-SP. Iniciou os estudos superiores em Aparecida, continuando-os na Alemanha, para onde viajou em 1920. Foi ordenado padre em Gars am Inn, em 5 de agosto de 1923, e regressou ao Brasil em setembro de 1924.

Padre Vítor, nos primeiros anos após a ordenação, exerceu seu ministério nas Santas Missões Redentoristas e no Santuário de Aparecida. Entre 1931 e 1940 dedicou-se, como missionário, à pregação das santas missões, revelando um singular carisma no uso da palavra. Em 1940, um quadro clínico grave de tuberculose se abateu sobre ele, durante uma missão ocorrida em Ribeirão Preto-SP. Em janeiro de 1941, Padre Vítor foi internado para tratamento no Sanatório da Divina Providência, em Campos do Jordão-SP. Ali permaneceu até 1949, quando, já curado, voltou para Aparecida. Na biografia de padre Vítor, escrita pelo padre Gilberto Paiva, aponta-se que esse retorno para Aparecida fora confirmado por uma lista de transferências de confrades vinda de Roma em outubro de 1950 (cf. PAIVA, 2014, p. 306).

Por estar na comunidade da Basílica, padre Vítor acompanhou de perto a sequência de fatos e contratempos que antecederam a conquista da emissora de rádio para os Redentoristas de Aparecida, em 1951. Relatou padre Paiva:

No dia da inauguração, Padre Vítor estava em São Paulo, incumbido de comprar – ou ganhar – alguns discos para a futura emissora de rádio. Ele sonhava com aquele momento desde quando, ocasionalmente, fazia uso das ondas de rádio na Missão e, em Campos do Jordão, no período em que manteve um programa na emissora local (PAIVA, 2014, p. 307).

No Jornal “Santuário de Aparecida”, publicado em 17 de outubro de 1951, padre Vítor comentou a inauguração da emissora na coluna “Janelinha da Arca”:

Andei com a “Janelinha” fechada por causa da nova estação de rádio. As organizações iniciais absorvem muito as atividades da gente. Graças a Deus o barco da “Rádio Aparecida” ganhou alto-mar e vai de velas enfunadas. Chegam cartas de longe, reclamando: “Não conseguimos ouvir a Rádio Aparecida. Perdemos o trabalho de estar procurando no ponto de 1600 quilociclos”. O motivo é muito simples: A nossa estação não tem ainda licença de funcionar com mais de 100 watts, assim não atinge mais de 50 quilômetros em linha reta. Peçam a Nossa Senhora para que logo tenhamos uma emissora poderosa. É claro que todo o Brasil deseja ouvir a Rádio de Nossa Senhora Aparecida (ALMEIDA, 1951, p. 6).

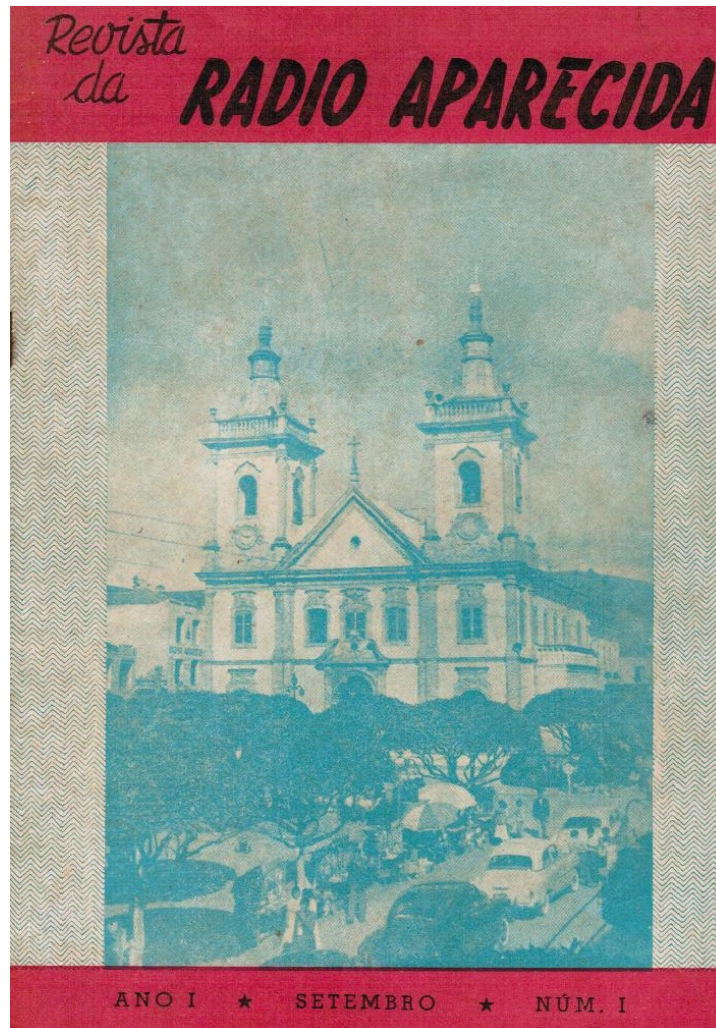
Imagem 17 – Detalhe da página 6 do Jornal “Santuário de Aparecida”, de 17/10/1951



Entre 1950 e 1955, padre Vitor se viu dividido entre os serviços em Aparecida, tanto na Basílica quanto na rádio, a pregação de missões e o atendimento como confessor aos estudantes seminaristas na cidade paulista de Tietê. Em 1955, padre Vitor foi escalado e chegou até a participar das Missões preparatórias para o Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro. Foi seu último trabalho como pregador. Dali em diante, o campo missionário de Padre Vitor foi definitivamente a Rádio Aparecida (cf. PAIVA, 2014, p. 318).

Em 1955, a Editora Santuário lançou o primeiro volume da Revista da Rádio Aparecida – uma publicação de caráter tão esporádico que voltaria a ser editada apenas em 1982. A versão de 955 apresentava os comunicadores, os conteúdos e alguns artigos de opinião relacionados ao apostolado vivido na emissora.

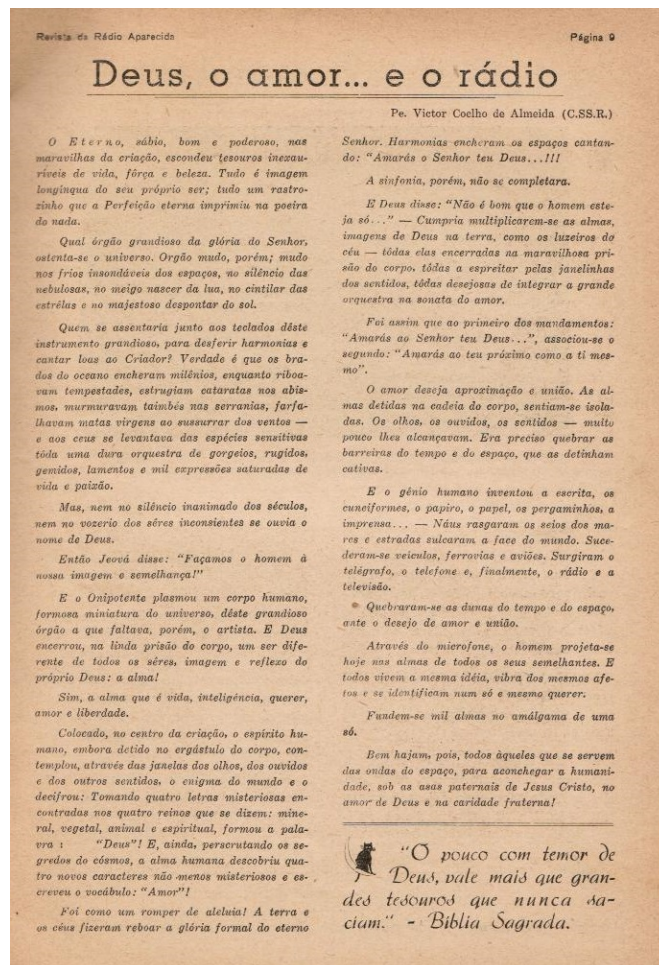
Imagem 18 – Capa da Revista da Rádio Aparecida, publicada em 1955



Nesta revista, Padre Vítor foi tema de um breve perfil que aparece na página 8. Ali, são destacados os programas que na época estavam sob sua responsabilidade – dentre eles, a Consagração. A matéria assim define Padre Vítor: “É, sem dúvida, um dos grandes batalhadores pela difusão do catolicismo através das ondas da Emissora da Padroeira do Brasil!” (REVISTA DA RÁDIO APARECIDA, 1955, p. 8). Na mesma publicação, há um artigo assinado por Padre Vítor, intitulado “Deus, o amor... e o rádio”. No texto, Padre Vítor faz um

caminho de aproximação entre o engenho humano e a vontade criadora de Deus e exalta a capacidade tecnológica do homem para superar as barreiras do tempo e do espaço com vistas a aproximar-se dos demais seres humanos. “Através do microfone, o homem projeta-se hoje nas almas de todos os seus semelhantes. E todos vivem a mesma ideia, vibram dos mesmos afetos e se identificam num só e mesmo querer” (ALMEIDA, 1955, p. 9).

Imagem 19 – Reprodução da página 9 da Revista da Rádio Aparecida, publicada em 1955



Em 1959, Padre Vitor escreveu uma comunicação para a REB – Revista Eclesiástica Brasileira, na qual evidencia o papel importante dos programas religiosos da Rádio Aparecida, dentre eles a Consagração, tanto para o sucesso da rádio quanto para a missão evangelizadora da Igreja. Eis o que escreveu Padre Vitor:

A Emissora de Nossa Senhora Aparecida venceu pelo simples motivo de ser abertamente católica e mariana. Sentindo a

responsabilidade de doutrinar não apenas através de programas com leves tinturas doutrinárias que não satisfazem o povo, os Padres de Rádio organizaram nada menos de nove programas diários de instrução e exortação. [...] A catequese tem sido, portanto, a faina indefessa da Estação de Nossa Senhora Aparecida, com frutos de conversão e renovação espiritual tão universalmente conhecidos que, aos entusiastas da nossa Santa Fé, só resta agradecer bendizendo a Mãe de Deus, por tão notório favor. (ALMEIDA, 1959, p. 642-643).

Padre Vitor ganhou tamanha fama que passou a ser como um embaixador da devoção a Nossa Senhora Aparecida. Chegou a dirigir a Rádio Aparecida entre 1965 e 1970. Viajava pelo país com a imagem peregrina para celebrar missas e coletar recursos em prol do Clube dos Sócios da Rádio Aparecida. Esses deslocamentos, no entanto, não eram vistos de forma positiva por toda a comunidade redentorista de Aparecida. Eis o que conta o padre Gilberto Paiva sobre a época em que o padre Orlando Gambi dirigia a emissora, como sucessor imediato do padre Vitor:

Outra situação delicada para o diretor dizia respeito às viagens de Padre Vitor, em nome da RA, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Isso causava alguns transtornos de ordem prática: era preciso destinar carros e conseguir motoristas para a viagem, além do desconforto causado sobre a dubiedade quanto à destinação de recursos financeiros arrecadados nas cidades visitadas, que muitos doadores imaginavam serem para a construção da basílica, quando, na verdade, se destinavam ao Clube dos Sócios. (PAIVA, 2014, p. 438).

Por 36 anos, a voz de Padre Vitor ganhou o Brasil através das ondas do rádio. Entre os momentos de evangelização conduzidos por Padre Vitor no rádio está a Consagração a Nossa Senhora Aparecida. Mesmo depois da sua morte, em 1987, o legado de Padre Vitor permanece no ar e a “Consagração a Nossa Senhora Aparecida” continua a ser rezada em Aparecida às 15h, atualmente com transmissão simultânea pela Rádio Aparecida, emissoras de rádio afiliadas, TV Aparecida e Portal A12.com.

No prédio que abriga a comunidade redentorista Pe. Gebardo, localizado ao lado da Basílica Velha de Aparecida, no centro da cidade, está instalado o Memorial Redentorista. Ali estão preservadas informações e registros históricos sobre todos os padres e irmãos já falecidos que passaram por Aparecida na obra de evangelização. Os restos mortais dos missionários que faleceram na cidade

estão depositados num ossuário, localizado dentro de uma capela que fica no complexo do memorial. Para o padre Vitor, no entanto, há um tratamento especial. Numa sala lateral da capela do memorial estão expostos objetos usados pelo padre no seu apostolado de comunicador. Além disso, há uma pequena capela especialmente dedicada à memória de padre Vitor, onde o corpo dele está depositado.

Imagem 20 – Batina usada por padre Vitor e manto de imagem de Nossa Senhora Aparecida, expostos no Memorial Redentorista (foto do autor).



Imagem 21 – Cronômetro e microfones usados por padre Vitor, expostos no Memorial Redentorista (foto do autor).



Imagem 22 – Capela dedicada à memória de padre Vitor, localizada no Memorial Redentorista (foto do autor).



Em 1997, a Arquidiocese de Aparecida abriu junto à Santa Sé o processo de canonização do Padre Vitor Coelho de Almeida. Ele já foi declarado Servo de Deus (primeiro estágio do processo para ser oficializado como santo da Igreja Católica). Desde 2016, a Arquidiocese de Ribeirão Preto vem realizando os estudos de comprovação de um suposto milagre atribuído a Padre Vitor. A senhora Edilene Pavão Geraldini relatou ter recebido uma graça extraordinária durante uma gravidez complicada e com risco de vida, no período em que estava internada na Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto. O processo em âmbito diocesano foi remetido à Congregação para a Causa dos Santos, no Vaticano, onde aguarda um novo encaminhamento.

3. A CONSAGRAÇÃO E O RÁDIO: Identidades que se completam

Se o capítulo anterior tratou de oferecer informações de cunho histórico para compreender a origem e a evolução tanto do rito quanto do programa de rádio relativos à Consagração a Nossa Senhora Aparecida, as páginas que seguem buscarão apresentar e analisar dados atualizados para a compreensão desse fenômeno religioso. Esta seção está dividida em quatro partes. Na primeira, são apresentados os critérios para a escolha da amostra de programas tomada para a realização da pesquisa. A segunda parte esquematiza a estrutura básica do programa de rádio. A terceira mostra e analisa a transcrição de trechos retirados dos programas selecionados na amostragem nos quais o sacerdote que preside o momento de oração reforça o vínculo de identidade entre a devoção e a difusão pelas ondas do rádio. Por fim, serão mostrados os dados mais recentes sobre a quantidade e a localização das emissoras de rádio que retransmitem esse programa Brasil afora.

3.1 – Definição das amostras: critérios de seleção e modo de captação

Para que fosse possível analisar o fenômeno religioso que é objeto desta investigação, houve a necessidade de se delimitar uma amostra de programas, visto que se trata de um produto de mídia que é levado ao ar diariamente desde o ano de 1955. Todavia, não seria cientificamente aceitável colher aleatoriamente alguns programas. Por conta disso, foi delimitada uma amostragem de 20 programas, com duração aproximada de 15 minutos cada um. Definiu-se como base de pesquisa o ano de 2017, por conta das efemérides citadas na introdução deste trabalho (a saber, o Ano Nacional Mariano e a comemoração dos 300 anos do encontro da imagem no Rio Paraíba do Sul).

Estabeleceu-se o mês de setembro para análise. A justificativa tem duas razões: a primeira pelo fato de que o mês marca o aniversário de fundação da Rádio Aparecida; a segunda é pela imediata anterioridade ao mês de outubro, no qual se celebra a solenidade de Aparecida no dia 12. Tradicionalmente, entre os dias 3 e 11 de outubro, ocupa-se este horário das 15h no rádio para a transmissão das celebrações paralitúrgicas da novena festiva em honra à

padroeira. Nesses dias, a Consagração é rezada dentro dessa celebração da novena. Notadamente em 2017, por se tratar de uma efeméride de vulto, os missionários redentoristas e a Arquidiocese de Aparecida decidiram realizar a novena entre os dias 1 e 9 de outubro, reservando assim os dias 10, 11 e 12 para um tríduo de celebrações solenes e festivas comemorando o tricentenário do encontro da imagem. Considerando a intenção de oferecer uma análise de programas que fossem fiéis ao formato considerado padrão – com 15 minutos de duração e com uma sequência esquematizada de ações – recorreu-se ao procedimento de coletar as amostras em setembro.

Dentro do mês, foram feitos três recortes para a seleção das amostras. O primeiro nos programas levados ao ar entre os dias 1 e 10 de setembro; um segundo grupo de programas transmitidos entre os dias 16 e 20; e um terceiro grupo 26 e 30 de setembro. Assim se fez o seccionamento com o objetivo de identificar se há nuances de linguagem e de interação do sacerdote com a audiência do rádio considerando o início, o meio ou o final do mês.

Os programas delimitados pela amostra foram captados nos estúdios da Rádio Brasil de Campinas²³ a partir da retransmissão integral, sem cortes, do material sonoro recebido via satélite da Rádio Aparecida. A Rádio Brasil, atendendo as normas vigentes do setor de radiodifusão do país, possui um sistema que grava automaticamente todo o conteúdo levado ao ar. A partir do computador que armazena esses arquivos de áudio, foram extraídos os conteúdos relacionados ao tempo de duração de cada um dos programas e foi produzido um disco de mídia tipo CD que armazena esses programas integralmente, com um arquivo em formato mp3 para cada programa²⁴.

3.2 – A estrutura do programa: entendendo parte por parte

Antes de passar à descrição integral de como se dá a estrutura do programa, é necessário observar que aqui que vai se dar a análise do fenômeno a

²³ A Rádio Brasil de Campinas (Rádio Brasil Sociedade Ltda.) é um emissora de rádio instalada na cidade de Campinas-SP, de propriedade da Arquidiocese de Campinas. Esta emissora tem um parceria com a Rádio Aparecida para a retransmissão de alguns programas, entre os quais está a Consagração a Nossa Senhora Aparecida. Ainda neste capítulo, haverá mais detalhes sobre as emissoras afiliadas que amplificam a propagação radiofônica dos programas.

²⁴ Ao final deste trabalho, na contracapa interna, há um compartimento no qual está uma cópia do referido CD, para que, caso haja interesse, seja possível ouvir a íntegra dos 20 programas selecionados para a amostragem.

partir do ponto de vista de quem realiza a experiência de ouvir o momento devocional, seja pelo rádio ou via internet. Essa ressalva é importante porque, indubitavelmente, é muito diversa a experiência de quem está no Santuário²⁵ participando presencialmente do momento de oração. Esquemáticamente, a estrutura do programa é a seguinte:

Tabela 7 – Esquema do programa de rádio “Consagração a Nossa Senhora Aparecida”

Ordem de exibição	Conteúdo	Duração média
1	Vinheta de abertura	20 seg
2	Exortação de abertura	30 seg
3	Sinal da Cruz e saudação litúrgica	30 seg
4	Oração do Angelus	2 min
5	Alocução catequética	7 min
6	Bênção da água	1 min
7	Oração da consagração a Nossa Senhora Aparecida	2 min 30 seg
8	Bênção final e despedida	1 min
9	Vinheta de encerramento	10 seg

O programa começa com uma vinheta de abertura. Previamente gravada, é uma peça de áudio que diariamente é levada ao ar para marcar o início daquele momento na grade de programação das emissoras. Tem como trilha sonora de fundo o solo de órgão e os primeiros versos cantados do hino “A Súplica da Esperança” (também conhecido como “Roga por Nós, Ó Mãe Tão Pia”), cuja autoria é atribuída ao padre Vitor Coelho de Almeida²⁶. A seguir, um locutor diz: “A Rede Católica de Rádio passa a transmitir a Consagração a Nossa Senhora Aparecida, direto do Santuário Nacional”. Na sequência, ainda usando a trilha sonora do material gravado, um locutor anuncia o nome do padre que apresenta o programa naquele dia: “Apresentação: missionário redentorista padre (nome do sacerdote)”.

²⁵ Ressalte-se que as amostras coletadas para a análise nesta pesquisa remontam ao mês de setembro de 2017. Na ocasião, a celebração da Consagração às 15h era realizada ainda no Santuário Nacional. A mudança para a Basílica Velha, como já mencionado, ocorreu apenas em abril de 2018, e o programa de rádio regressou ao Santuário novo em julho de 2019.

²⁶ Mais adiante, ainda na análise da estrutura do programa, será apresentada a íntegra da transcrição da letra deste hino.

Ao contrário do que ocorria no tempo de Padre Vitor, quando havia um apresentador titular para o programa que era eventualmente substituído, em 2017 a Consagração a Nossa Senhora Aparecida não tinha um apresentador fixo. Dos 20 programas analisados para amostragem, 18 deles foram apresentados pelo padre José Dal Bó, um pelo padre Alberto Pasquoto e um pelo padre Eduardo Ribeiro. Esquemáticamente, a divisão é a seguinte:

Tabela 8 – Apresentadores do programa “Consagração a Nossa Senhora Aparecida” dentro do período selecionado como amostra:

Data do programa	Apresentador
1/9/2017	Padre José Dal Bó
2/9/2017	Padre José Dal Bó
3/9/2017	Padre José Dal Bó
4/9/2017	Padre Alberto Pasquoto
5/9/2017	Padre José Dal Bó
6/9/2017	Padre José Dal Bó
7/9/2017	Padre José Dal Bó
8/9/2017	Padre José Dal Bó
9/09/2017	Padre José Dal Bó
10/9/2017	Padre José Dal Bó
16/9/2017	Padre José Dal Bó
17/9/2017	Padre José Dal Bó
18/9/2017	Padre José Dal Bó
19/9/2017	Padre José Dal Bó
20/9/2017	Padre José Dal Bó
26/9/2017	Padre José Dal Bó
27/9/2017	Padre José Dal Bó
28/9/2017	Padre Eduardo Ribeiro
29/9/2017	Padre José Dal Bó
30/9/2017	Padre José Dal Bó

Um detalhe importante de se ressaltar é de que a responsabilidade de conduzir este momento da Consagração é sempre de um padre redentorista. Tem-se aqui um sinal claro da incorporação desse momento devocional à missão evangelizadora do Santuário Nacional de Aparecida, que é atribuição dos redentoristas.

A seguir, há uma exortação de abertura. Normalmente com o uso de uma jaculatória²⁷, o sacerdote que preside o momento de oração chama à resposta aqueles que estão participando presencialmente e, por extensão, os que estão ouvindo a transmissão. A seguir, com palavras espontâneas, o sacerdote acolhe os que estão no Santuário e os que estão acompanhando aquele momento de oração pelos meios de comunicação. Como se verá mais adiante, neste momento da saudação inicial fica muito evidente o vínculo de comunidade que o sacerdote busca criar entre aqueles fiéis que vivenciam o momento de oração presencialmente no Santuário e os que estão ouvindo pelo rádio ou via internet.

Apenas rezando ou cantando, com o apoio de um cantor e organista, inicia-se oficialmente o momento de oração com o sinal da cruz e as palavras: “Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém”. É com essas palavras que a liturgia católica marca o início da maioria dos momentos de celebração. A seguir, o sacerdote saúda os que participam da oração com a saudação litúrgica, utilizando-se textual ou espontaneamente da fórmula descrita no Missal Romano: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do pai e a comunhão do espírito santo estejam convosco” (CNBB, 1991, p.327). A seguir, os fiéis respondem: “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”.

Note-se aqui o esforço de colocar neste momento de oração um caráter litúrgico institucional, seja pela presença do sacerdote, seja pela utilização de fórmulas textuais originalmente construídas para a celebração da missa – ou sacramento da Eucaristia.

Na sequência, recita-se o Angelus (lê-se “ângelus”). Trata-se de um momento de devoção que faz memória do momento em que o anjo Gabriel aparece a Maria – ele a saúda e dialoga com ela, afirmando a vontade que Deus tinha de gerar seu Filho no ventre de Maria – e a resposta afirmativa da virgem a este propósito.²⁸ O nome da oração deriva da versão em latim para o primeiro verso recitado por quem dirige a prece: “*Angelus Domini nuntiavit Mariae*” – em português: “O anjo do Senhor anunciou a Maria”.

²⁷ Oração breve, normalmente de uma ou duas frases que, quando rezada coletivamente, tem a sua primeira parte pronunciada por quem conduz a prece, enquanto os demais que tomam parte do momento de oração completam a sentença. Por exemplo: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Para sempre seja louvado!”

²⁸ Esta cena é narrada pela Bíblia Sagrada no evangelho de Lucas, capítulo 1, versos de 26 a 38

A prece do Angelus é composta por três pequenas orações dialogadas. E, ao término de cada uma delas, recita-se uma Ave Maria. Terminado esse ciclo, quem dirige faz uma prece a Deus pedindo graças aos cristãos que receberam por meio do anjo a notícia da encarnação de Jesus. Tradicionalmente reza-se esta oração às 6 horas da manhã, ao meio-dia e às 6 horas da tarde. No entanto, como a Consagração a Nossa Senhora Aparecida é também um momento de devoção mariana, incorporou-se a ela a oração do Angelus também às 3 horas da tarde²⁹.

No momento seguinte, o sacerdote que preside a oração tem a palavra livre para um momento de ensino, exortação ou catequese. Não há uma regra determinada para a utilização deste tempo. Das amostras que serão apresentadas mais adiante, é possível encontrar meditação de textos bíblicos, explicação sobre aspectos da vida cotidiana da Igreja e detalhamento de aspectos da doutrina católica, especialmente no que se refere à vida de Maria e da relação dela com Jesus, entre outros assuntos.

Encerrada a alocução, o sacerdote reza a prece de bênção da água. A oração de bênção tem para o catolicismo o valor de um sacramental. O Catecismo da Igreja Católica explica:

Entre os sacramentais figuram, em primeiro lugar, as bênçãos (de pessoas, da mesa, de objetos e lugares). Toda a bênção é louvor de Deus e oração para obter os seus dons. Em Cristo, os cristãos são abençoados por Deus Pai, «com toda a espécie de bênçãos espirituais» (Ef 1, 3). É por isso que a Igreja dá a bênção invocando o nome de Jesus e fazendo habitualmente o santo sinal da cruz de Cristo (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1671).

A água figura, na mesma tradição católica, como sinal perene da presença salvadora de Deus no meio da humanidade. Por isso, é comum nas celebrações litúrgicas (como para a administração do sacramento do batismo) e nos momentos paralitúrgicos (como é o caso do fenômeno que é objeto desta

²⁹ A oração do Angelus tem sua origem cronológica incerta. Sabe-se, todavia, que desde pelo menos o século XIII ela está presente no cotidiano da tradição ocidental católica. Contemporaneamente, esta oração foi um dos temas da exortação apostólica *Marialis cultus*, publicada em 1974 pelo papa Paulo VI, disponível no link <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html>. Acesso em: 31 Jan 2019. Mais detalhes sobre a história desta oração e da sua estrutura podem ser obtidos em várias páginas dedicadas ao catolicismo na internet, entre elas o link <<https://pt.aleteia.org/2015/09/16/a-oracao-do-angelus-sua-historia-seu-significado-e-como-reza-lo/>>. Acesso em: 31 Jan 2019

pesquisa) que se realize uma prece de bênção para a água. Depois de abençoada, esta água pode ser bebida pelo fiel (como sinal da graça divina que penetra na vida) ou aspergida em pessoas e ambientes (como símbolo do derramamento da mesma graça).

Assim, o sacerdote que preside esta celebração da Consagração recita uma prece de bênção para água. A construção exata pode variar, mas o texto segue basicamente a fórmula prescrita no livro do Sacramentário, que reúne orações e preces para diversas necessidades:

Senhor Deus todo-poderoso, fonte e origem de toda a vida, abençoai esta água que vamos usar confiantes para implorar o perdão dos nossos pecados e alcançar a proteção da vossa graça conta toda doença e cilada do inimigo. Concedei, ó Deus, que, por vossa misericórdia, jorrem sempre para nós as águas da salvação para que possamos nos aproximar de vós com o coração puro e evitar todo perigo do corpo e da alma. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo Amém. (CNBB, 1975, p. 268)

Após um convite espontâneo, o sacerdote que preside recita a prece de consagração, cujo texto já foi apresentado no item 2.4 deste trabalho. A oração é proclamada tendo como trilha sonora de fundo a mesma canção da vinheta de abertura (item 3.2.1). O texto da letra diz o seguinte:

Roga por nós, ó Mãe tão pia! Eis-nos aqui para te louvar. Piedosa virgem, ó Maria, para te pedir e suplicar. Infeliz quem não te conhece. Padece só sem consolo e demais. Mas teu amor por nós não desfalece, não nos deixará jamais. Não, não, não, não, jamais, jamais, jamais. Ó Mãe de virginal pureza, teu coração é um altar. Onde acharemos fortaleza, asilo, doce tutelar. Infeliz quem não te conhece. Padece só sem consolo e demais. Mas teu amor por nós não desfalece, não nos deixará jamais. Não, não, não, não, jamais, jamais, jamais. (ALMEIDA, s/d)

Ato contínuo à oração, o organista entoa ou mecanicamente se toca o refrão do hino “Dai-nos a bênção, ó Mãe querida”, canção que já se tornou de domínio público pela sua popularidade, e cuja autoria é desconhecida. A letra é simples (“Dai-nos a bênção, ó Mãe querida, Nossa Senhora Aparecida”) e melodia é entoada duas vezes³⁰. A seguir, o sacerdote procede à bênção dos

³⁰ Há uma infinidade de referências na internet para conhecer esta canção. Aqui um link que mostra o coro da Arquidiocese de Campinas entoando o referido refrão em uma missa no Santuário Nacional: <<https://www.youtube.com/watch?v=YhohaCtFois>>. Acesso em: 1 mar 2019.

fiéis, com estas palavras ou uma estrutura semelhante: “Por intercessão³¹ da Bem Aventurada Virgem Maria, a Senhora Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, abençoe-vos o Deus todo-poderoso: Pai, e Filho e Espírito Santo. Amém”. A seguir, encerrando o rito, o sacerdote se despede dos fiéis de modo espontâneo.

Assim como a vinheta de abertura, o áudio que marca o encerramento do programa de rádio é previamente gravado. Todavia, por ser mais curta, esta peça não tem trilha sonora. Apenas a voz do mesmo locutor que abriu o programa anuncia: “A Rede Católica de Rádio apresentou a Consagração a Nossa Senhora Aparecida, direto do Santuário Nacional”.

Com esse roteiro esquemático, cada sacerdote que preside a Consagração acaba por dar ao programa uma tonalidade específica, a partir dos recursos de comunicação e de singularização que dispõe. E são esses traços peculiares que serão investigados na seção a seguir.

3.3 – Análise das amostras: encontrando sinais de identidade e interação

Esta seção vai tratar de destacar, em cada um dos 20 programas separados como amostra para esta pesquisa, palavras e expressões utilizadas pelo sacerdote que revelem a relação entre o momento da Consagração, a transmissão pelo rádio e a figura do ouvinte³². A intenção aqui é investigar em que medida, contemporaneamente, a transmissão radiofônica da Consagração mantém – por parte dos sacerdotes que a presidem - a vivacidade que foi possível constatar no capítulo anterior.

No programa do dia 1/9/2017, logo no primeiro minuto, o padre José Dal Bó, após saudar as romarias presentes no Santuário, disse: “Também todos

³¹ A doutrina católica apresenta a figura dos santos como aqueles que, tendo alcançado na vida as virtudes heroicas, mereceram diante de Deus o prêmio de viver a eternidade próximos a Jesus. Diante dessa realidade, a Igreja ensina que os santos e santas podem, por meio das súplicas dos fiéis, igualmente orar por eles diante de Jesus. É o que se chama de intercessão. O parágrafo 956 do Catecismo da Igreja Católica trata especificamente deste tema. O link para acesso é <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap3_683-1065_po.html>. Acesso em: 1 mar 2019.

³² Ressalte-se que, para a composição deste trecho da pesquisa, cada programa foi ouvido na íntegra. Para facilitar a checagem do contexto de cada uma das falas a serem apresentadas nesta seção, as citações irão incluir, ao final de cada trecho transcrito, a data em que o programa foi veiculado e o registro do tempo em que tal declaração aparece. Ou seja, ao encontrar, por exemplo, 3:27 numa citação desta seção, ela quer remeter ao tempo de 3 minutos e 27 segundos no arquivo de áudio correspondente àquele dia.

aqueles que nos acompanham pela Rádio Aparecida, Rede Católica de Rádios, e pela internet em a12.com” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 1/9/2017, 0:44). Depois da oração do Angelus, o padre recolheu as intenções de todos os que estão participando do momento de oração e citou novamente as romarias presentes. Em seguida, faz uma menção indireta aos que estão fora do Santuário: “Rezando também pelos nossos idosos, pelos nossos doentes, aqueles que também têm o seu trabalho na área da saúde, os médicos, enfermeiros, os cuidadores” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 1/9/2017, 4:23). O padre ainda fez uma menção ao início do mês de setembro – que, dentro da Igreja Católica, é tido como o mês da bíblia, por conta da festa de São Jeronimo, a 30 de setembro. “Nós iniciamos hoje o mês de setembro, não é, que é o mês da Bíblia. São Jeronimo foi aquele primeiro que traduziu a bíblia do hebraico, do aramaico e do grego para o latim” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 1/9/2017, 6:09). Para motivar a oração da Consagração, o sacerdote recorre a uma estratégia que focaliza apenas aos que estão presencialmente no Santuário: “E agora voltados para a imagenzinha de Nossa Senhora Aparecida, estendendo nossa mão direita, para fazermos a nossa consagração” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 1/9/2017, 10:35). Após a bênção e a despedida, padre Dal Bó fez um breve momento de louvor, motivando os fiéis: “E saudemos Nossa Senhora: Viva a Senhora Aparecida! Viva a padroeira do Brasil! Viva Jesus Cristo! Viva os nossos romeiros!” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 1/9/2017, 13:19). Enquanto isso, ouvia-se ao fundo os aplausos e os “vivas” dos fiéis. Assim, no primeiro dia da amostra, a menção explícita dos ouvintes do programa ficou restrita à saudação inicial.

No dia 2/9/2017, a exortação de abertura igualmente já mencionou os ouvintes: “Estimados irmãos e irmãs aqui presentes no Santuário Nacional de Aparecida, também a todos que nos acompanham pela Rádio Aparecida, Rede Católica de Rádios e, pela internet. a12.com. Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 2/9/2017, 0:22). O padre Dal Bó mencionou o dia da semana na sua prédica: “Hoje, sendo sábado, nós colocamos diante de Deus, através das mãos de Nossa Senhora Aparecida, todo o nosso dia, tudo o que nós fizemos, tudo o que nós realizarmos”. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 2/9/2017, 3:25). Imediatamente antes da consagração, o padre recordou as intenções, como no

dia anterior. E encerra, sem mencionar nominalmente os ouvintes, dizendo: “...para que Deus, então, receba todas essas nossas intenções e aquelas que estão dentro do coração de cada um de vocês. Tenham certeza que Deus sempre está pronto para ouvir as nossas preces” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 2/9/2017, 10:41). Como no dia anterior, a citação nominal aos ouvintes ficou isolada no começo da fala do sacerdote. Analisando alguns elementos do programa – o fato de o próprio padre responder às saudações e jaculatórias, a utilização de trilha sonora executada mecanicamente na oração do Angelus e no hino “Dai-nos a Bênção”, bem como a ausência do organista e de ruídos que indicam aglomeração de pessoas – é possível deduzir que, mesmo num sábado, o programa levado ao ar estava previamente gravado.

O dia seguinte, 3/9/2017, foi um domingo. Via de regra, por conta da intensa programação de missas no Santuário, o programa da Consagração ia ao ar de modo pré-gravado nesse dia. Ou seja, não havia a celebração presencial no Santuário – o mesmo ocorreu no dia anterior. Nesse sentido, é questionável o fato de, em ambos os dias, o sacerdote que presidia iniciar o programa saudando os “estimados irmãos e irmãs aqui presentes no Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 3/9/2017, 0:45). Pode-se justificar dizendo que, dentro ou ao redor do Santuário, alguém esteja com o rádio ligado ouvindo o programa. Mas, claramente, fica mais explícita a ideia de essa saudação induz o ouvinte a pensar que, de fato, está acontecendo este encontro presencial – o que não é verdade. Como há a transmissão radiofônica do conteúdo, é mais do que necessário citar “... todos que nos acompanham pela Rádio Aparecida, Rede Católica de Rádios e, pela internet. a12.com” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 3/9/2017, 0:54). Na hora de apresentar as intenções, padre Dal Bó fez uma menção no singular, que acaba tocando diretamente a quem o escutava: “Coloquemos diante de Deus, através de Nossa Senhora Aparecida, as nossas intenções, os nossos pedidos que estão aí dentro do **seu** coração” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 3/9/2017, 3:44, grifo nosso). Como é de se esperar, por se tratar do dia sagrado do catolicismo, o sacerdote que presidia recordou:

Hoje é domingo, dia do Senhor, dia em que nós celebramos a ressurreição de Jesus, que é a nossa ressurreição: é a passagem da morte para a vida; da escuridão para a luz; do pecado para a graça de Deus. Hoje é dia, de modo especial, em que celebramos a Eucaristia dominical, tão importante para nós, para aqueles que

podem participar pessoalmente. É o dia em que nós então temos essa missa, que nos chamamos 'A pequena Páscoa', Deus que se faz ressuscitado no meio de nós (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 3/9/2017, 3:57).

Ao contrário do que vinha ocorrendo, no programa do domingo, dia 3, o padre citou nominalmente os ouvintes na hora de introduzir as intenções. No entanto, por se tratar de um áudio previamente gravado, voltou a comprometer a integridade do conteúdo ao se dirigir aos romeiros e aos que estão no santuário:

Então lembramos de cada um de vocês que está aqui no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, colocando todas as suas intenções, seus pedidos que estão dentro do seu coração, pelo qual você faz a sua romaria também. E todos aqueles que nos acompanham também pelos meios de comunicação, aqueles pedidos que estão no seu coração. Primeiramente rezando pela sua saúde, pela saúde dos seus entes queridos, seus parentes, conhecidos. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 3/9/2017, 4:42)

Antes da oração de bênção da água, o padre Dal Bó fez uma menção de cunho geográfico e sociológico:

Vamos dar a bênção da água. A água tão importante para a nossa vida, que falta em tantos lugares. Que nós não desperdicemos a água que a natureza, que Deus nos concede. Que saibamos usá-la bem. Também unindo-nos àqueles que passam tantas necessidades por falta de água em nosso Brasil e em tantos outros lugares. Que nós possamos usar essa água tomando com fé, para que sirva para nossa saúde do corpo e também da alma. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 3/9/2017, 7:39)

Na segunda-feira, dia 4/9, o programa foi apresentado pelo padre Alberto Pasquoto. Houve uma pequena falha de sincronia entre o padre e a equipe técnica que fica no estúdio da Rádio Aparecida. A saudação inicial foi levada ao ar já quando o padre estava no meio da frase³³. Todavia, a acolhida que o padre Pasquoto fez aos romeiros e ouvintes trouxe uma descrição mais apurada do ambiente e uma interlocução singularizada com quem ouvia, o que é sempre mais eficiente em termos de comunicação radiofônica:

Queridos irmãos e irmãs presentes aqui no Santuário, na capela dedicada a São José, sejam bem vindos para a Consagração.

³³ Confira no tempo 0:23 do arquivo relacionado ao dia 4/9/2017.

Acolhemos **você que está por esse Brasil afora, rezando conosco** neste momento através da Rádio Aparecida e da Rede Católica de Rádio. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 4/9/2017, 0:31, grifo nosso)

Apesar da singularização da fala, a saudação do padre Pasquoto acabou por deixar de fora os que ouvem pelo portal de internet a12.com. Na sequência, após o sinal da Cruz, o sacerdote novamente incluiu os ouvintes e contextualizou o momento dentro do mês de setembro, o mês da Bíblia:

Então nós queremos pedir que neste mês, de modo especial, amemos a Palavra, leiamos e vivamos a Palavra de Deus, a Bíblia. E vamos rezar por você que está aqui, veio pedir e agradecer. Vamos rezar por você que está em casa, por sua família, pelos doentes, pelos que sofrem. Pelos que estão presos nas cadeias. Pelos que estão presos nos vícios da droga e da bebida. Por todos aqueles que pedem nossas orações. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 4/9/2017, 2:04)

O programa do dia 4 não teve a oração do Angelus, que consta na estrutura básica apresentada anteriormente. Padre Alberto rezou apenas uma Ave Maria no lugar. A sua exortação destacou a semana da Pátria que ali se iniciava e relembrou a efeméride do tricentenário do encontro da imagem de Aparecida:

Nós estamos na semana da Pátria. Estamos rezando pelo nosso Brasil. Os nossos Bispos, eles estão conclamando todo o povo brasileiro para que nesta semana, nestes dias, principalmente no dia 7, façamos uma campanha, nos unamos para rezar pelo Brasil e para fazer jejum. Estão conclamando um dia de jejum e dia de oração pela pátria. E a palavra-chave que eles colocam é essa: queremos vida em primeiro lugar. E o grito dos oprimidos, dos excluídos, é esse: 'vida em primeiro lugar. Por direito e democracia, a luta é de todo dia'. Olhem para Nossa Senhora. Ela é a padroeira do Brasil. Estamos celebrando 300 anos de graças e bênçãos. Nossa Senhora não apareceu na sua imagem à toa não. Ela quer que o povo brasileiro viva em paz, na justiça e no bem. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 4/9/2017, 2:04)

A alocação trouxe ainda a leitura de um trecho da carta publicada pelos bispos brasileiros com vistas àquela semana³⁴:

³⁴ A íntegra da carta está disponível no link <<http://www.cnbb.org.br/cnbb-divulga-mensagem-para-o-dia-7-de-setembro/>> Acesso em: 16 mar 2019.

Os bispos dizem assim: A sociedade brasileira está cada vez mais perplexa, diante da profunda crise ética que tem levado a decisões políticas e econômicas que, tomadas sem a participação da sociedade, implicam em perda de direitos, agravam situações de exclusão e penalizam o povo brasileiro pobre. Continuam os bispos: Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, diante do grave e prolongado momento triste vivido no país, sugere às comunidades que, nesta data, nesta semana da paria e no dia 7 de setembro, sejam acrescentados dois elementos importantes da espiritualidade cristã, para acompanhar as reflexões e as ações sobre a realidade brasileira. E sugere o seguinte: um dia de jejum e de oração pelo Brasil. Todos nós podemos fazer. Jejuar, deixar de lado aquilo que você mais gosta pra comer. E rezar. Rezar em casa, rezar diante do Santíssimo, rezar na igreja, rezar em família. E termina assim: Encorajamos, mais uma vez, as pessoas de boa vontade, particularmente em nossas comunidades, a se mobilizarem pacificamente na defesa da dignidade e dos direitos do povo brasileiro, propondo a vida em primeiro lugar. Todos estão convidados então a participar. E eles terminam assim: Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, acompanhe o povo brasileiro com sua materna intercessão! (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 4/9/2017, 6:44)

Padre Alberto, antes de abençoar a água, fez mais uma indicação ao ouvinte quando disse: “Fique de pé. A bênção para a água que está aqui, que está na sua casa” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 4/9/2017, 9:31). Depois da oração, dirigiu-se quase que exclusivamente aos que estão presencialmente: “Voltados agora para a imagem, estenda a sua mão. Rezemos por nós, pelo Brasil” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 4/9/2017, 10:03). Depois da despedida, o padre Alberto motivou: “E palmas pra Nossa Senhora!” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 4/9/2017, 12:51). Ao fundo, ouviu-se a resposta dos fiéis. Neste programa, percebeu-se um incremento do uso das estratégias de interlocução com quem está apenas ouvindo.

Na terça-feira, dia 5 de setembro, o programa voltou a ser conduzido pelo padre Dal Bó. A saudação inicial manteve o padrão dos dias anteriores, dirigindo uma palavra “a todos que nos acompanham” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 5/9/2017, 0:28). Na introdução às intenções, o padre mencionou os romeiros: “Rezando por cada um de vocês, que fizeram sua romaria, sua peregrinação até aqui o Santuário de Nossa Senhora” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 5/9/2017, 3:29). A seguir, ele passou a colocar petições pela igreja, pelos doentes pelos idosos, pelos jovens, pelos trabalhadores do campo e da cidade, mas não mencionou

diretamente os ouvintes nem indiretamente deu vazão à interlocução com quem acompanha pelo rádio ou via internet. Na alocução, como ocorrido no dia 1/9, padre Dal Bó recordou a dimensão bíblica do mês de setembro para a Igreja Católica. Ele destacou o valor da palavra para a vida do gênero humano:

Sabemos que a palavra tem uma importância muito grande. A palavra humana já tem uma importância muito grande. Quando nós falamos uma palavra boa, aquilo incentiva, anima o outro, né? Quando nós falamos uma palavra má, então aquilo prejudica nosso semelhante, né? Então tudo depende de como nós dizemos a palavra que estamos falando. Então, se assim a palavra humana tem tanta força, quanto mais a Palavra de Deus, que é a palavra divina. Então a Palavra de Deus entra no nosso coração, na nossa mente, e faz acontecer aquilo que Ele tem para realizar sobre cada um de nós, a Sua vontade (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 5/9/2017, 6:24).

Ainda na alocução, padre Dal Bó recordou a memória de Santa Tereza de Calcutá, muito conhecida e venerada no catolicismo contemporâneo. Ele leu um trecho da homilia que o Papa havia feito naquela manhã, em Roma, na celebração da missa:

E ele comenta: uma vez perguntaram a Madre Tereza de Calcutá o que devia mudar na Igreja. 'Queremos começar, mas, por qual parede? Por onde é preciso começar?' 'Por ti e por mim', respondeu ela. Tinha vigor aquela mulher. Sabia por onde começar. Hoje eu roubo a palavra a Madre Tereza e digo também a você: 'Começamos? Por onde? Por ti e por mim' (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 5/9/2017, 9:04).

Na hora da oração de consagração, o padre Dal Bó se dirigiu aos que estavam no Santuário, pedindo que se voltassem para a imagem e estendessem as mãos. Após a despedida, como ocorrido no dia 1, padre Dal Bó puxou os "vivas", sendo acompanhado pelos aplausos dos fiéis. Mais uma vez, a menção aos ouvintes ficou restrita à saudação inicial.

No dia 6, a citação do padre Dal Bó aos ouvintes se manteve como nos dias anteriores. Na hora das intenções, parece haver por parte do padre uma guinada na interlocução, dando a entender um discurso singularizado e abrangente também aos ouvintes. O final do trecho, porém, apresentou uma realidade diferente, restringindo a fala a quem estava presente no Santuário:

Colocamos as intenções que estão aí no seu coração, rezando de modo especial pela sua saúde, pela saúde também dos seus parentes, seus entes queridos, dos seus conhecidos, pelas pessoas que talvez tenham pedido para que você rezasse, estando aqui no Santuário de Nossa Senhora Aparecida (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 6/9/2017, 3:28).

Padre Dal Bó lembrou o dia da pátria, que seria celebrado no dia seguinte: “Rezamos pelo nosso país – amanhã é o dia em que nós celebramos o dia da nossa pátria – rezando para que a situação política do nosso país possa melhorar” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 6/9/2017, 4:26). Ao longo do programa, a interlocução variou entre o singular e o plural. Ao abrir a catequese, o padre Dal Bó usou a frase: “Vou meditar com vocês” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 6/9/2017, 5:20). Note-se que, naquele mesmo programa, o sacerdote já havia se dirigido a quem o escutava no singular. O conteúdo da meditação foi baseado em um texto do evangelho de São Mateus e na leitura de um trecho de um livro devocional do papa Francisco, intitulado “Meditações Diárias para uma Vida com Deus”. A interlocução voltou para o singular quando o padre foi iniciar a oração da Consagração: “Rezando, estendendo a sua mão em direção à imagenzinha de Nossa Senhora” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 6/9/2017, 9:56). Também neste programa, só se pôde perceber uma interação direta com os ouvintes na saudação inicial.

No dia 7 de setembro, Dia da Independência, feriado nacional, a Consagração foi novamente apresentada pelo padre José Dal Bó. Mais um vez, a falta de uma outra voz (normalmente a do organista) que interage com o padre para responder às jaculatórias, bem como a inserção mecânica de trilha sonora, dá a impressão que o programa foi previamente gravado – o que coloca neste programa as mesmas questões levantadas em relação aos dias 2 e 3 de setembro. A apresentação das intenções fez menção direta ao feriado cívico e ao Grito dos Excluídos, tradicional movimento promovido anualmente nesta data pelas pastorais sociais da Igreja Católica:

Hoje nós celebramos o Dia da Pátria, então queremos rezar de um modo todo especial pelo nosso querido Brasil, para nossa nação, para nossa situação política. E nós temos neste dia também, no Santuário, a romaria do Grito dos Excluídos. Então nós rezamos por todos aqueles que sofrem dentro da nossa sociedade brasileira, de modos especial aqueles que estão à margem e que

sofrem com a pobreza, com tantas faltas de coisas necessárias para a vida. Então rezando para cada um deles e suscitando para que muitas pessoas da Igreja, e fora da Igreja também, possam socorrer a todos esses nossos irmãos. O grito é dos excluídos, mas podemos dizer, é o grito do próprio Deus que clama por justiça e clama também por fraternidade (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 7/9/2017, 3:20).

A seguir, o padre buscou singularizar a interlocução, dizendo: “Rezemos por cada um de vocês, pela sua saúde, pela saúde dos seus entes queridos, rezando pelos falecidos de sua família” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 7/9/2017, 4:25). A partir de um trecho do Evangelho de Mateus, mais uma vez, o padre Dal Bó fez uso do livro do papa Francisco para a sua alocução catequética:

E o papa Francisco comenta assim. Que cada um olhe dentro da própria consciência e escute a palavra que diz: ‘Sai dos teus interesses, que atrofiam o teu coração. Supera a indiferença para com o outro, que torna o teu coração insensível. Vence as tuas razões de morte, e abre-te ao diálogo, à reconciliação. Olha a dor do teu irmão. Pensa nas crianças, e somente nelas. Olha a dor do teu irmão e não acrescentes mais dor’ (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 7/9/2017, 7:00).

Na hora da bênção da água, o padre se dirigiu de forma direta e singular: “E, dando a bênção desta água, para que você possa tomá-la, e sirva para saúde do corpo; e, também, aspergindo sobre as nossas coisas, traga também toda bênção e proteção de Deus” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 7/9/2017, 8:31).

O programa levado ao ar no dia 8 de setembro começou de um modo distinto dos demais. A organista entoou o refrão hino “Viva a Mãe de Deus e Nossa” antes de qualquer fala do padre Dal Bó. A saudação inicial que ele dirigiu aos fiéis presentes e ouvintes seguiu o padrão dos dias anteriores. O dia 8 de setembro, recordou o padre Dal Bó nas intenções, é marcado por várias efemérides relacionadas à devoção a Nossa Senhora Aparecida e à missão dos padres redentoristas no Brasil. A primeira delas tem a ver com a própria imagem de Aparecida: “No dia de hoje, no ano de 1904, aqui em Aparecida, deu-se a solene coroação da imagem de Nossa Senhora, como rainha e mãe do povo brasileiro” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 8/9/2017, 3:46). A seguir, ele mencionou o estado de Goiás que, junto com Aparecida, foi o

destino do primeiro grupo de padres redentoristas que vieram ao Brasil: “Lembramos também que, no ano de 1912, deu-se a inauguração do atual Santuário do Divino Pai Eterno, lá em Trindade, Goiás, onde estão os nossos também missionários redentoristas. Eles chegaram aqui no Brasil em 1894. Uma turma ficou aqui em Aparecida e uma turma foi para Goiás” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 8/9/2017, 4:32).

A data também marca uma efeméride muito importante para esta pesquisa. E o padre Dal Bó fez menção a ela: “E hoje, também, no ano de 1951, deu-se a inauguração da Rádio Aparecida. No ano de 2005, também, a inauguração oficial da TV Aparecida. E em 2013, o reinício do portal a12, onde nós transmitimos tanta coisa” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 8/9/2017, 5:03). No diálogo com a audiência, mais uma vez, o padre Dal Bó fez uso do padrão recorrente na sua interlocução: “Rezamos também por cada um de vocês, por sua saúde, a saúde dos seus entes queridos, também pelos seus falecidos” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 8/9/2017, 5:42).

Liturgicamente, o dia 8 de setembro marca a memória da Natividade de Nossa Senhora – uma comemoração originária do Oriente que foi assumida pelo calendário católico romano durante o pontificado do papa São Sérgio (século VII). A meditação do padre Dal Bó fez menção a esta data e, a partir da reflexão de um trecho do livro do profeta Miquéias, recordou que: “Ao festejarmos a natividade da Virgem Santíssima, agradeçamos ao Senhor por nos ter dado Maria, dom inestimável do seu amor, maior riqueza após o Verbo encarnado” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 8/9/2017, 7:53). Mais uma vez, no convite à oração da Consagração, o padre destinou a interlocução a quem o acompanhava presencialmente no Santuário: “E agora, voltando para a imagenzinha de Nossa Senhora, estendendo sua mão direita, fazemos a ela nossa consagração” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 8/9/2017, 9:34). Após a despedida, padre Dal Bó fez os populares “vivas”, mas o programa do dia 8 não teve a sua vinheta de encerramento veiculada no horário correto pela equipe técnica da Rádio Aparecida. Por isso, acabaram indo ao ar também outras orações de bênção que, normalmente, são feitas no Santuário depois de encerrado o momento da consagração³⁵.

³⁵ Esse conteúdo está no arquivo relacionado ao dia 8/9/2017, a partir do tempo 12:45

No programa do dia 9 de setembro, um sábado, igualmente apresentado pelo padre Dal Bó, a saudação inicial seguiu o padrão dos dias anteriores. Estão presentes nesta data todas as indicações, já apresentadas anteriormente, que apontam para o fato de que o programa foi ao ar previamente gravado. Nas intenções, desta vez, a interlocução foi no singular: “Rezamos pela sua saúde, pela saúde dos seus parentes, a saúde dos seus conhecidos” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 9/9/2017, 3:36). Mais uma vez, o padre lançou mão do livro devocional do Papa Francisco para a sua meditação, a partir de um trecho do livro do profeta Isaías:

E o papa Francisco comenta o seguinte: nós esperamos que Deus, na sua onipotência, derrote a injustiça, o mal, o pecado e o sofrimento com uma vitória divina, triunfante. Deus nos mostra, ao contrário, uma vitória humilde, que, humanamente, parece uma falência. Deus vence na derrota (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 9/9/2017, 6:29).

Na hora da bênção da água, o padre singularizou a interlocução novamente: “Vamos dar a bênção da água. E você pode beber desta água pedindo a graça da saúde, e também aspergir sobre a sua casa, sobre as suas coisas, atraindo a bênção de Deus” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 9/9/2017, 7:52).

No domingo, dia 10, foi ao ar um programa previamente gravado, como ocorre todo domingo. O padre Dal Bó dirigiu a saudação inicial no padrão dos dias anteriores. Na apresentação das intenções, a interlocução diferente: “Hoje, domingo, dia do Senhor, queremos colocar todo o nosso desejo de servir ao Senhor e participar das nossas eucaristias e nossas celebrações” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 10/9/2017, 3:14). Novamente, o padre trouxe uma meditação extraída do devocional do Papa Francisco, a partir de um trecho do Evangelho de Mateus: “A quem quer segui-lo, Jesus pede para amar a pessoa que não o merece, sem retribuição, a fim de preencher as lacunas do amor que há nos corações, nas relações humanas, nas famílias, nas comunidades e no mundo” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 10/9/2017, 6:02). E o padre Dal Bó emendou:

O papa comenta dizendo da importância de nós nos perdoarmos uns aos outros. Nada melhor do que nós vivermos como reconciliados. Reconciliados conosco mesmos, reconciliados com os nossos semelhantes, reconciliados com Deus e também

reconciliados com a natureza que nos rodeia (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 10/9/2017, 7:20).

Na hora da bênção da água, o padre Dal Bó usou o pronome “nossos”, para se referir às casas e objetos que poderiam ser aspergidos com a água abençoada.

A análise das amostras passa agora ao dia 16 de setembro, novamente um sábado. Como já mencionado em outras ocasiões, neste dia da semana o programa foi levado ao ar de forma pré-gravada, apresentado pelo padre Dal Bó. Como de praxe, a saudação inicial foi inicialmente aos romeiros e depois a “todos que nos acompanham” pelos meios de comunicação. No momento de apresentar as intenções, houve uma tentativa de singularização na interlocução: “Hoje colocamos, como intenção especial, por cada um de vocês, por sua saúde, pela saúde dos seus parentes, seus conhecidos. Rezemos também por todos aqueles que trabalham em nossos hospitais, os médicos, enfermeiros” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 16/9/2017, 3:15). A reflexão foi baseada num trecho do evangelho de João, capítulo 14, a partir das palavras do papa Francisco: “O Espírito Santo ergue o nosso olhar para o horizonte e nos impele para as periferias da existência, a fim de anunciar a vida de Jesus Cristo” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 16/9/2017, 6:10). Na hora da bênção da água, o padre Dal Bó novamente mencionou o pronome “nossos”, para se referir às coisas e pessoas receber a água abençoada.

No dia 17/9, domingo, novamente percebeu-se na audição da amostra o conjunto de elementos que apontam para uma transmissão pré-gravada. Apresentada pelo padre José Dal Bó, a Consagração deste dia seguiu basicamente os pontos elencados no dia anterior. Na apresentação das intenções, novamente esboçou-se uma interlocução singularizada, mas a interação com os ouvintes acabou sendo omitida:

Primeiramente por cada um de vocês que estão aqui fazendo a sua romaria, a sua peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora, pela sua saúde, também pela saúde dos seus parentes, dos seus conhecidos. Rezando por todas aqueles pessoas que pediram para que vocês rezassem por elas. Lembremos de suas intenções (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 17/9/2017, 3:20).

A reflexão do dia foi baseada no trecho bíblico extraído do capítulo 5 do Evangelho de São Mateus: “Ser santo não é um privilégio de poucos, como se alguém tivesse recebido uma grande herança. No batismo, todos nós recebemos a herança de podermos nos tornar santos. A santidade é uma vocação para todos” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 17/9/2017, 6:55). Na bênção da água, o padre recordou: “Que nós usemos essa água, aspergindo sobre as nossas coisas, e também a usemos para o nosso bem do corpo e da alma” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 17/9/2017, 8:08).

Na segunda-feira, dia 18, a Consagração voltou a ser feita ao vivo do Santuário Nacional. Houve uma falha técnica na comunicação de áudio entre o Santuário e a sede da Rádio Aparecida. Por conta disso, o programa entrou no ar pelo rádio já na parte final da oração do Angelus³⁶. Ao apresentar as intenções do dia, padre Dal Bó lembrou:

Nós temos sempre que ser recipiente quando as pessoas colocam as suas intenções, os seus pedidos. Mas também todos os pedidos que estão dentro aí do seu coração. Rezando de modo especial pela sua saúde, saúde dos seus parentes, conhecidos. Certamente muitas pessoas pedem para vocês rezarem quando estão aqui em Aparecida, em romaria. Então nós colocamos também essas intenções de todas essas pessoas (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 18/9/2017, 4:05).

A reflexão, novamente extraída do livro devocional do papa Francisco, foi baseada em um trecho da carta de Paulo a Timóteo e destinou-se aos bispos e padres, recordando-os da necessidade de manter-se fieis aos sacramentos e à escuta da Palavra. O padre Dal Bó completou:

Por isso devemos ajudar os bispos e os sacerdotes a rezar, a ouvir a Palavra de Deus, que é pão cotidiano, a celebrar todos os dias a Eucaristia, e a se confessar de maneira habitual. Isso é muito importante, porque diz respeito, precisamente, à santificação dos bispos e dos presbíteros. Assim termina o papa Francisco. Então rezemos sempre pelos pastores das Igrejas, os bispos e também os sacerdotes. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 18/9/2017, 8:28).

Na terça-feira, dia 19, após vinheta de abertura, Consagração começou com o organista entoando ao vivo o trecho final do hino “Roga por nós, ó Mãe Tão

³⁶ Confira no arquivo relacionado ao dia 17/9/2017, a partir do tempo 3:35

Pia”. A seguir, o padre Dal Bó, fez a saudação como de costume. Todavia, ele fez um pequeno adendo que, para a pesquisa, faz uma grande diferença:

Estimados irmãos e irmãs aqui presentes no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. E a todos que nos acompanham pela Rádio Aparecida, **a rádio de Nossa Senhora**, Rede Católica de Rádio, e internet a12.com. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 19/9/2017, 1:04, grifo nosso).

Pela primeira vez, em treze programas ouvidos até então, apareceu uma menção de reforço ao nome da Rádio Aparecida, a partir de um dos seus slogans. Na apresentação das intenções, mais uma vez o padre Dal Bó buscou singularizar a interação, mas restringiu essa interlocução a quem o acompanhava presencialmente no Santuário:

Primeiramente colocando todas as intenções que estão aqui do lado do nosso altar. Vamos colocar as intenções que estão dentro do nosso coração, do seu coração. Você que veio fazer a sua visita a Nossa Senhora, a sua romaria, a sua peregrinação. Coloque diante de Deus, através das mãos de Nossa Senhora, os seus pedidos, as suas necessidades, rezando aí pela sua saúde, pela saúde dos seus parentes, dos seus conhecidos (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 19/9/2017, 4:00).

A reflexão, do devocional do papa Francisco, teve como lastro um trecho do livro do Gênesis, no qual se relata a promessa de Deus a Abraão. Disse o padre Dal Bó, lendo o devocional do papa Francisco:

E o Papa comenta assim: muitas vezes a criatividade leva-te a cruz, mas quando provém da oração, dá fruto. Quando a criatividade vem do espírito e nasce na oração pode causar problemas. A criatividade que vem da oração tem uma dimensão antropológica de transcendência, porque mediante a oração te abres à transcendência a Deus. Mas há também a outra transferência: abrir-se aos outros, ao próximo. É importante a transferência dupla – rumo a Deus e rumo ao próximo. Sair de si não é uma aventura, é um caminho que Deus indicou aos homens, ao povo, desde o primeiro momento quando disse Abraão: ‘Sai da tua terra’. E quando saio de mim encontro Deus e os outros (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 19/9/2017, 7:44).

Para a bênção da água, o padre disse: “Se você tem a água consigo, então vamos dar esta bênção, e que, usando esta água, sirva para saúde do corpo e

também da alma” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 19/9/2017, 9:19).

Na quarta-feira, dia 20 de setembro, o programa foi novamente apresentado pelo padre José Dal Bó. A organista iniciou entoando o hino “Graças vos Damos, Senhora”, muito popular no meio católico. A saudação inicial foi como de costume. Nas intenções, depois de muito tempo, o padre Dal Bó novamente mencionou os ouvintes:

Colocamos aquelas intenções que estão dentro do seu coração, rezando de modo especial também pela saúde de cada um de vocês, romeiros, romeiras de Nossa Senhora, por todos que nos acompanham pelos meios de comunicação. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 20/9/2017, 3:47).

Para a reflexão, o padre mais uma vez lançou mão do livro devocional do papa Francisco. A partir de um trecho do evangelho de Lucas, o papa comentou o seguinte:

Sempre que participamos da Santa Missa e nos alimentamos do Corpo de Cristo, a presença de Jesus e do Espírito Santo age em nós, comunica-nos atitudes interiores se traduzem em comportamentos segundo o evangelho: a docilidade à palavra de Deus, a fraternidade entre nós, a coragem do testemunho Cristão, a capacidade de dar esperança aos desencorajados e acolher os excluídos. A caridade de Cristo acolhida com o coração aberto muda-nos, transforma-nos, torna-nos capazes de amar não segundo a medida humana, sempre limitada, mas segundo a medida de Deus. E qual é a medida de Deus? Sem medida (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 20/9/2017, 6:12).

O convite à Consagração acabou personalizado aos que estavam no Santuário: “Voltados para a imagenzinha de Nossa Senhora, estendendo sua mão, rezemos a oração de consagração” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 20/9/2017, 8:53). Curiosamente, após a despedida, pôde-se ouvir uma salva de palmas dos fiéis que estavam no Santuário, mesmo sem a motivação dos “vivas” por parte do padre.

Passando para o terceiro recorte, mais para o final do mês, a amostragem chega ao dia 26 de setembro, uma terça-feira. Na abertura, o organista entoou um trecho de um hino dedicado a Nossa Senhora. Padre Dal Bó fez a saudação conforme o costume. Mais uma vez, um aparente esforço de interlocução

personalizada esbarrou na dimensão presencial. Todavia, a saudação a uma pessoa em particular mudou o rumo da prédica:

Vamos colocar diante Deus, através de Nossa Senhora Aparecida, os nossos pedidos, as nossas intenções. De modo especial aqueles pedidos e intenções que estão aí no seu coração. Rezando pela sua saúde, também pela saúde dos seus familiares, seus conhecidos. Certamente muitas pessoas, sabendo que vocês vêm Aparecida, dizem pra vocês: 'rezem por nós, peçam a Nossa Senhora esta graça ou aquela graça que eu estou precisando'. Então nós colocamos também no coração de Nossa Senhora todas essas intenções que vocês trazem também lá das suas casas, das suas terras. Rezamos por todas as romarias que estão aqui presentes - já me esqueci o nome da romaria, mas - Pará de Minas, né? Pará de Minas, Minas Gerais. Quero rezar hoje também pelas vocações sacerdotais, religiosas, missionárias, de modo especial rezar pelos pais dos padres, pelas mães. A mãe do nosso Padre Eli, que era de Manhuaçu está conosco agora no Santuário, né? Padre Eli, ele que vai fazer uma experiência conosco, está com vontade de ser missionário redentorista. Então rezamos por ela, que sempre está ligada a esta consagração nesse momento, né? A Consagração que há muito tempo existe, desde o tempo do Padre Vitor Coelho de Almeida, que está em processo de beatificação (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 26/9/2017, 4:24).

Liturgicamente, o dia 26 aponta para a festa dos santos Cosme e Damião, que eram médicos. Por isso, o padre Dal Bó fez uma menção especial aos profissionais de saúde na hora das intenções. Voltando ao devocional do papa Francisco, o padre Dal Bó leu um trecho do capítulo 49 do livro do profeta Isaías e depois compartilhou o comentário do pontífice:

Há um ditado espanhol que diz: 'a água parada é a primeira que se corrompe'. Não permaneçais parados! Devemos caminhar, dar um passo por dia, com ajuda do Senhor. Deus é Pai, é misericórdia, ama-nos sempre. Se o procurarmos ele nos acolhe e nos perdoa. Como já disse não, se cansa de perdoar. É o lema desta visita: 'Deus não se cansa de perdoar'. Ele faz com que nos levantemos, restitui-nos plenamente a nossa dignidade de pessoa humana. Deus tem memória. Não se esquece. Deus pensa em mim, recorda-se de mim. Estou na memória de Deus. Não só na memória, mas também o coração de Deus (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 26/9/2017, 8:45).

Ao introduzir a bênção da água, novamente o padre Dal Bó fez uso do pronome possessivo na primeira pessoa do plural (nossos) para se referir às pessoas e objetos que poderiam ser tocados com a água abençoada.

No dia 27, quarta-feira, a transmissão começou com a organista entoando o trecho final do hino “Roga Por Nós, Ó Mãe Tão Pia”. A saudação inicial do padre Dal Bó foi feita aos ouvintes como de costume – “a todos que nos acompanham” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 27/9/2017, 1:20). Na hora de apresentar as intenções, mais uma vez, o padre Dal Bó direcionou a prioridade da interlocução a quem estava presente no Santuário, colocando em segundo plano quem acompanhava o momento pelos meios de comunicação:

Vamos colocar diante de Deus, através de Nossa Senhora Aparecida, todas as nossas intenções. Aquelas intenções que estão aí dentro do seu coração. Rezando pela sua saúde, saúde dos seus parentes, seus conhecidos. Rezando por aquelas pessoas que pedem que nós rezemos por elas aqui no Santuário. Rezando por sua peregrinação aqui o Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Rezando também por todos aqueles que nos acompanham pelos meios de comunicação, também por todas as suas necessidades espirituais e temporais (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 27/9/2017, 4:02).

A liturgia da Igreja Católica faz memória de São Vicente de Paulo no dia 27 de setembro. E foi este o tema principal da alocução catequética do padre Dal Bó:

São Vicente de Paulo, ele nasceu na França e ordenou-se Padre aos 19 anos para fazer carreira. Porém depois ele se converteu, né? ele viu que o sacerdócio não é para fazer carreira, mas se colocar a serviço dos outros. E assim ele criou o grupo de senhoras e homens da alta classe, também pessoas mais simples, a serviço dos pobres. Deu assistência muito aos prisioneiros, às crianças abandonadas, enfim, aos miseráveis. Tentou acabar com a mendicância dos ociosos. Mandou-os ao trabalho. Deu socorro às regiões desoladas pelas fomes e também pela guerra. Tinha zelo pelas missões no meio rural, fundando para isso os padres da missão, chamados lazaristas –lá no sul são chamados também vicentinos – dedicados também à formação do clero. Fundou também as filhas da caridade, com a colaboração de Santa Luiza de Marillac para atender as massas proletárias, operárias. Então durante 60 anos a França viu esse homem infatigável, rico de piedade simples e profunda. Foi inspirador de muitas obras de caridade, entre estas, por iniciativa de Frederico Ozanan, as conferências e São Vicente de Paulo para visitar e socorrer os pobres – essas conferências vicentinas estão esparramados pelo Brasil e pelo mundo inteiro para o serviço dos pobres e dos necessitados. Então queremos rezar de uma maneira toda especial por todas as conferências vicentinas e aqueles que trabalham nessas conferências, para que Deus se faça muito presente (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 27/9/2017, 6:05).

Antes da bênção da água, o padre Dal Bó recordou ainda, com o apoio do livro devocional do papa Francisco, um trecho do evangelho de João em que Jesus fala sobre a água com uma mulher Samaritana. Disse o padre Dal Bó:

Jesus veio para nos dar esta água viva que é o Espírito Santo, para que a nossa vida seja guiada, animada e alimentada por Deus. Quando dizemos que o cristão é um homem espiritual entendemos precisamente isto: é uma pessoa que pensa e age em conformidade com Deus, segundo o Espírito Santo. Mas me pergunto: e nós, pensamos segundo Deus? Agimos em conformidade com Deus ou nos deixamos guiar por muitas outras coisas que não são propriamente Deus? Cada um deve responder a isso no profundo de seu coração (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 27/9/2017, 8:57).

A motivação para a prece de Consagração, mais uma vez, foi direcionada a quem estava no Santuário: “E, agora, voltados para a imagenzinha de Nossa Senhora, façamos a ela a consagração” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 27/9/2017, 10:50).

O programa da quinta-feira, dia 28, foi apresentado pelo padre Eduardo Ribeiro. Na saudação inicial, ele deu um tom singularizado à interlocução com quem o acompanhava pela Rádio Aparecida – acabando por não mencionar a Rede Católica de Rádio e o portal a12.com:

Caríssimos irmãos e irmãs presentes aqui no Santuário Nacional. **Você que está em casa e reza conosco pelas ondas da Rádio Aparecida.** Três horas: hora da Consagração. Rezemos juntos meus irmãos e irmãs e nos consagremos à Mãe de Deus e nossa, suplicando a sua proteção (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 28/9/2017, 0:36, grifo nosso).

A alocução catequética do padre Eduardo teve como tema o tricentenário do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida que, dias depois, teria sua festa solene iniciada:

Aparecida: 300 anos de fé, de devolução. 300 anos de bênçãos. Estamos, meus irmãos e irmãs, às portas do início da novena jubilar e da celebração jubilar dos 300 anos de Nossa Senhora Aparecida. Todo o Brasil, todo povo de fé, se une ao Santuário neste tempo para juntos rezarmos com Maria. Aparecida é o título dado a Nossa Senhora da Conceição que apareceu eu nas águas do rio Paraíba do Sul. Nossa Senhora da Conceição, a Imaculada Conceição. Aparecida, pois apareceu nas redes de três humildes pescadores. Era no ano de 1717. Tantos anos se passaram. São muitos anos. Se considerarmos que o Brasil tem 500 e poucos anos, Aparecida, 300 anos. Muito tempo, muitos anos. Por falar em Brasil, Terra de Santa Cruz, Brasil no ano de 1717, colônia de Portugal, vivíamos nesta terra um tempo muito triste. Se relembraarmos, se abriremos as páginas da história, hoje

constatamos isto. Aqui nestas terras, naquele tempo, colônia de Portugal, vivia o regime de escravidão, o regime escravocrata neste País, a escravidão negra: os negros que vinham da África, da mãe África, e chegavam aqui por essas terras para o trabalho escravo, trabalho forçado (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 28/9/2017, 3:39).

A parte final da prédica foi dedicada a comparar os momentos vividos pelo país em 1717 e a situação social desenhada em 2017:

Vivemos em 2017 tempos difíceis, tempos difíceis. Se lá em 1717 aqueles pobres pescadores, aquele povo daquela pequenina Aldeia não desanimou, manteve as sua fé como uma chama sempre acesa, hoje também nós não podemos perder a esperança. Como canta o Padre Zezinho no hino jubilar composto para estes 300 anos, diz assim: ‘pequenina restaurada a sua imagem nos ensinou que não podemos esmorecer’. Não podemos, embora tantas dificuldades que abate sobre nós, sobretudo para o povo, as pessoas mais simples, mais pobres. Vivemos um tempo difícil no Brasil hoje: uma escravidão mais velada, mais às escondidas, mas se vive um tempo muito difícil. É preciso, meus irmãos e irmãs, voltar os nossos olhos, pedir a proteção de Nossa Senhora Aparecida. Ah, meus irmãos e irmãs! Que esses 300 anos sejam para todos nós, seja para igreja no Brasil, um tempo de reavivamento da fé. O Brasil precisa de Nossa Senhora. O Brasil precisa do povo de fé, do povo resistente que não se deixa abater nem esmorecer. Peçamos a Nossa Senhora a sua proteção e intercessão (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 28/9/2017, 8:55).

Depois da bênção final, o padre Eduardo motivou os fiéis a expressarem a sua piedade: “Saudemos com alegria a Nossa Senhora Aparecida. Viva a Senhora Aparecida! Viva a Rainha e Padroeira do Brasil!” (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 28/9/2017, 15:50). E, ao fundo, se ouviram os aplausos dos devotos presentes no Santuário.

No dia 29 de setembro, uma sexta-feira, o programa voltou a ser apresentado pelo padre Dal Bó. O cantor iniciou entoando o refrão do hino “Graças Vos Damos, Senhora”. Curiosamente, não se ouviu o apoio do órgão para sustentar o canto. Na saudação inicial, o sacerdote utilizou o mesmo texto de costume. Na apresentação das intenções, o padre não fez menção alguma aos ouvintes – dedicou atenção a saudar os romeiros presentes no Santuário. Na hora da alocução catequética, padre Dal Bó recordou a comemoração litúrgica do dia 29 – os arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael. Fazendo uso do livro devocional do

papa Francisco, ele destacou a missão dos anjos na vida da Igreja a partir de um trecho do livro bíblico do Apocalipse:

Miguel, que significa 'quem é como Deus', é o campeão de sua transcendência e do Poder de Deus. Miguel luta para restabelecer a justiça divina, defende o povo de Deus dos inimigos, sobretudo do inimigo por Excelência, o diabo. São Miguel vence porque dele é Deus que age. Embora o diabo tente ferir o rosto do Arcanjo e a face do homem, contudo Deus é mais forte. A vitória é sua, e a sua salvação é oferecida a cada homem. No caminho e nas provações da vida não estamos sozinhos, e sim amparados pelos anjos de Deus que oferece as suas asas para nos ajudar e a superar muitos perigos para podermos voar alto em relação àquelas qualidades que podem pesar sobre a nossa vida ou nos arrastar para baixo. Então os anjos são aqueles que estão bem próximos de Deus também tão próximos e cada um de nós. (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 29/9/2017, 7:45).

Na hora da bênção final, o refrão "Dai-nos a bênção, ó Mãe querida" foi entoado já com o suporte instrumental do órgão. Após a despedida, o padre Dal Bó propôs: "Saudemos Nossa Senhora. Viva a Senhora Aparecida! Viva e Padroeira do Brasil! Viva Jesus Cristo! Viva os nossos romeiros!" (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 28/9/2017, 13:20). E, ao fundo, pôde-se ouvir o efusivo aplauso dos que estavam no Santuário.

O último dia da amostra selecionada, 30 de setembro, foi um sábado. Apresentado pelo padre José Dal Bó, o programa trouxe todos aqueles elementos já citados que caracterizam um conteúdo levado ao ar de modo previamente gravado. A apresentação das intenções trouxe uma mensagem de encerramento do mês da Bíblia e lançou uma perspectiva para o mês de outubro, especialmente sobre a novena solene da Padroeira, que se iniciaria no dia seguinte:

Colocamos diante de nosso Deus, através de Nossa Senhora Aparecida, todos os nossos pedidos, as nossas intenções. Nós estamos no último dia de Setembro, o mês dedicado a Bíblia. Mesmo terminando esse mês de setembro, mas não terminamos o nosso desejo de estarmos sempre abertos à palavra de Deus, escutando essa palavra com carinho, meditando-a em nosso coração e colocando-a em prática, levando em consideração aquele que Santo Agostinho dizia: 'Ignorar as sagradas escrituras é ignorar o próprio Cristo'. Então rezamos também por esse último dia de Setembro, lembrando que amanhã nós iniciamos solenemente a novena da nossa Padroeira, em preparação à festa dos 300 anos do encontro da imagenzinha de Nossa Senhora, no rio Paraíba do Sul, por aqueles três pescadores no ano 1717. Então peçamos a proteção de Deus, a proteção de Nossa Senhora, pelos milhares e milhares de peregrinos que estarão

visitando e rezando nessa novena à Nossa Padroeira, para que possam ter uma boa viagem e vinda e também possam voltar para suas casas em segurança. Que todos possam com alegria celebrar a festa da nossa Padroeira. Lembramos também que no dia primeiro nós celebramos o dia de Santa Terezinha do Menino Jesus, que é a Padroeira das Missões. Então rezamos pelas missões da igreja, rezando pelas missões redentoristas que acontecem em muitas cidades do nosso Brasil e também do mundo. Rezamos por cada um de vocês, pela sua saúde, pelas suas intenções, pelos seus parentes, seus conhecidos, pela saúde de todos (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 30/9/2017, 3:05).

A meditação, novamente, teve como substrato o livro devocional do papa Francisco. Com base em um texto bíblico do capítulo 17 do evangelho de João, o padre compartilhou a seguinte reflexão:

Hoje, muitas vezes, experimentamos a nossa fé ser posta à prova pelo mundo, que nos pede de muitíssimas maneiras para condescender no referente à fé, diminuir as exigências radicais do evangelho e nos conformarmos com o espírito do tempo. Mas os mártires nos chamam a colocar Cristo acima de tudo, considerando todas as demais coisas neste mundo em relação a ele e ao seu reino eterno. Os Mártires nos levam a perguntar se há algo pelo qual estamos dispostos a morrer (CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA, 30/9/2017, 7:20).

Na bênção da água, mais uma vez, o padre recorreu ao pronome “nossos” para se dirigir ao uso que se poderia fazer da água abençoada.

De modo sintético, pode-se perceber que, analisando os 20 programas selecionados na amostragem, a interlocução direta com os ouvintes foi pouco percebida – o que nos leva a questionar se, hoje, de fato, a Consagração mantém a vocação primeira de ser um programa de rádio que, por conta da sua popularidade, passou a ser transmitido direto do Santuário Nacional. A análise das amostras leva a uma compreensão diversa: a de que, na verdade, tem-se atualmente uma celebração paralitúrgica presencial que, por força da tradição, ainda se faz ressoar pelos meios de comunicação – e que, por esta razão, não há tanta necessidade de dialogar diretamente com quem está ouvindo.

Independentemente dessa constatação, há que se ressaltar, todavia, que toda a estrutura desse fenômeno religioso ainda garante um vínculo de identidade com a devoção mariana e com a figura de Nossa Senhora Aparecida. Não há

dúvidas de que a razão de existir desse momento oracional é o culto a Maria, mãe de Jesus, a partir da invocação de Aparecida.

3.4 – A Consagração Brasil afora: as emissoras que reverberam a devoção

Como foi possível notar na seção anterior, o horário da Consagração a Nossa Senhora Aparecida é transmitido pelo rádio não apenas pela Rádio Aparecida, mas por uma rede de emissoras espalhadas pelo Brasil. As vinhetas de abertura e de encerramento do programa citam uma tal Rede Católica de Rádio (RCR). Na época em que as amostras foram coletadas, a Rádio Aparecida fazia parte de uma associação de emissoras de inspiração católica – ou seja, rádios mantidas diretamente ou por fundações ligadas à Igreja Católica. Essa iniciativa havia começado ainda no final dos anos 1980, quando começou o projeto das transmissões via satélite da Rádio Aparecida (cf PAIVA, 2001, p. 226-230).

A organização das mídias de inspiração católica, no entanto, não é algo recente. Ainda em 1928 foram criadas três organizações católicas globais de articulação: a OCIC (Organização Católica Internacional de Cinema) na Holanda; a UNDA (União de Radiodifusão Católica), na Alemanha; e a UCIP (União Católica Internacional de Imprensa), na Bélgica, que também foram organizadas no Brasil. Com a convergência das Mídias, os organismos da Igreja realinharam sua articulação no campo da comunicação. Em 2001, as três entidades se fundiram e deram lugar à Signis Mundial.

Em 1994, quando a radiodifusão católica no Brasil ainda era organizada por meio da UNDA-Brasil, as emissoras deram um passo na sua articulação e criaram a RCR. O protagonismo dos redentoristas na formação dessa rede ficou evidente na fundação oficial da RCR, que teve o então diretor da Rádio Aparecida como seu primeiro presidente. O padre Gilberto Paiva, no livro sobre o cinquentenário da Rádio Aparecida, traz alguns detalhes sobre essa rede:

A experiência desse trabalho conjunto, unindo as diversas rádios da Igreja, deu-se no dia 12 de outubro de 1994, com transmissões da festa de Nossa Senhora Aparecida. Mas, formar uma rede de rádio é bem mais que juntar um punhado de emissoras e colocá-las no ar durante algumas horas. Após estudos e considerações, e com alguma experiência a mais, fundou-se, no dia 10 de novembro de 1994, a Rede Católica de Rádio (RCR) (...) No ato

de fundação da RCR, foi também eleita a diretoria da mesma. Sendo Padre César Moreira eleito presidente, passou a acumular a presidência da UNDA-Brasil e da RCR. (PAIVA, 2001, p. 232-233).

Com o passar dos anos, a Rede Católica de Rádio foi agregando emissoras e redes regionais de rádio, substituindo a pretensão de uma grande cadeia nacional de emissoras por uma perspectiva de trabalho colaborativo. As bases geradoras espalhadas pelo país ofereciam conteúdos que, via satélite, poderiam ser utilizados pelas emissoras na sua grade de programação. Em 2017, além da Rádio Aparecida, a RCR contava, entre outras bases geradoras, com a Rede Evangelizar de Rádio (sediada em Curitiba), a Rede Milícia da Imaculada (sediada em São Bernardo do Campo), a Rede Pai Eterno (situada em Goiânia), a Rede Sul de Rádio e a Rede Scalabriniana de Rádio (ambas no Rio Grande do Sul). Em maio de 2017, a equipe de administração da Rádio Aparecida realizou uma pesquisa, enviando e-mails para todas as 86 rádios que tinham algum contrato de retransmissão de conteúdo com a emissora oficial do Santuário Nacional. O questionário tinha por objetivo identificar quais programas eram retransmitidos por cada emissora. Todas as 27 rádios que responderam o formulário atestaram que estavam, naquela ocasião, retransmitindo o programa da “Consagração a Nossa Senhora Aparecida”.

Tabela 9 – Emissoras que retransmitiam a Consagração a Nossa Senhora Aparecida em maio de 2017:

Nome da Mantenedora	Nome da Rádio	Cidade	UF
Conquista Comunicação Ltda.	Rádio Kairós	São Mateus	ES
Associação Pai Eterno e Perpétuo Socorro	Rádio Vox Patris	Goiânia	GO
Fundação Dom Stanislau Van Melis	Rádio Rio Claro	Iporá	GO
Fundação Dom Stanislau Van Melis	Rádio Vale da Serra	São Luís de Montes Belos	GO
Fundação Dom Juvenal Roriz	Rádio Serra Azul	Caiapônia	GO
Rádio Paraisense 820 AM Ltda - ME	Rádio da Família	São Sebastião do Paraíso	MG
Andradas Sul Mineira Prod. E Serviços	Rádio Vinícola	Andradas	MG
Rádio Sociedade Muriaé Ltda.	Rádio 96FM	Muriaé	MG
Sociedade Radiodifusão Guanhões	Rádio Vida Nova FM	Guanhões	MG
Rádio Difusora de Patrocínio Ltda	Difusora FM	Patrocínio	MG

Fundação Padre Enio Martin	Rádio Catedral FM	Muriae	MG
Fundação Cultural e Educativa Padre Dehon	Rádio Cór	Formiga	MG
Fundação N. Sra. do Patrocínio do Santíssimo Sacramento	Rádio Sacramento	Sacramento	MG
Fundação Itaguary de Comunicação	Itaguary FM	Pontas de Pedras	PA
Fundação de Apoio a Comunicação Cristã	Cultura FM	Picos	PI
Rádio Brotas Ltda.	Rádio Brotas FM	Pirai do Sul	PR
Rádio Cultura Norte Paranaense Ltda.	Cultura FM	Paranavaí	PR
Radio Educadora de Laranjeiras do Sul Ltda. EPP	Rádio Educadora	Laranjeiras do Sul	PR
Fundação Mater et Magistra de Londrina	Rádio Alvorada	Londrina	PR
Fundação Educacional Santana	Rádio Rural	Caicó	RN
Sociedade Rádio Tubá Ltda. - ME	Rádio Tubá	Tubarão	SC
Rádio Brasil Sociedade Ltda.	Rádio Brasil Campinas	Campinas	SP
Rádio Cultura de Santo Anástacio Ltda.	Rádio Onda Viva	Presidente Prudente	SP
Rádio Franca do Imperador Ltda.	Rádio Imperador	Franca	SP
Fundação Claret	Claretiana FM	Rio Claro	SP
Sociedade Rádio Cultura Vargem Grande do Sul Ltda. ME	Rádio Cultura AM	Vargem Grande do Sul	SP
Rádio Voz do Vale Ltda.	Nova Voz FM	Fartura	SP

Vale aqui uma observação: apenas 27 emissoras responderam ao formulário enviado pela Rádio Aparecida. Considerando que havia ainda, pelo menos, outras 59 emissoras que tinham contrato de retransmissão e que não responderam, pode-se inferir que o grupo de retransmissoras da Consagração a Nossa Senhora Aparecida é ainda maior. Em abril de 2018, a Rádio Aparecida desvinculou-se da Rede Católica de Rádio e, autonomamente, criou a Rede Aparecida de Rádio, com modelos próprios de gestão comercial e de conteúdo.

4 – DIÁLOGOS TEÓRICOS: Comunicação e Teologia

A proposta para este terceiro capítulo é promover uma discussão de caráter teórico, apresentando possibilidades de diálogo nos campos da Comunicação Social e da Teologia. O esforço está concentrado em refletir de que modo autores referenciados nessas duas áreas tratam o tema de inserção do discurso religioso no ambiente mediático. Além disso, com o suporte das reflexões a serem apresentadas, pretende-se expor em que medida o fenômeno religioso utilizado como objeto desta dissertação é um elemento constitutivo da identidade de quem o realiza como produto de mídia.

A primeira parte tratará de lançar mão de reflexões do campo da Comunicação sobre o papel do rádio, o uso dos meios de comunicação de massa como extensores do discurso religioso, e de que modo, especificamente, o caso da Consagração a Nossa Senhora Aparecida pode se configurar um elemento subversivo da teoria clássica da midiatização dos fenômenos religiosos.

Na sequência, amparada em documentos do Magistério católico, a proposta é buscar uma panorâmica sobre as reflexões da hierarquia da Igreja em relação ao uso dos meios de comunicação para a evangelização. Por fim, com as reflexões promovidas por autores do campo teológico, a intenção é contrapor visões críticas e acolhedoras desse movimento de intrusão do discurso religioso no ambiente comunicacional de massa.

Não se trata, obviamente, de inaugurar uma discussão nova. Afinal, a relação entre religião e mídia tem sido tema recorrente de estudos na área das Ciências da Religião. A intensidade e os desdobramentos desse relacionamento no campo cristão católico têm igualmente despertado atenção na academia há muito tempo. No que tange a esta investigação, especificamente, o esforço empreendido será no sentido de apontar referências teóricas que tenham uma mensagem mais direcionada para iluminar a reflexão sobre o objeto que está no centro da discussão: a transmissão radiofônica da Consagração a Nossa Senhora Aparecida.

4.1 – Comunicação de massa no rádio: uma poderosa extensora do universo religioso

O século XX foi marcado por profundas transformações técnicas nos mecanismos de produção de bens, prestação de serviços e geração de trabalho e renda. A pulverização dos sistemas de geração e distribuição de eletricidade tirou do vapor o peso da mecanização no campo e na indústria e acabou por acelerar a substituição da mão de obra pelos equipamentos. Por outro lado, os avanços técnicos promoveram uma verdadeira revolução no campo comunicacional. Nele, a tecnologia aperfeiçoou-se de modo estupendo e com uma velocidade sem precedentes nos últimos cem anos.

No século passado a humanidade assistiu, em menos de oitenta anos, ao advento de três poderosos meios de difusão informativa: o rádio (nos primórdios da década de 1920), a televisão (nos anos 1950) e a Internet (em protótipo nos anos 1980 e popularizada nos anos 2000). Esse acelerado desenvolvimento tecnológico mudou o modo como a sociedade entende as relações entre pessoas, alterou a visão das instituições, possibilitou novas abordagens para o conceito de inserção social e promoveu uma reviravolta na maneira de o ser humano assimilar e difundir informação e conhecimento.

Do ponto de vista antropológico, notou-se igualmente no ser humano uma mudança nos registros de construção do imaginário, a partir das novas relações comunicacionais possibilitadas com o avanço tecnológico: da escrita para a voz; da voz para a aliança com a imagem em movimento; e, contemporaneamente, a abrupta redução de tempos e distâncias promovida pelas redes virtuais. Claramente os novos modelos comunicacionais desenvolvidos ao longo do século XX possibilitaram a geração de um estatuto cultural inovador, com impacto profundo na formatação do caráter e do comportamento das pessoas e na relação delas com as instituições sociais.

No campo da Comunicação, é comum dividir os processos de relação emissor – meio – mensagem – receptor em três modelos. O mais antigo e tradicional é conhecido como dialogal-presencial, no qual os polos de emissão e recepção trocam constantemente de posição, graças a uma interação baseada no caráter presencial. Uma conversa entre duas pessoas num elevador, ou uma aula em que estudantes e professor interagem com perguntas e respostas são exemplos desse modelo que tem um eixo horizontal de relação. Com a chegada da imprensa e a posterior popularização dos outros Meios de Comunicação Social – rádio e televisão – surge o que chamamos de comunicação de massa. Nesse

modelo, não há trânsito entre emissão e recepção. Quem fala e quem escuta estão determinados pela estrutura que os meios disponibilizam. É, portanto, uma relação unidirecional, que verticaliza o eixo do processo. Contemporaneamente, a internet e suas interfaces gerou um terceiro modelo, que graficamente pode ser simbolizado como uma rede. Nele, os dois paradigmas anteriores se misturam e se completam.

Lançando um olhar particular sobre o rádio, é possível entender a força avassaladora com que ele avançou sobre a sociedade. Numa época em que o mais eficiente modelo de comunicação de massa era o jornal impresso, ter a possibilidade de transmitir por meio sonoro mensagens que chegavam em tempo real aos locais cobertos pelo alcance das emissoras era uma inovação estupenda. Mario Kaplún adverte, no entanto, que a eficiência da comunicação por meio do rádio está diretamente ligada ao conhecimento refinado sobre as potencialidades dele:

O rádio não é um veículo, mas, sim, um instrumento. Sem dúvida, um grande instrumento potencial de educação e cultura populares; e como todo instrumento, exige conhecê-lo, saber manejá-lo, adaptar-se a suas limitações e a suas possibilidades. Usar bem o rádio é uma técnica e uma arte. (KAPLÚN, 2008, p. 83).

Esse instrumento, quando utilizado em grandes aglomerados populacionais, potencializa a geração de paisagens sonoras, que acabam por contribuir para a construção da dinâmica cultural de determinado povo. O rádio, com sua estrutura tecnológica colocada a serviço da comunicação, tem um papel de aproximação, de vinculação e de harmonização do tecido social. É o que lembra José Eugênio Menezes:

As carências humanas, especialmente as sonoras, são supridas através de equipamentos de transmissão de ondas eletromagnéticas, que tanto veiculam códigos linguais, informações verossímeis sobre o tempo e o trânsito, como também emitem informações da ordem dos sonhos, das narrativas, dos símbolos políticos ou religiosos. Estamos, para utilizarmos o conceito de Ivan Bystrina, também no campo dos códigos hiperlinguais ou códigos culturais (MENEZES, 2007, p. 40).

Claramente o rádio, com suas potencialidades aliadas ao talento de comunicadores e profissionais da área técnica, demonstrou uma grande capacidade de inserção na vida, nos hábitos e nos costumes das sociedades

onde se inseriu. Em terras brasileiras não foi diferente, conforme descreve o professor Reynaldo Tavares:

O rádio elegeu presidentes, governadores, prefeitos e vereadores; o rádio ajudou a derrubar governos; o rádio levou para dentro dos lares a violência das guerras e revoluções; o rádio tateou consolou enfermos como levou uma palavra de esperança e otimismo aos presos e marginalizados da sociedade; o rádio transmitiu toda a sorte de eventos, atuou como prestador de serviços e transformou-se num autêntico “jornal eletrônico”, principalmente junto às camadas menos favorecidas pela sorte, aos cegos e aos analfabetos (TAVARES, 2009, p. 166).

No Brasil, onde rádio foi oficialmente implantado em 1923, esse instrumento de comunicação foi desde cedo configurado como um elemento fundamental para a difusão da cultura e para a capitalização política. No campo da regulamentação, ganha relevo o empenho da Era Vargas em potencializar as comunicações por meio das emissoras de rádio. A historiadora Lia Azevedo, na sua tese doutoral, recorda:

O desenvolvimento do rádio também era acompanhado de perto pelo governo provisório de Getúlio Vargas. Pode-se atribuir à legislação aprovada em 1931, ampliada e regulamentada em 1932, através dos Decretos nº 20.047 e 21.111 de 27/05/1931 e 1º/03/1932, respectivamente, uma grande parcela de contribuição no processo de consolidação e profissionalização do rádio brasileiro (AZEVEDO, 2002, p. 62).

O decreto 21.111, citado por Lia Azevedo, regulamentou a publicidade em emissoras de rádio. Até então, as emissoras eram clubes ou sociedades mantidos por radioamadores ou por contribuintes beneméritos que atuavam numa espécie de mecenato. O professor Luiz Artur Ferraretto situa essa época do início da propaganda como marco inaugural do sucesso do rádio como atividade economicamente relevante no Brasil:

É esse contexto que começa a se constituir o rádio como negócio, oferecendo um conteúdo – a programação – financiado pelos reclames que, por sua vez, ocupam local central no processo de acumulação dada a dependência do círculo mercantil-capitalista em relação à comunicação empresa-consumidor viabilizada pelo novo veículo (FERRARETTO, 2009, p. 100).

Até a década de 1950, no entanto, ver um rádio numa casa brasileira era algo para poucas pessoas. Logo que a tecnologia começou a se difundir, adquirir um aparelho implicava um custo elevado. Em 1924, por exemplo, um receptor custava 1200 réis, enquanto que a renda familiar média em São Paulo era de apenas 500 réis (cf. AZEVEDO, 2002, p. 50). Em meados da década de 1930, o rádio continuava a ser artigo de luxo, como lembra Lia Azevedo:

Tomando os salários pagos pela América Fabril como referência, pode-se imaginar que uma família operária, em 1934, na qual três membros trabalhavam na fábrica em uma função média (dois maiores e um menor) obtinha uma renda de 415\$700 mensais. No mesmo período, um anúncio de promoção dos rádios RCA Victor apresentava preços que variavam de 1:000\$000 a 3:200\$000. Para conseguir comprar o aparelho, a família teria que submeter-se a um sistema de prestações, o que não era impossível, mas a presença do aparelho deveria significar uma grande necessidade para justificar tal investimento familiar. (AZEVEDO, 2002, p. 64-65).

A expansão dos sistemas de energia elétrica no Brasil fez com que os aparelhos fossem se tornando menores e mais baratos. Lia Azevedo aponta um indicador importante da popularização dos aparelhos de rádio no Brasil, revelada no censo do IBGE de 1960: “Dos 38,54% de domicílios servidos por energia elétrica, 91,8% desses possuía aparelhos de rádio. Do mesmo modo que se percebe que somente uma pequena parcela da população tinha acesso aos aparelhos de televisão – 4,6% do total” (AZEVEDO, 2002, p. 113-114). A popularização dos receptores pode ser entendida também pela explosão do número de emissoras de rádio que foram instaladas no país entre as décadas de 1940 e 1960. A partir dos dados compilados por Reynaldo Tavares, em três décadas, somente no estado de São Paulo, foram instaladas 188 emissoras – entre elas a Rádio Aparecida, em 1951 (Cf. TAVARES, 1999, p. 72-75).

Outra prova do sucesso estrondoso do rádio no Brasil foi a criação de publicações impressas especializadas no assunto. A mais importante delas, sem dúvidas, foi a Revista do Rádio, criada primeiro com periodicidade mensal em 1952, mas que em menos de um ano acabou por tornar-se um semanário que circulou até 1969, já com o nome de Revista Rádio e TV. O artigo de Doris Haussen e Camila Bacchi traz um dado muito relevante sobre a popularidade dessa publicação: “Numa pesquisa do Ibope sobre revistas semanais, de janeiro de 1956, realizada junto a 300 mulheres do então Distrito Federal, por

incumbência do Jornal das Moças, a Revista do Rádio aparecia como a segunda mais lida, atrás apenas da revista O Curzeiro” (HAUSSEN; BACCHI, 2001, p. 3)

Como se pode perceber, o rádio no Brasil ocupou, especialmente até o final da década de 1960, e segue ocupando um lugar privilegiado no cotidiano da sociedade. E, claramente, o campo religioso – inclusive na matriz católica – não seria indiferente a esse instrumento tão poderoso. Luís Mauro Sá Martino descreve:

Aliás, é interessante notar que as religiões – em particular o catolicismo – se desenvolvem em praticamente qualquer modo de produção. O catolicismo, por exemplo, participou do modo de produção romano, baseado na escravidão, passou pelo sistema feudal da Idade Média – legando, de quebra, alguns dos maiores pensadores ocidentais – e tende a se adaptar aos requisitos do modo de produção capitalista (MARTINO, 2003, p. 49).

Um olhar mais teórico sobre a relação entre a comunicação de massa e o discurso religioso remete ao trabalho de Hugo Assmann, que se constituiu, no Brasil, como primeiro grande referencial para compreender, de modo quantitativo e qualitativo, a evolução histórica e os elementos dessa apropriação. Ainda que sua obra esteja mais densamente dedicada ao fenômeno do tele-evangelismo na América Latina, há um capítulo dedicado ao papel do rádio nessa investigação. Naquela época, ele já classificava como “impressionante o número de emissoras que funcionam hoje praticamente ‘full time’ com programas evangelísticos” (ASSMANN, 1986, p. 130). No que tange particularmente ao espectro de emissoras afeitas à teologia cristã de matriz católica, o número era igualmente expressivo. O autor aponta que, no Brasil, eram 126 as emissoras católicas em 1986, sobre um total cerca de 1.300 emissoras.

A relação do catolicismo com os meios de comunicação remonta ainda à reflexão sobre a presença da religião como elemento de disputa simbólica no campo da mídia. Afinal, a mídia religiosa trabalha como um competidor por espaço na construção das relações de poder simbólico. Martino recorda que o sucesso dos projetos depende de qualidade institucional de quem os realiza. “A eficácia do projeto é proporcional aos cuidados na gestão desses bens simbólicos pelos meios de comunicação institucionais” (MARTINO, 2003, p. 135).

Como já foi possível apontar neste trabalho, a Rádio Aparecida se constituiu como a primeira emissora de rádio católica do país. Em artigo publicado em 1986, Paula Montero e Ralph Della Cava apresentam, entre as emissoras católicas, a Rádio Aparecida como “o mais bem-sucedido exemplo do uso dos meios de comunicação para fins de conversão religiosa” (MONTERO; DELLA CAVA, 1986, p. 64). A fundação da Rádio Aparecida se situa o primeiro dos quatro movimentos promovidos pela Igreja nesse campo, como recorda André Ricardo de Souza:

No Brasil, bem como em grande parte dos países latino-americanos, a Igreja adotou quatro posturas básicas em relação aos meios de comunicação social. Primeiro, montou seus próprios instrumentos, tais como jornais, editoras e emissoras de rádio locais. Depois, procurou marcar presença como instituição nos veículos de comunicação massiva: as redes radiofônicas e televisivas. A terceira postura foi ressaltar seu papel de formadora de opinião e crítica das organizações de mídia estabelecidas. E a atitude mais recente foi equipar e ampliar os veículos próprios de comunicação (SOUZA, 2008, p. 28).

No caso específico do programa de rádio que é objeto deste trabalho, fica muito evidente a utilização clássica da mídia como elemento de propagação devocional. Há aqui, todavia, um componente curioso em termos da história da transmissão da Consagração a Nossa Senhora Aparecida. Como vimos na seção anterior, o programa começou em 1955 como uma atração produzida dentro dos estúdios da Rádio Aparecida – ou seja, um produto clássico de mídia. No entanto, em 1958, foi levado para dentro do Santuário e se transformou numa celebração transmitida pelo rádio. Percebe-se aqui um inverso ao relatado por Martino no que tange aos conceitos de mediação e midiatização:

O uso de meios de comunicação por uma instituição religiosa para transmitir uma mensagem, sem que nenhuma prática religiosa seja alterada para isso, não significa sua ‘midiatização’, mas sua ‘mediação’ (*mediation*). A midiatização tem início no momento em que as mídias, lembra Finneman, tornam-se parte das atividades individuais e institucionais. Quando processos sociais assumem novas configurações, ganhando outras formas e contornos, aí se pode pensar em termos de midiatização. (MARTINO, 2016, p 36-37)

Está subjacente ao formato, ainda, uma tentativa de fidelizar um modo de ler o mundo, os acontecimentos e a própria vida pessoal de quem recebe o

conteúdo apresentado por meio da emissora. A análise dos conteúdos apresentados no capítulo anterior nos permitiu perceber um esforço dos padres redentoristas em associar elementos cotidianos das pessoas ao momento de devoção e oração, de modo a buscar, simbolicamente, a construção de um vínculo de intimidade entre o que se vive e o que se reza. Desse modo, percebe-se na transmissão radiofônica da Consagração a Nossa Senhora Aparecida um caminho de mescla entre as três categorias de difusão de conteúdo na mídia religiosa apresentadas por Martino:

A maior parte dos assuntos da mídia religiosa refere-se a temas e acontecimentos relativos à instituição religiosa à qual pertence a mídia. Os vetores que orientam a definição da temática institucional podem ser subdivididos em três grupos principais: em primeiro lugar, as atividades da instituição, de rotina e extraordinárias. Os cultos, os ritos de iniciação, as atividades pedagógicas de difusão da doutrina, as obras, as realizações – não somente espirituais, mas também materiais – da instituição são divulgadas como prova da legitimidade de suas ações. Em segundo lugar, as normas de conduta. O comportamento sugerido, requisitado ou até exigido pela instituição é apresentado através de casos concretos (de mais fácil percepção) ou de regras abstratas aplicáveis a todos os casos por elas previstos. (...) Em terceiro lugar, as explicações doutrinárias e o desenvolvimento de questões referentes à teologia desta ou daquela instituição. (MARTINO, 2003, p. 98).

É possível afirmar que existe, por parte dos produtores do programa de rádio em questão, a persistência em introduzir (ou manter) esse momento tradicional de oração e reflexão no cotidiano cultural das pessoas. Esse empenho pode ser lido por meio da teoria da comunicação, como recorda a professora Maria Luiza Mendonça:

O caráter estruturante dos *media* faz com que seus conteúdos alimentem e premeiem o tecido das representações sociais, passem a fazer parte integrante das orientações valorativas e do quadro de referências que são o núcleo mesmo da cultura e direcionem as transformações culturais. Nesse caso, a produção cultural, mesmo aquela fundada em outras matrizes ou conceitos (tradicionais, por exemplo), está suscetível à incorporação de certas orientações, valores e indicações do que é desejável e aceitável. (MENDONÇA, 2006, p. 35).

Diante de todo este cenário apresentado pelas reflexões expostas até aqui, é possível indagar - à luz dos estudos da área de Comunicação - por que razão a

Rádio Aparecida ainda mantém no ar um programa tão tradicional e, como vimos, que abriga na oratória de um pregador a viga mestra da sua estrutura e numa oração disponível a qualquer pessoa o ponto alto da sua realização. Há duas principais possibilidades de se pensar a resposta.

A primeira delas tem como foco uma tradição que se deve manter como sinal de fidelidade e resistência. Afinal, como já foi exposto, a contemporaneidade, com o advento da internet, multiplicou as plataformas de interação tecnológica e ampliou o rol de possibilidades de conexão, produção e recepção de conteúdo. Ainda assim, o rádio se mantém relevante. O mais recente estudo do Kantar Ibope Mídia, publicado em 2018, revela que 86% da população pesquisada em 13 regiões metropolitanas do país ouve rádio. Em média, os ouvintes passam 4 horas e 40 minutos por dia em contato com as emissoras³⁷. Não bastasse isso, há a própria proliferação de experiências religiosas no meio da mídia, especialmente no ambiente digital. Essa variedade de alternativas acaba por tornar mais rasa a experiência no seu núcleo, como relata Martino:

À necessidade metafísica do indivíduo acodem uma série de respostas, algumas sérias, outras com autenticidade pra lá de duvidosa, oferecendo, conforme o caso, desde a salvação da alma mediante depósito bancário até a purificação completa e integração com o cosmos, seja lá o que isso queira dizer. É claro que essa multiplicidade de respostas “religiosas” às indagações humanas traz consigo uma desvalorização sem precedentes do capital simbólico religioso. A multiplicidade de escolhas aparentemente religiosas destrói paulatinamente o núcleo metafísico das atividades religiosas, convertendo-as em simples intermediárias entre uma determinada situação atual e uma perspectiva de futuro mais promissor (MARTINO, 2003, p. 52).

A constatação desse fenômeno parece estimular os produtores a se manterem numa atitude de resistência, mantendo a Consagração no ar e conservando muito da sua estrutura tradicional.

A segunda resposta passa pelo vínculo da identidade promovida a partir da recepção mediática. A partir do seu potencial agregador, o rádio é capaz de promover uma experiência sensorial comum a pessoas que estão espacialmente distantes uma da outra. Essa foi a intuição primeira de padre Laurindo Rauber, em 1955, quando criou a ideia do Livro de Ouro para que as pessoas inscrevessem seus nomes. O livro, além da simbologia da permanência do

³⁷ A íntegra deste estudo está disponível em <<https://www.kantaribopemedia.com/radio-impacta-86-da-populacao-indica-estudo-da-kantar-ibope-media/>> e em <https://www.kantaribopemedia.com/book-de-radio-2018-download/>> Acesso em: 29 ago 2019.

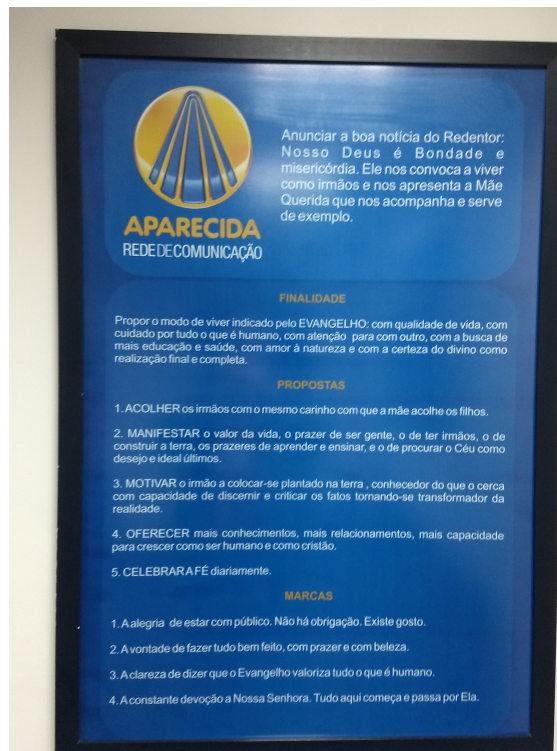
registro histórico, tem a função de reunir, concentrar aglutinar num mesmo espaço as pessoas que estavam em diferentes localidades participando do mesmo programa de rádio. Ou seja, o livro é símbolo da mesma resposta de fé que várias pessoas oferecem, a partir de localidades e contextos diversos.

A partir de 1958, quando o programa de rádio deixa os estúdios da rádio e se transforma numa celebração paralitúrgica centralizada na basílica de Aparecida, a intuição permanece a mesma, mas num movimento em direção oposta. Reforça-se, nessa nova configuração, a identidade do Santuário como centro irradiador da fé, do culto e da devoção. E o rádio passa a ser um extensor sensorial dessa força simbólica. Afinal, quem escuta o ritual o ouve a partir de dentro do templo, no lugar onde está a imagem milagrosa, e toma parte da mesma celebração da qual participam os romeiros e visitantes que estão fisicamente dentro da igreja. Mais uma vez, o fenômeno da recepção de conteúdo por meio do rádio se torna vínculo de identidade, atualizando o conceito clássico de mediação introduzido na Teoria da Comunicação por Jesús Martín-Barbero. É o que esclarece Mauro Wilton de Sousa:

Assim, a mesma significação estratégica que tem a categoria das mediações para a compreensão renovada da recepção mediática é aqui retomada para expressar o sentimento de pertencimento como mediação na relação social que se cria com o público-comum de sentidos que os diferentes *media* fazem circular. Então, não só o processo comunicacional permeia hoje a configuração do espaço público, como não seria temerário visualizar as práticas de recepção como práticas de pertencimento a público-comum, ainda que com base em experiências privadas de acesso mediático (SOUSA, 2006, p. 234).

Essa noção está muito bem desenhada e representada no painel que está instalado em um dos corredores do prédio da Rede Aparecida de Comunicação e que apresenta os enunciados organizacionais da instituição. A missão institucional fala em anunciar a boa notícia do Redentor, que nos apresenta a Mãe Querida. Maria, diz o enunciado, acompanha os colaboradores e serve de exemplo para eles. Entre marcas da identidade dos meios de comunicação pertencentes à Rede Aparecida, está a constante devoção a Nossa Senhora. Diz o enunciado: *Tudo aqui começa e passa por Ela.*

Imagem 23 – Mural institucional da Rede Aparecida de Comunicação (foto do autor).



Esse vínculo de unidade entre devoção, missão institucional e carisma religioso fica evidenciado nas palavras do padre Gilberto Paiva, na conclusão do livro comemorativo dos 50 anos da Rádio Aparecida:

Os missionários de Nossa Senhora Aparecida – e a Rádio foi fundada para levar bem distante a mensagem da mãe de Jesus: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5) – celebram este jubileu áureo como parte integrante da história da Rádio Aparecida. A história dos redentoristas no Brasil não pode ser contada sem que se conta sua íntima ligação com a história da Rádio Aparecida, mesmo quando muito do que se faz fica no anonimato. (PAIVA, 2001, p. 261).

Desse modo, do ponto de vista comunicacional, está aclarada a noção de que a Consagração a Nossa Senhora Aparecida se tornou, por um lado, um dos pilares que sustentam o cotidiano da devoção no Santuário Nacional e, por outro lado, um elemento de identidade para a Rádio Aparecida e, por extensão, para todo o complexo de mídias que hoje dão voz oficial ao culto da padroeira do Brasil.

4.2 – Teologia: as críticas e acolhidas ao universo mediático

Ao longo do século XX, a hierarquia da Igreja Católica acompanhou com cautela o avanço tecnológico da criação e do aprimoramento dos meios de comunicação de massa. A primeira manifestação magisterial da Igreja sobre este tema ocorre em 1936, com o documento *Vigilanti cura*. Na mensagem, o papa Pio XI aponta aos bispos dos Estados Unidos a necessidade de manter preservados os valores morais nas narrativas dos roteiros de cinema produzidos ali. Pio XI recomendava aos bispos uma postura de “procurar obter dos seus fiéis que façam cada ano, como os seus irmãos americanos, a promessa de abster-se de ver filmes que ofendam a verdade e a moral cristã” (DARIVA, 2003, p. 29). Oficialmente, o Magistério católico só voltaria a falar sobre o tema das comunicações de massa em 1957. O papa Pio XII, diante da veloz popularização da TV e, a reboque, a inovação do rádio como alternativa a esse desenvolvimento, publicou a *Miranda prorsus*, um mensagem na qual a Igreja – apesar do tom ainda moralizante – busca uma aproximação dialogal com o universo da mídia. “Só o interesse positivo e solidário pelos meios de comunicação social e seu devido uso, tanto por parte da Igreja como do Estado e dos profissionais, permitirá às próprias técnicas virem a tornarem-se instrumentos positivos de formação da personalidade” (DARIVA, 2003, p. 42).

Certamente está no Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1965, o principal posicionamento da oficialidade católica em relação ao contexto dos meios de comunicação – o que é natural tendo em vista que as reuniões conciliares promoveram um grande movimento de atualização e revisitação das bases da fé e da tradição da Igreja. Na segunda fase do concílio, em 1963, já sob o pontificado de Paulo VI, foi promulgado o decreto *Inter mirifica*. Ele aborda de maneira específica o papel a ser desempenhado pela Igreja – tanto na hierarquia quanto entre o laicato – no estudo, na compreensão e no uso dos meios de comunicação. O documento ainda se desdobra no esforço de convidar para a formação de uma consciência entre os fiéis para lidarem de forma cristã com o contato midiático.

Uma peculiaridade desse documento é que, com ele, firmou-se o consenso na Igreja de se usar o termo *comunicação social* para designar todo o universo de formas pelas quais as sociedades e culturas se comunicam em grupo, colocando de forma inclusiva – e não exclusivista – os meios de difusão informativa presentes na sociedade de então. Eis o que diz o texto:

Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriram novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação social. (INTER MIRIFICA, n. 1).

O decreto criou ainda a celebração anual do Dia Mundial das Comunicações Sociais, comemorado no catolicismo desde 1967, e trouxe uma orientação objetiva aos membros da Igreja no que se refere ao trato com esses meios: “Todos os filhos da Igreja colaborem, com espírito verdadeiramente comunitário, na utilização dos meios de comunicação social para o apostolado. Façam-no sem demora e com maior empenho, pois se trata de uma tarefa urgente” (INTER MIRIFICA, n. 13). Para promover a articulação entre os membros e estruturas da Igreja nesse campo comunicacional, o texto conciliar deu a indicação de se criar um secretariado especial para as comunicações – instituído em 1964, este organismo ganhou, quatro anos depois, o status de Pontifício Conselho para as Comunicações.

Como desdobramento do Vaticano II, foi publicado em 1971 um texto de cunho pastoral para o universo das comunicações. Trata-se da *Communio et progressio*. Nela, a premissa fundamental é de que a mídia, sendo um fruto da criatividade humana deve servir aos valores humanos em prol de uma sociedade que se pautar por valores positivos. “Se é o homem quem decide o modo de usar os meios de comunicação, então os princípios morais aqui em causa baseiam-se no mesmo homem, chamado a fazer parte da comunidade dos filhos adotivos de Deus” (COMMUNIO ET PROGRESSIO, 14). O documento ainda deixa claro o compromisso de toda a Igreja com a presença no campo comunicacional:

Bispos, Sacerdotes, Religiosos, Leigos e todos os que têm responsabilidades no seio do Povo de Deus são convidados insistentemente a escrever na imprensa, e a participar em emissões radiofônicas e televisivas. Esta representação pode trazer grandes benefícios para a opinião pública, mas exige perfeito conhecimento da índole e fins dos meios de comunicação. Por isso, as comissões nacionais, bem como as organizações especializadas atendam à informação e preparação dos que utilizam ou hão-de utilizar estes meios. (COMMUNIO ET PROGRESSIO, n. 105).

A criação do Pontifício Conselho para as Comunicações foi um preciso instrumento da hierarquia católica para se relacionar com o campo comunicacional. Anualmente, a mensagem do papa para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (celebrado na festa da Ascensão do Senhor) busca trazer um aspecto teológico diferente sobre o tema. A celebrar o vigésimo aniversário da *Communio et progressio*, o papa João Paulo II apresentou seu receio quanto à integração humana no processo comunicacional, apesar de demonstrar o encantamento com o potencial agregador dos meios de comunicação social. “Se os meios servem para enriquecer ou empobrecer a natureza do homem, vai depender da visão moral e da responsabilidade ética dos que estão envolvidos no processo de comunicação, e dos que são destinatários da mensagem dos meios de comunicação” (DARIVA, 2003, p. 393).

A primeira década do século XXI foi marcada pela discussão dos princípios éticos no uso dos meios de comunicação. Já no ano 2000, o Pontifício Conselho para as Comunicações publicou o documento *Ética nas Comunicações Sociais*, buscando delimitar fronteiras claras para a atuação nesse campo. “Dependendo do uso que fazem dos *mass media*, as pessoas podem sentir simpatia ou compaixão, ou isolar-se num mundo narcisista, que tem a si mesmo como ponto de referência, feito de estímulos cujos efeitos são semelhantes aos dos narcóticos.” (DARIVA, 2003, p. 230). Se, por um lado, a Igreja reconhece que a mídia de massa contribui para o progresso, amplia os horizontes culturais e ajuda a expressão dos aspectos humanitários e religiosos da existência humana, por outro lado a hierarquia do catolicismo alerta para os abusos éticos que podem levar a uma deturpação dos valores e a uma subversão do sentido positivo que a mídia oferece para a integração humana. “No mundo dos *mass media*, as dificuldades inerentes à comunicação são com frequência enaltecidas pela ideologia, pela avidez do lucro e do controle político, pelas rivalidades e conflitos entre os grupos, e por outros males sociais” (DARIVA, 2003, p. 249).

No Brasil, a reflexão sobre os desafios na construção de uma identidade católica na comunicação foi amplificada em 1997, com a publicação do estudo 75 da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). O documento fez uma análise de conjuntura da comunicação global, a inserção da Igreja e seus desafios, especialmente no que se refere à formação e ao planejamento para a

comunicação. Naquela época, a CNBB já enxergava, diante de um cenário plural e diverso, que “o primeiro grande desafio é o da obtenção de um consenso mínimo, entre os difíceis segmentos que constituem a macrossociedade eclesial, a respeito das bases teóricas sobre as quais construir uma política de comunicação para o ano 2000” (CNBB, 1997, n. 67).

Com a intenção de fundamentar essas bases e oferecer um substrato para a formatação das políticas de comunicação da Igreja (tanto em âmbito nacional quanto nas circunscrições regionais e diocesanas), a CNBB empreitou a publicação, em 2011, do documento de estudo nº 101, com o título “A comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil”. Depois de submetê-lo às sugestões e acréscimos de lideranças eclesiais e profissionais de comunicação, em 2014, o texto deu origem ao Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil.

É com esse cenário de reflexões propostas pelo Magistério católico que os teólogos vão trabalhar no sentido oferecer caminhos de pensamento e ação pastoral ao contexto do universo midiático. As linhas a seguir vão tratar de oferecer algumas referências desses caminhos, variando entre a acolhida e a ponderação crítica da presença do catolicismo no campo das comunicações sociais.

Referência nessa discussão, o trabalho de Brenda Carranza busca desanuviar o confuso contexto que marca a inserção avassaladora do catolicismo na mídia. Diante de uma instituição plural, ramificada e simbolicamente ainda relevante, como é o caso do catolicismo, seria muito reducionista qualquer abordagem que pretendesse formatar um *modus operandi* no que se refere ao uso ou à apropriação dos meios de comunicação por parte da Igreja Católica. Há variadas maneiras, algumas até eticamente questionáveis, de usar os meios e de propagar um conteúdo religioso com o suporte das mídias. A partir dessa pluralidade, aparece, de um lado, uma crítica feroz pelo fato de que a mídia é espaço de difusão de valores não evangélicos, de coisificação da pessoa e de deificação do consumo e da competição. De outro lado, surge a clareza de que é necessária uma presença que ajude a sustentar identidades, disseminar bons valores e atrair fiéis afastados. Está em jogo, em última análise, o papel da mídia na construção ideológica e na formação do caráter de cada sujeito:

Mesmo não sendo todo-poderosos, os meios de comunicação contêm em si a potencialidade de veicular valores morais, éticos e culturais, e até de confrontar os valores religiosos, constituindo-se numa outra opção na construção das subjetividades individuais. É esse o cerne que converte a mídia em adversária da pretensa capacidade totalizadora da religião, especificamente, da Igreja Católica. Aqui está o embate que inicia uma relação de “ódio e amor” na apropriação dos meios, sendo essas as vértebras que estruturam as ambiguidades e dilemas dessa relação que precisa ser justificada, a todo momento, por parte dos que fazem uso dos meios de comunicação social em nome da Igreja. Com isso, o leque e interpretação do sistema midiático e o impacto da mídia nas relações sociais e na organização social vai desde a produção ideológica da mensagem e do meio até a configuração de subjetividades, a partir dos estoques culturais e sociais dos receptores. A cultura midiática, como parte do consumo cultural, responde pelas linguagens híbridas dos meios que as veiculam (CARRANZA, 2011, p. 147-148).

A partir desse cenário desafiador, Carranza apresenta três facetas fundamentais para análise do uso das mídias na difusão da fé católica – notadamente no rádio. A primeira trata do diálogo entre religião e modernização. A segunda faz referência à presença do campo católico no rádio como incremento da influência política da igreja nas esferas do poder público. Interessa-nos, de modo particular, a terceira, na qual “evidenciou-se o embate interno que, para a Igreja católica, trouxe essa expansão, na qual parece ter ganho (...) o modelo de possuir os próprios meios de comunicação de massa, sob o controle da hierarquia e executado pelo seu braço secular: os leigos” (CARRANZA, 2011, p.151).

Já no campo da eclesiologia, aparece uma possibilidade de abordagem que oferece uma perspectiva mais integradora entre catolicismo e mídia. Nela, a análise defende a noção de que é possível ser Igreja a partir da mediação oferecida pelos veículos de comunicação de massa. A tese de doutorado de Nuñez de La Paz aborda essa situação de modo profundo. Ao estudar o entrecruzamento entre evangelização e comunicação dentro da comunidade católica Canção Nova, a autora afirma que se trata de “um fenômeno religioso que, ao fazer uso dos meios de comunicação e, principalmente, pela forma como trabalham com esses meios, marca uma distinção na história do cristianismo” (NUÑEZ DE LA PAZ, 2008, p. 18).

Seja na crítica, seja na acolhida, a discussão sobre a inserção do catolicismo na mídia passa pelo tópico da sustentabilidade financeira. Afinal, alguém tem que pagar as estruturas técnicas e os profissionais que fazem chegar

aos fiéis as mensagens transmitidas pela mídia. Como rádio e televisão, no Brasil, são concessões públicas, além dos custos de manutenção tecnológica e de pessoal, uma série de encargos regulatórios, como pagamento de licenças para equipamentos de transmissão, taxas de renovações de outorgas, contribuições aos fundos públicos de comunicações e outros tributos específicos do setor.

Desse modo, falar de dinheiro acaba sendo fundamental. E aqui, mais uma vez, são várias as experiências do catolicismo introduzido na mídia. Os modelos de financiamento são diversos: há emissoras mantidas por fundações e associações que subsistem apenas com as ofertas dos seus sócios e com a venda de produtos de evangelização correlatos ao carisma da emissora; outras entidades funcionam com financiamento misto, mesclando as doações com algumas aberturas de espaço para publicidade estatal ou de produtos e serviços mais voltados à saúde e ao bem estar; e há modelos eminentemente comerciais, em que as emissoras promovem inclusive o arrendamento de horários para programas de variedades, esportivos e de entrevistas. Entra em cena, no bojo das discussões sobre o financiamento das emissoras, o contexto do marketing católico. Para o professor Arlindo Dias, as estratégias utilizadas para a manutenção de alguns projetos de evangelização acaba por escorregar para uma lógica extremamente mercantilizada:

A lógica dos meios de comunicação é a filha da lógica das leis do mercado: importa o consumo. Quanto maior a quantidade de consumidores, maior a eficácia do consumo. Ainda que para isso seja necessário transformar a mercadoria em fetiche e anestesiar o telespectador-consumidor. Associa-se o resultado à posse do bem adquirido, mesmo que não haja relação entre as duas coisas. Atua-se como se a simples compra de uma fita sobre o uso de drogas tivesse efeito sanador sobre as pessoas que a adquirem (DIAS, 2001, p. 145).

Nesse mesmo tema, o estudo de Lindolfo Alexandre de Souza revela que há dissonâncias em relação a essa mentalidade. Ele aponta para as críticas que esse modelo mercantil do marketing enfrenta dentro do próprio campo católico:

Os cristãos críticos ao marketing religioso o são pelo fato de serem, também, críticos às culturas do consumo e do mercado, inerentes ao capitalismo. Como são críticos ao capitalismo, acabam sendo, por consequência, críticos à aceitação do marketing na ação eclesial (SOUZA, 2011, p. 78-79).

Entre as discussões sobre as fronteiras entre sustentação e mercantilização dos canais de comunicação católica, há que se resgatar a discussão sobre o que é essencial na transmissão da fé. Nesse sentido, o padre jesuíta Antonio Spadaro coloca em xeque a relação entre o a mensagem do Evangelho e a lógica das mercadorias. Ainda que a reflexão esteja inserida já num contexto de redes digitais, certamente o raciocínio também vale para o universo do rádio e da televisão:

O cristão não é um “consumidor de serviços religiosos”, nem uma pessoa que tem uma resposta à mão. O cristianismo se autocompreende como portador de uma mensagem – aquela da morte e ressurreição de Cristo – que resiste a assimilações, que é “escandalosa”, capaz de superar a própria pergunta do homem. A presença cristã na rede deve servir de alavanca para o fato de que a palavra do Evangelho abala, não aclama ou apazigua: não serve para “fazer se sentir bem”, mas, ao contrário, arrisca seriamente a colocar as consciências em crise, ou seja, de “fazer se sentir mal”, poderíamos dizer (SPADARO, 2012, p. 53).

Por fim, independentemente dos aspectos de crítica que venham a ser levantados, parece irreversível a disposição da Igreja Católica em lançar-se no universo das comunicações sociais. A atenção daqueles que se propõem a gerir emissoras, produzir programas e acompanhar projetos na área de comunicação deve estar concentrada na identidade daquilo que se comunica. É o que pontua com precisão o texto de Joana Puntel:

É tarefa da Igreja anunciar a mensagem da salvação a esta sociedade. Para conseguir fazê-lo é necessário discernir e renovar-se, bem como voltar a pensar na própria identidade – a identidade de evangelizar. A atenção, entretanto, volta-se para o fato de que para ser fiel ao Evangelho, neste contexto, um simples processo de adaptação ou a procura de modalidades atuais de comunicação *não bastam*. É necessário individualizar formas críveis para uma comunicação da fé em um contexto sociocultural, no qual o Evangelho deve se encarnar sem dispersar-se e sem anular-se. E isto faz parte da identidade da Igreja: a evangelização (PUNTEL, 2010, p. 173, grifos da autora).

Desse modo, um ideal de utilização dos meios de comunicação por parte da Igreja Católica prevê que evangelização e identidade devem andar de mãos dadas no processo de produção e anúncio das mensagens. O esforço empreendido até aqui foi justamente o de contextualizar e sinalizar, com o amparo dos acervos teóricos e documentais, que a transmissão radiofônica da

Consagração a Nossa Senhora Aparecida é um fenômeno religioso e de mídia que, na sua realização cotidiana, busca alinhar esses dois componentes, configurando-se inclusive, com a força do rádio, como elemento constitutivo da cultura religiosa de parcela importante do povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos esforços empreendidos nas seções anteriores desta pesquisa, abre-se nas linhas a seguir um espaço para algumas pontuações tanto para o conteúdo do trabalho em si quanto nos aspectos metodológicos e de continuidade dos estudos.

Preliminarmente, faz-se necessária uma observação que pode ser muito útil para o campo das Ciências da Religião: o Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Aparecida é uma preciosidade em termos de fontes documentais. Nas páginas do jornal Santuário de Aparecida e da revista Ecos Marianos, cujos acervos integrais estão ali disponíveis, é possível traçar com muita propriedade quais eram as prioridades, os dramas e as inquietações da oficialidade da Igreja Católica no Brasil desde os primórdios do século XX. O jornal, em particular, tem elementos muito particulares de construção narrativa que, inclusive, ensejam neste pesquisador um interesse para futuras investigações científicas.

No que tange à pesquisa em si, cabe, por primeiro, destacar que o intento primário deste trabalho, expresso ainda no anteprojeto, foi alcançado – a saber: lançar luz sobre o fenômeno religioso presente no programa de rádio da Consagração a Nossa Senhora Aparecida. Na busca por esta iluminação surgiram informações documentais preciosas – algumas até inusitadas – e relatos que, ainda às vezes incongruentes entre si, foram capazes de servir de balizas para a construção desta pesquisa.

Além desse objetivo mais bruto, a pesquisa se propunha a investigar em que medida o programa de rádio da Consagração contribui para a construção da identidade institucional da Rádio Aparecida e, por extensão, do próprio Santuário Nacional. As narrativas colhidas e articuladas, especialmente nas duas primeiras seções do trabalho, parecem encaminhar para uma resposta: é muito forte o valor simbólico deste programa para a construção institucional da devoção a Aparecida no Brasil. O testemunho do padre Agostinho Frasson na revista Ecos Marianos de 2001 é lapidar para comprovar essa relação:

Se não tivéssemos a Rádio Aparecida como veículo de divulgação da pastoral, não poderíamos imaginar em que nível de expressão estaria colocado, no cenário nacional, o Santuário de Aparecida. [...] O Santuário Nacional, com suas celebrações transmitidas pela rádio, especialmente a Consagração a Nossa Senhora Aparecida com o padre Vitor Coelho de Almeida, colocou nos lares católicos em todo o Brasil a catequese, a pastoral, a liturgia, a Bíblia e a cultura religiosa (FRASSON, 2001, p. 93).

Está cristalina, com esta pesquisa, a noção de que a voz institucional da devoção a Nossa Senhora Aparecida encontrou na difusão mediática uma aliada de poder inestimável para se fazer ouvir Brasil afora. Tem-se, portanto, no contexto de Aparecida, um caso muito emblemático de uso das ferramentas de comunicação (num primeiro as massivas e, contemporaneamente, também as digitais) para robustecer e popularizar o discurso religioso.

Seria muito ousado afirmar que esta pesquisa, que agora se finda, resolveu todos os questionamentos e aparou todas as arestas relacionadas ao evento radiofônico da Consagração a Nossa Senhora Aparecida. O que agora se apresenta é um recorte circunstancial do fenômeno que, por limitações documentais já apresentadas na introdução, acabou centrado na figura dos seus produtores – os padres redentoristas, seja na condução do programa, seja na burocracia da gestão da emissora de rádio. Não há dúvidas de que há muito ainda por se pesquisar, especialmente no que se refere ao impacto dessa programação religiosa no cotidiano das famílias e na tradição religiosa das pessoas. Uma investigação com esse recorte, no entanto, demandaria um método de investigação de campo, com caráter etnográfico e delimitação teórica suportada pela Antropologia.

O que se buscou oferecer aqui foi um diálogo singelo entre a Teoria da Comunicação, a Teologia Pastoral e o levantamento documental. Algo modesto, sem dúvidas, se comparado ao rico e denso universo de pesquisas que abordam o binômio mídia-religião. No entanto, oxalá o caminho percorrido neste esforço acadêmico sirva de ponto de partida para novas investigações ou ainda como referencial para outros trabalhos que busquem tratar dessa peculiar relação entre discurso religioso e ambiente comunicacional massivo.

REFERÊNCIAS

AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, S. **A Prática do Amor a Jesus Cristo**. 7 ed. Aparecida: Santuário, 1996.

ALMEIDA, V. C. A Rádio Aparecida e a Catequese. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 19. Fasc. 3. Rio de Janeiro: Vozes, 1959.

_____. **A Súplica da Esperança**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.a12.com/redacaoa12/musica/liturgia/festa-da-padroeira-2018-a-suplica-da-esperanca>> Acesso em: 1 mar 2019.

_____. Deus, o amor... e o rádio. In: **Revista da Rádio Aparecida**. Ano 1, nº 1. Aparecida: Santuário, 1955.

_____. Rádio Aparecida. In: **Jornal Santuário de Aparecida**. Edição de 17/10/1951.

ALVAREZ, R. **Aparecida**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

ANDRADE, W. **Mãe de Milagres: Nossa Senhora Aparecida**. Cachoeira Paulista: Ed. Canção Nova, 2017.

ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.

AZEVEDO, L. C. de. **No Tempo do Rádio: Radiodifusão e Cotidiano o Brasil. 1926-1960**. 2002. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf> Acesso em: 23 ago 2019

BEOZZO, J. O. Religiosidade Popular. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 42, fasc. 168. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRUSTOLONI, J. **História de Aparecida**. Aparecida: Santuário, 1998.

_____. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias**. Aparecida: Santuário, 2004.

CARRANZA, B. **Catolicismo Midiático**. Aparecida: Ideias e Letras, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993

CNBB. **Igreja e comunicação rumo ao novo milênio**. Estudos da CNBB 75. São Paulo: Paulus, 1997

_____. **Missal Romano**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.

_____. **Sacramentário**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

COMUNIDADE REDENTORISTA DE APARECIDA. **Crônica da Comunidade Redentorista de Aparecida: 1954 – 1962**. Volume VI. Aparecida: 1958.

COMMUNIO ET PROGRESSIO. Instrução Pastoral sobre os Meios de Comunicação Social. 1971. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html> Acesso em: 26 ago 2019.

CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA. Programa de rádio. Edições de 1/9/2017; 2/9/2017; 3/9/2017; 4/9/2017; 5/9/2017; 6/9/2017; 7/9/2017; 8/9/2017; 9/9/2017; 10/9/2017; 16/9/2017; 17/9/2017; 18/9/2017; 19/9/2017; 20/9/2017; 26/9/2017; 27/9/2017; 28/9/2017; 29/9/2017; 30/9/2017.

DARIVA, N. (Org). **Comunicação social da Igreja** – documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

DIAS, A. P. **Domingão do Cristão: estratégia de comunicação da Igreja Católica**. São Paulo: Salesiana, 2001.

FERRARETTO, L. A. Rádio e Capitalismo o Brasil: uma abordagem histórica. In: HAUSSEN, D. F.; BRITTOS, V. C. (Org). **Economia política, comunicação e cultura: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira**. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2009.

FRASSON, A. Rádio Aparecida e Santuário Nacional: um só objetivo. In: **Ecos Marianos: almanaque de Nossa Senhora Aparecida**. Aparecida: Santuário, 2001.

HAUSSEN, D. F.; BACCHI, C. S. **A Revista do Rádio Através de seus Editoriais (década de 50)**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/435/000309390.pdf>> Acesso em: 26 ago 2019.

IBOPE. **Pesquisa sobre Hábitos de Audiência de Rádio Realizada em 40 Cidades do Brasil**. Rio de Janeiro, 1958. Disponível em <<https://www.ael.ifch.unicamp.br/ael-digital>> mediante cadastro. Arquivo salvo na galeria sob o nome de ibope_midia_rd_rd_033_mr_0128.pdf. Acesso em: 10 set 2019.

INTER MIRIFICA. Decreto Sobre os Meios de Comunicação Social. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html> Acesso em: 26 ago 2019.

JORNAL SANTUÁRIO DE APARECIDA. Aparecida: Santuário. Edições de 17/10/1951; 1/5/1955; 1/5/1955; 3/6/1956; 16/9/1956; 24/3/1957; 7/9/1958.

KAPLÚN, M. A Natureza do Meio: limitações e possibilidades do rádio. In: MEDITISCH, E. (org). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Vol 2. Florianópolis: Insular, 2008.

MARTINO, L. M. S. **Mídia e Poder Simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Mídia, Religião e Sociedade: Das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

MANCÍLIO, F. **O Dom de uma Vida: Conhecendo e rezando com o servo de Deus Pe. Vitor Coelho de Almeida.** Aparecida: Santuário, 2012.

MENDONÇA, M. L. Comunicação e Cultura: um novo olhar. In: SOUSA, M. W. de (Org.). **Recepção Mediática e Espaço Público: novos olhares.** São Paulo: Paulinas, 2006.

MENEZES, J. E. de O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros.** São Paulo: Annablume, 2007.

MONTERO, P.; DELLA CAVA, R. A Igreja Católica e os meios de comunicação de massa. In: **Religião e Sociedade**, vol 13, nº 3. Rio de Janeiro: 1986.

NÚÑEZ DE LA PAZ, N. I. **Evangelização que comunica e Comunicação que evangeliza: Comunidade Canção Nova, um novo jeito de ser igreja a partir do entrecruzamento evangelização-comunicação.** São Leopoldo: Faculdades EST/PPG, 2008. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BR-SIFE/615/nunez_n_td74.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 15 set 2018.

PADRES REDENTORISTAS. **Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida.** Aparecida: Tipografia do Santuário, 1904.

_____. **Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida.** 12 ed. Aparecida: Santuário, 1928.

_____. **Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida.** 15 ed. Aparecida: Santuário, 1954.

_____. **Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida.** 16 ed. Aparecida: Santuário, 1962.

_____. **Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida.** 61 ed. Aparecida: Santuário, 1999.

_____. **Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida.** 73 ed. Aparecida: Santuário, 2009.

PAIVA, G. **Pe. Vitor Coelho de Almeida: O Missionário da Senhora Aparecida.** Aparecida: Santuário, 2014.

_____. **Rádio Aparecida: 50 anos de história.** Aparecida: Santuário, 2001.

PAIXÃO, M. J. Rádio Aparecida: 42 anos evangelizando o Brasil. In: **Ecos Marianos 1993.** Aparecida: Santuário, 1993.

PUNTEL, J. **Comunicação: Diálogo dos saberes na cultura midiática.** São Paulo: Paulinas, 2010.

QUEIROZ, A. Consagração a Nossa Senhora: 50 anos. In: **Revista de Aparecida.** Ano 4, nº 8. Aparecida: Santuário, 2005.

REVISTA DA RÁDIO APARECIDA. Ano 1, nº 1. Aparecida: Santuário, 1955.

SOUSA, M. W. de. Práticas de Recepção Mediática como Práticas de Pertencimento Público. In: _____. (Org.). **Recepção Mediática e Espaço Público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SOUZA, A. R. As Investidas Católicas na Mídia. In: **Revista de Estudos da Religião - REVER**. Ano 8, vol 3, p. 2-25. 2008;. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_souza.pdf> Acesso em 29 ago 2019.

SOUZA, B. G. de. **A Documentação da Fé: Enquadramento de Objetos Votivos no Santuário Nacional de Aparecida**. 2012. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/Souza,%20B.G._doutorado_C.I._2012.pdf> Acesso em: 18 abr 2019.

SOUZA, E. C. de. **Consagração a Nossa Senhora Aparecida**. Aparecida: Santuário, 2016.

SOUZA, L. A. de. **Marketing Católico e a Crítica Profética: desafios à ação evangelizadora**. Aparecida: Santuário, 2011.

SPADARO, A. **Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TAVARES, R. C. **Histórias que o rádio não contou**. 2 ed. São Paulo: Harbra, 1999.